

stricto
SENSU
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

LOECI MARIA PAGANO GALLI

**COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEA: uma visão da
Fenomenologia, Gestalt-terapia e da Hermenêutica**

**Porto Alegre
2007**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
LINHA DE PESQUISA: COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIAS DO
IMAGINÁRIO

**Comunicação Contemporânea: uma visão da Fenomenologia, Gestalt-
terapia e da Hermenêutica**

Loeci Maria Pagano Galli

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Beatriz Furtado Rahde

Porto Alegre, janeiro de 2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - CURSO DE PÓS-
GRADUAÇÃO

**Comunicação Contemporânea: uma visão da Fenomenologia, Gestalt-
terapia e da Hermenêutica**

Loeci Maria Pagano Galli

Tese apresentada a Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção
do título de Doutora em Comunicação Social.

Orientadora: Prof^ª Dr^a Maria Beatriz Furtado Rahde

Porto Alegre, janeiro de 2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G168c Galli, Loeci Maria Pagano

Comunicação contemporânea: uma visão da gestalt fenomenológica e da hermenêutica / Loeci Maria Pagano Galli. — Porto Alegre, 2007.

185 f.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação Social Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Tecnologia do Imaginário. PUCRS, 2007.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Beatriz Furtado Rahde

1. Comunicação - Aspectos Sociais. 2. Gestalt-Terapia.
3. Comunicação E Cultura. 4. Fenomenologia. 5. Hermenêutica.
I. Título.

CDD : 301.14

Bibliotecário Responsável

Ginamara Lima Jacques Pinto

CRB 10/1204

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Maria Beatriz Furtado Rahde (Orientadora PUCRS)

Prof^ª Dr^ª Teresinha Mello Da Silveira (UERJ)

Prof^ª Dr^ª Maria Luiza R. Becker (UFRGS)

Prof^ª Dr^ª Helena Scarparo (PUCRS)

Prof^º Dr. Roberto Porto Simões (PUCRS)

**A vida se manifesta no que nos surpreende.
Conduzir a vida por valores a priori, introjetados e
inconscientes - representa uma vida sem o exercício da
criatividade. (Loeci Galli)**

Dedicatória

Aos meus queridos Celso, César, Gerson e Jorge.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a Maria Beatriz Furtado Rahde, em especial por acolher minha idéia, ter incentivado e aprimorado meus conhecimentos com sua sabedoria, pessoa que me inspira profissionalmente a não desistir de pesquisar, questionar e buscar informação. Foi amiga no instante mais difícil da minha vida, deu-me coragem e me impulsionou para vencer.

Aos meus pais (in memoriam) pela amizade, dedicação à família, modelo de retidão de caráter e busca de aprimoramento cultural.

Aos meus filhos, Celso, César e Gerson. Meu forte sentido de vida, dediquei esta tese para que simbolize a importância das trocas de idéias que sempre estiveram presentes em nossas vidas e da admiração e orgulho que sinto de estar sempre aprendendo com eles.

Ao meu marido Jorge por nossa construção de vida, caminhos que refletem acima de tudo amor, amizade e que me deram força e incentivo à realização pessoal e profissional.

Ao meu mestre em Gestalt-terapia, professor e amigo Walter Ferreira da Rosa Ribeiro que por ter acreditado em mim, me fez uma pessoa melhor.

À minha muito querida amiga Iracy Laura Santana Silveira que desde o início de nossa amizade foi companheira, parceira, a pessoa que sempre acreditou em mim e que nos momentos mais difíceis esteve ao meu lado.

À Tânia Berttoluci Deodique de Souza pelas trocas, amizade e força.

À Maria Tereza Souza da Silveira por todos esses anos de dedicação, amizade e solidariedade, sem seu apoio não poderia ter realizado muito do meu trabalho.

Aos Professores: Dr^a. Valdemarina Bidone, Dr. Ricardo Timm de Souza, Dr. Roberto Porto Simões, Dr. Ernildo Stein, Dr. Ernest Thughendat e Dr. Juremir Machado da Silva por terem ampliado minha consciencia com seus conhecimentos.

À todos amigos mais íntimos, pacientes (amigos melhor dizendo) que me possibilitaram compreender e respeitar a complexibilidade do ser humano e me impulsionaram a não esgotar a curiosidade sobre o existir fenomenológico.

Agradeço aos componentes da banca por terem gentilmente aceito o convite.

Colaborou neste trabalho: revisão de Português o Prof^o Mestre em Educação Rafael P. Jardim.

SUMÁRIO

Resumo.....	12
Abstract.....	14
Dados Pessoais.....	16
Introdução.....	18
Justificativa.....	22
Trajetória Metodológica.....	25
Questão-Problema.....	26
Objetivos Gerais.....	29

Objetivos Específicos.....	31
Tese.....	32
1 Revisão Teórica	
1.1 Comunicação.....	33
1.2 Comunicação e Estética da Personalidade.....	39
1.3 Comunicação e Relacionamento Interpessoal.....	50
1.4 Comunicação, Linguagem e Hermenêutica.....	55
1.5 Comunicação e Dialógica do Indivíduo e da Sociedade.....	62
1.6 Comunicação e Imaginário Cultural	66
2. Gestalt e Comunicação	
2.1 Gestalt como Terminologia.....	72
2.2 Psicologia da Gestalt.....	73
2.3 Origens da Gestalt-Terapia.....	85
2.4 Aplicabilidade da Gestalt-Terapia.....	92
2.5 Princípios Básicos da Gestalt-Terapia.....	98
2.5.1 Contato.....	98
2.5.2 Awareness.....	105
2.5.3 Figura-Fundo.....	107
2.6 Gestalt-Terapia: um Processo Dialógico de Comunicação.....	110
3. Visualidades em Heidegger	
3.1 O Fenômeno da Comunicação.....	115
3.2 O Homem e a Técnica	117
3.3 O Ser-Sí-Mesmo Cotidiano “A Gente”.....	121
3.4 Decaída e a Condição de Arrojado	127

4. Metodologia	
4.1 Caminhos Metodológicos - o que é Fenomenologia.....	130
4.2 Método Fenomenológico.....	135
4.3 A Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger.....	141
4.4 Método Hermenêutico como Caminho da Investigação Científica.....	146
4.5 Círculo Hermenêutico de Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer...	151
5. Comunicação Contemporânea: caminhos construídos a partir de uma pré-reflexão.....	155
6. Referências Bibliográficas.....	170
7. Anexos.....	185
A1 Complexo de Édipo na Visão de Winnicott	
A2 Complexo de Édipo na Visão de Alice Miller	
B 25% das Meninas Sofrem Incesto	
C Origem Mítico-Etimológica da Hermenêutica	

RESUMO

Este trabalho objetivou um modo de compreender o papel da comunicação fundamentado nas epistemologias Fenomenológica, Hermenêutica e Gestalt-terapia.

É abordada a necessidade do comunicador compreender-se como produto e produtor de uma cultura, como leitor e receptor do imaginário cultural, assim como fonte geradora de informações e opiniões.

Através dessa abordagem metodológica realizou-se um breve estudo sobre a comunicação e seu importante papel nas relações interpessoais, na dialógica entre indivíduo e sociedade, no desenvolvimento da personalidade e no imaginário cultural. Num segundo momento, foi descrita a visão do homem da Gestalt-terapia, que inclui o processo comunicativo com o objetivo de clarear o que se quer mostrar, uma busca de contato mais consciente do comunicador com seu interior e exterior, numa leitura integrativa.

No terceiro momento pesquisou-se em Martin Heidegger um modo de compreensão sobre os processos de comunicação, como suporte para os fundamentos dessa tese .

O quarto momento quer esclarecer a situação do ser no mundo, ainda com o objetivo de entender o homem em seu tempo e espaço, em sua singularidade e pluralidade. Como regra básica de pensamento, considera-se o real como fenômeno e não como objeto. Com esta intenção, explicitaram-se conceitos da Fenomenologia, Método Fenomenológico, Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger, Método Hermenêutico e Círculo Hermenêutico.

Os objetivos desse trabalho foram alcançados. Confirmou-se a tese norteadora de que é relevante para o comunicador compreender suas origens culturais, seu estar-no-mundo, as atitudes humanas como característica fundamental de seu compromisso com o ambiente e ter consciência com responsabilidade das mensagens transmitidas.

Buscou-se uma comunicação em todos os âmbitos, mais consciente, criativa, reflexiva, responsável e menos contaminada pelos condicionamentos adquiridos.

Palavras Chave:

Comunicação, Fenomenologia, Hermenêutica e Gestalt-terapia.

ABSTRACT

This paper outlines a way to understand the role of communication based on Phenomenological, Hermeneutical and Gestalt-therapy epistememes.

It covers the communicator's need to understand him/herself as the product and the producer of culture, as the reader and the recipient of the Cultural Imaginary, as well as the generating source of information and opinions.

Using this methodological approach, a brief study was carried out about communication and its major role in interpersonal relations, in the dialogic between the individual and society, in the development of the personality and in the Cultural Imaginary. Secondly, the view of man was described according to the Gestalt-therapy. This view includes the communicative process aimed at clarifying the ideas we want to hold, i.e., the search for a more conscious contact by the communicator with both his/her interior and exterior, in an integrative interpretation.

Thirdly, using Martin Heidegger's ideas, a way of understanding communication processes was researched, as support for the principles of this thesis.

The fourth step was aimed at clarifying the situation of human beings in the world, also with the objective of understanding man in his time and space, in his singularity and plurality. As a basic rule of thought, reality is considered as a phenomenon and not as an object. With this in mind, Martin Heidegger's concepts of Phenomenology, the Phenomenological Method, Hermeneutics Phenomenology, Hermeneutic Method and the Hermeneutic Circle were explained.

The objectives of this paper were accomplished. The guiding thesis was confirmed: that it is relevant for the communicator to understand his or her cultural origins, his or her being-in-the-world, human behavior as the basic characteristics of his or her commitment to

the environment and to be aware, with a sense of responsibility, of his or her transmitted messages.

We aimed for communication in several spheres that is more conscious, creative, reflexive, and responsible and less biased by conditioned ideas.

Key words:

Communication, Phenomenology, Hermeneutics and Gestalt-therapy.

Dados Pessoais

Nome

Loeci Maria Pagano Galli

Endereço

Rua Luiz Manoel Gonzaga, 351 / 301 Bairro Petrópolis

Porto Alegre RS – Brasil

CEP

90470-280

Telefone

(51) 3328 96 14

Celular

(51) 9122 33 04

E-mails

igestalt@igestalt.psc.br

loeci@brturbo.com

Site

www.igestalt.psc.br

Formação

- **Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) em 1969.**
- **Inscrita no CRP com o número 07/00404 como especialista e supervisora clínica.**
- **Formada em Gestalt-terapia desde 1980.**
- **Mestre em Comunicação Social pela PUC-RS em 2000.**

- **Doutoranda em Comunicação Social na PUC-RS, na linha de pesquisa Cultura, Mídia e Tecnologia do Imaginário.**

Atividades Profissionais Atuais

- **Atuação na área clínica desde 1970, com especialização em casais, grupos e adultos**
- **Diretora do Gestalt-Centro do Rio Grande do Sul.**
- **Coordenadora de cursos de formação em Gestalt-terapia: abordagem fenomenológica e existencial.**
- **Supervisora de Clínica na Abordagem Gestáltica para Estudantes e Profissionais.**

Atividades Anteriores

- **Exerceu o cargo de professora titular da Faculdade de Comunicação Social por 34 anos, na PUC-RS.**
- **Medalha Irmão Afonso, novembro de 1995**
- **Fundadora do Instituto de Gestalt-Terapia do Rio Grande do Sul.**
- **Supervisora de estágios de clínica na Abordagem Gestáltica para Estudantes e Profissionais na PUC-RS e na UFRGS.**

Introdução

Este trabalho reflete sobre a comunicação contemporânea, tanto de quem comunica quanto de quem recebe a comunicação. Visa uma compreensão do ser como pluralidade - refletido por uma cultura, uma sociedade, uma época. Para isso, baseia-se na leitura hermenêutica e da gestalt-fenomenológica. Indaga a importância da auto-consciência, considerando a singularidade como condutora de relações éticas com o meio.

A comunicação contemporânea está cada vez mais presente na vida das pessoas. Hoje sabemos do tempo, dos acontecimentos de nossa cidade, do mundo, dos perigos iminentes em poucas horas. Aprendemos comportamentos, modas, valores, emoções, sentimentos, preconceitos, formas de relacionamentos, desejos e necessidades. Desta forma, constituímos nossas identidades através dos meios de comunicação.

Além disso, adquirimos a cultura de nosso grupo social, também por estes meios. Eles são veículos de informação e de valores que nos constituem como sujeitos em nossa sociedade. Os meios de comunicação, em especial a televisão, compõem nossa subjetividade pela presença forte em nossas vidas. Difícil é saber até que ponto um meio de comunicação é apenas um reflexo da sociedade em que está inserido ou se é um importante agente social. Muitas vezes leituras hegemônicas impedem o acesso à diversidade.

Nesta tese a comunicação é vista como a ciência que comunica informações sobre a realidade vivida por indivíduos que interagem. Salienta-se a importância da consciência e da compreensão das atitudes humanas pelo comunicador ao relatar suas percepções. Além de

reprodutor do imaginário cultural, ele é fonte e gerador de informações e opiniões, sem desconsiderar o papel do receptor.

Busca-se uma comunicação mais consciente, criativa, responsável, menos contaminada pelos condicionamentos adquiridos. A mídia tem muito poder sobre os comportamentos, e sobre a informação que comunica. Portanto ela pode orientar comportamentos para a reflexão.

O papel da comunicação se torna cada vez mais importante na corrida para a evolução de uma nova consciência. Não são suficientes apenas informações sensacionalistas, é primordial que o comunicador seja facilitador para a busca de um sistema de valores mais solidários em todos os âmbitos: família, empresa, comunidade, sociedade.

O destino da comunicação e do consumo de massa, refletem certos exageros de viver o presente de forma diferente do que se experimentou anteriormente, quando os valores priorizavam o futuro. Hoje vivemos um presente cheio de ansiedades, depressões, poluição, desmatamento, aquecimento do planeta, novas tecnologias, globalização, competição distorcida, egoísmo, violência, incertezas e riscos.

Acredita-se que o existir humano está repleto de aspectos contrastantes e complexos. Embora o homem tenha liberdade de ação, ele perde a consciência dos condicionamentos, através de bloqueios inconscientes. Mesmo convivendo com pessoas e sendo relacional por natureza, depara-se com sua solidão, angustia, pânico e aflições tão comuns atualmente. Por vezes experimenta momentos de intensa felicidade, realização pessoal, assim como tem necessidade social de um comportamento criador, principalmente de comunicar-se, de trocar, de contatar o outro. O homem vive e morre numa paradoxal simultaneidade: caminha no sentido de viver mais plenamente, acumulando suas experiências de vida, como também se aproxima cada vez mais da própria morte.

Vir ao mundo significa poder partilhar o seu modo de ser. O ser que o define em sua individualidade, que se abre à possibilidade da coexistência e determina uma esfera infinita em que subsistem inúmeras possibilidades de encontro, de comunicação, de compreensão entre o eu e o outro. Toda essa complexidade tem levado cientistas a investigar o existir.

Uma pessoa não precisa estar necessariamente “adaptada” à sua cultura e nem ser conformista. Em qualquer época e em qualquer cultura, poderá viver de maneira construtiva, em grande harmonia com o seu meio cultural para conseguir satisfação equilibrada de suas necessidades. Em determinadas situações culturais, esta mesma pessoa poderá, em alguns aspectos, ser muito feliz, e continuará a progredir para procurar satisfazer da melhor forma possível suas necessidades, adaptando-se, tanto às novas como às antigas condições de vida.

Quando um indivíduo consegue esta consciência mais ampliada altera seu comportamento para compreender suas próprias necessidades, bem como as do campo¹ igualmente vasto, entende as exigências do meio social e passa a desenvolver uma profunda necessidade de associar-se e comunicar-se com os outros, pois sabe que cada indivíduo se converte em membro necessário pelos acontecimentos de sua vida no todo.

A Gestalt-terapia ressalta que a potencialidade humana é tão infinita quanto a sua adaptabilidade ao meio e isto é o que o organismo humano precisa para sobreviver, crescer e se atualizar.

A importância da comunicação está na consciência da relevância das informações que certamente levarão as pessoas a refletir ou a agir, mas sempre tendo consciência de que será um fator motivacional. Só é possível conseguir respeitar a vida humana e a vida em geral quando existir consciência de que não existe escolha entre o bem e o mal, mas que é preciso coragem para que os indivíduos tenham o direito de pensar e de escolher. É certo que o indivíduo existe pelo modo como pode filtrar as mensagens do mundo exterior, mas se ele não tiver oportunidade de pensar, não desenvolverá a propriedade de reflexão. Como diz Morin (1998, p.124), “É preciso saber que a ciência e a razão não tem a missão providencial de salvar a humanidade, porém, têm poderes absolutamente ambivalentes sobre o desenvolvimento da humanidade”.

Tendo vivenciado experiências, profissionais ligadas a uma filosofia de vida, esta pesquisadora é formada em Psicologia com especialidade em Gestalt-terapia na área de adultos, casais e grupos. Unindo esta experiência de consultório psicoterápico ao estudo da

¹ Definição de “Campo” : Por campo, entende-se todo o comportamento (incluindo ação, pensamento, desejo, busca, valorização, realização etc.) concebido como uma mudança de algum estado de um campo, numa determinada unidade de tempo. Por campo deve-se considerar o espaço de vida do indivíduo. Seu espaço de vida se constitui pela pessoa e do meio psicológico como ele existe para a pessoa. (Lewin, 1965 p. XIII).

Comunicação, acredita-se que, quando há um processo de comunicação, devem-se fundamentar previsões naquilo que já é sabido. O que se sabe é apenas parte do que é sabido, e o que é sabido é apenas parte do que se pode saber e o que se pode saber é apenas parte do que determina o comportamento. O estudo da Comunicação (aliado aos da Fenomenologia Hermenêutica e da Gestalt-terapia) confirma que o comportamento humano não pode ser previsto com exatidão. Quando se amplia a percepção de mundo - a autoconsciência - entende-se que a vida humana é um processo, como a comunicação, a aprendizagem e a organização social. Quando há comunicação inexoravelmente aparece a influência do ambiente, assim como do meio social que, por sua vez, influencia a comunicação, enquanto a cultura influencia o desenvolvimento da personalidade.

Na faculdade de Comunicação Social, foram desenvolvidas atividades docentes por 34 anos consecutivos. Este período serviu de motivação para ampliar a percepção sobre o existir humano e ao mesmo tempo propiciou respostas e perguntas a respeito do viver. Na busca de um melhor autoconhecimento, trazido pela importância da Ciência da Comunicação, da consciência da situação em que o ser se encontra no mundo, considera-se que é na alternância das teorias e da vivência que se pode ampliar a visão dos fenômenos que integram nossa vida. Assim esta pesquisa propõe uma visão da comunicação contemporânea contemplando a Fenomenologia Hermenêutica e a Gestalt-Terapia

Justificativa

Toda comunicação pode ser altamente curativa, no sentido de gerar nos indivíduos, ponderações, prudência, permitindo assim o desenvolvimento da criatividade. Por outro lado neurotizante e massificante quando não oferece condições aos indivíduos de reflexão. Busca-se nesse trabalho a importância do desenvolvimento da consciência de si e sobre as relações interpessoais para o comunicador no relato de suas percepções.

Apoiada inicialmente pela teoria culturalista de Karen Horney (1885 – 1952), procura-se entender o homem em seu contexto social.

Certamente Sigmund Freud foi um grande pensador, grande homem, grande cientista e excelente teórico. Ele devolveu ao homem a possibilidade de ter comportamentos movidos inconscientemente. Mas não se pode esquecer que, para compreender melhor um pensador, um grande descobridor, é preciso buscar o entendimento do ser humano no seu contexto histórico, nas suas relações familiares, em suas experiências de vida e influências recebidas de pensadores e filósofos.

Talvez pelo fato de ter atuado desde 1970 até 2004 como professora na Faculdade de Comunicação, o contato com colegas e alunos com outra visão conduziram, na busca de novas possibilidades de entendimento do ser humano. Assim passando a estudar varias teorias de personalidades, como teoria Culturalista de Karen Horney, conforme referido acima, Teoria Centrada na Pessoa de Carl Rogers (1902 - 1986), Teoria Profunda de Carl Gustav Jung (1875 – 1961), Teoria Antropológica de Eric Berne (1910 - 1970) Teoria Individual de

Alfred Adler (1870-1937) até conhecer, escolher e permanecer desde 1980 no estudo da Gestalt-terapia, que tem como seu expoente máximo, Frederic Perls(1893-1970). Esta teoria humanista com base na Fenomenologia, na Hermenêutica e no Existencialismo, passou a traduzir anseios de entendimento do ser humano. Ela não limita, não enquadra, não analisa o ser humano, nem busca um ajuste dele a valores considerados pela cultura como saudáveis, mas busca compreendê-lo num âmbito muito maior do que uma teoria de ajuste de comportamento. A Gestalt-terapia: é construção permanente na busca de compreender o outro e a si mesmo.

De acordo com o pensamento hermenêutico de Heidegger (1997), nenhum olhar é meramente individual, ainda que seja sempre o indivíduo quem vê, mas é deste olhar que o aparecimento se torna efetivado. É desse certo e efetivo ser-no-mundo-com-os-outros que o fenômeno recebe sua possibilidade de ser, surgindo daí sua possibilidade de realidade. O homem é um ser em processo: precisa descobrir quem pode estar sendo, ao invés de dizer quem deve ser. No momento em que for possível olhar para o outro, examinando aquilo que se pode estar sendo, há o envolvimento no processo de mudança.

Merleau-Ponty (1908 – 1961), é considerado² o filósofo que melhor expressa o pensamento da Gestalt-terapia. Por esta razão, ele será citado durante este trabalho, reservando um capítulo para a Gestalt-terapia, sua origem, seus princípios básicos. Um capítulo relacionará a Fenomenologia e a Hermenêutica, com a finalidade de chegar a uma compreensão do ser humano como um ser relacional, um ser de comunicação, um ser que reflete o seu tempo.

Através de um seminário semestral sobre Martin Heidegger (1889-1976)³ foi possível ampliar horizontes de entendimento sobre o comportamento humano, buscando então continuar estudos sobre este filósofo, sem ainda chegar perto do pretendido. O desafio é arriscar a introduzir neste trabalho algumas idéias deste filósofo. A disciplina cursada na Filosofia “A fundamentação Ética do Agir Humano - I - Ética e Temporalidade: Tempo e Existência em Rosenzweig, Heidegger e Lévinas” administrada pelo professor Ricardo Timm de Souza, introduziu um universo em que a fenomenologia aplicada por este professor conduziu à construção de um grupo participativo e democrático, possibilitando um ambiente

² Por alguns teóricos da Gestalt-terapia como Michael Vincent Miller, de Massachusetts

³ Cursado com o professor Ernest Tugendhat que foi aluno de Martin Heidegger, e com o professor Ernildo Stein

de reflexão crítica desarmada, sem culpas e sem defesas, com o exercício da liberdade e da transparência.

Tanto a Comunicação como a Filosofia e a Psicologia incentivaram algumas buscas de entendimento, sobre a importância da Comunicação e das Relações Humanas como constituidoras de referências para apreensão dos valores culturais.

O enfoque fenomenológico permeado pela Hermenêutica e pela Gestalt-Terapia busca estabelecer relações entre o processo de comunicação e o existir humano, um ser plural e singular em sua totalidade, abrangendo a tristeza e a alegria, a angústia e a tranquilidade, a raiva e o amor, a vida e a morte - cujos pólos se articulam numa única estrutura. Sabe-se o que é tranquilidade ao se vivenciar uma situação de angústia, como também sabemos que ter consciência da própria história e da humanidade como um todo é uma condição indispensável para uma vida realizada.

A cada nascimento, o novo começo pode se fazer sentir no mundo, porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo: agir. Adentramos no mundo ao nascer e o deixamos para trás ao partir, mas o mundo transcende a duração da vida tanto no passado quanto no futuro. Ela persistirá à chegada do homem e sobreviverá à sua breve permanência. O nascimento humano e a morte não são ocorrências simples e naturais, mas referem-se a um mundo no qual homens vêm e do qual partem como indivíduos únicos, entidades singulares e irrepetíveis.

A insuficiência do dualismo cartesiano e do positivismo frente às questões científicas mais complexas, principalmente no campo das Ciências Humanas, abriu espaço para uma nova corrente de pensamentos: a Fenomenologia. Não é um sistema filosófico, mas um conjunto de proposições para um método de pensar e investigar o fenômeno na essência.

Na vida pessoal e profissional, a Fenomenologia e a Hermenêutica chegaram como fundamento para a busca da compreensão do existir humano e como escolha para este existir.

Este é o caminho que se pretende trilhar para a compreensão de uma comunicação contemporânea que possa contemplar as dimensões do fenômeno na sua essência.

Trajetória Metodológica

Esta é uma pesquisa qualitativa, com base teórica da Gestalt-Fenomenológica e Hermenêutica. No capítulo VI deste trabalho, a idéia é procurar desenvolver a metodologia para clarificar os passos aqui indicados. A proposta metodológica é integrar a fenomenologia hermenêutica com a visão de homem vista pela Gestalt-terapia, que é processo de comunicação, e com isso percorrer caminhos numa tentativa de compreender o comportamento humano como um ser em sua complexidade biopsicossocial, que pertence ao mesmo tempo à natureza e à cultura, que está submetido à morte como todo animal, mas que, reconhecendo sua própria humanidade, poderá situá-la no mundo, assumindo que seu agir pode contribuir para a vida com mais humanidade, sendo ético com consciência e responsabilidade e auto-realizando-se em sua existência.

Sabe-se que todo caminho fenomenológico, depende de uma pergunta inicial. No entanto, sua trajetória não oferece segurança nem tem meta determinada e pode por isso nos conduzir a formas até diferentes das que imaginávamos. Todo pesquisador que usa o método fenomenológico sabe que está sendo sempre um principiante. Ele abrirá possibilidades de encontrarmos novos caminhos, que nos conduzirão a sentimentos compartilhados com autores que irão compor nossas idéias. Juntando todos esses fios de vários pensadores, com seus saberes, acredita-se estar se tecendo numa parte de tecido de imagem da compreensão do homem no mundo. A possibilidade do pensar acontece quando a pessoa se confronta com suas próprias convicções.

Questão-Problema

Que papéis desempenham a comunicação, o comunicador, a influência dos meios de comunicação, a cultura em que estamos inseridos, pelas relações interpessoais, pelos valores que nos antecederam e que vivemos atualmente? Quais valores estamos semeando para o futuro? O futuro depende da consciência social hoje? Os preconceitos e condicionamentos podem ser vistos como abertura à reflexão e despertar para o novo?

Considerando que a comunicação é um processo de troca de mensagens entre duas ou mais pessoas, entre dois ou mais diferentes sistemas, há uma complexa relação entre comunicação e sociedade. Ao mesmo tempo a comunicação é processo de conhecimento que implica a promoção da cultura, de códigos de linguagem, uma reciprocidade que não pode ser rompida.

Freire (1969 p. 67) afirma que: “é indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre sujeitos reciprocamente comunicantes”.

Uma vez que a comunicação¹, tem como objetivo a compreensão dos fenômenos sociais ligados ao seu processo, caminhamos no sentido de buscar o estabelecimento da compreensão da relação/ação comunicativa, do imaginário cultural por meio da fenomenologia hermenêutica, da Gestalt-terapia como possível entendimento do existir e do agir humano. Berger, nos fala que a Teoria da Comunicação objetiva compreender os fenômenos sociais ligados ao processo de Comunicação e à necessidade do encontro de

¹ Como diz Berger (1998 p. 132)

disciplinas para esclarecer esta prática social, chamada de Comunicação de Massa, Indústria Cultural e Campo Mediático. Ela salienta o quanto se torna indispensável o ato comunicativo. Para que este seja eficaz, é preciso que haja acordo entre os sujeitos reciprocamente comunicantes.

Verificando a importância de uma consciência ampliada² de si e sobre o ser humano como possibilidade de conduzir a sua vida com escolhas existenciais que possam responsabilizá-los éticamente, pela alteridade com o meio, no processo de relação/ação comunicativa, esta jornada será percorrida nesta tese.

A consciência de uma dimensão histórica significa assumir que tanto os processos internos quanto os estímulos do meio têm uma significação “anterior” à existência deste indivíduo. Esta anterioridade decorre da história da sociedade ou do grupo social. Até mesmo a formação da individualidade só poderá ocorrer sobre os conteúdos que a sociedade lhe dá, e sobre as condições de vida que podem lhe permitir. A identidade social de um indivíduo só pode ser compreendida a partir das práticas sociais nas quais este indivíduo se insere e nas representações que se faz destas práticas. Para que estas se estabeleçam é necessário qualificar a importância dos meios de comunicação, que serão representados aqui como a ciência que transmite informações sobre a realidade vivida por indivíduos que interagem para sua sobrevivência. Na relação dialógica-comunicativa, os sujeitos interlocutores se expressam através de signos lingüísticos.

Os meios de comunicação não podem ser compreendidos como mero instrumento de transmissão, sem consciência ou responsabilidade. Como refere Merleau-Ponty (1996) (quando nos traz a idéia de que o outro não é constituído por minha consciência, mas é sobretudo compreendido como alteridade) a característica fundamental da subjetividade do homem é a de estar em relação dialógica com o mundo, transformando-o e dando-lhe sentido, porque o sujeito é uma existência geradora de significações.

A intersubjetividade em Merleau-Ponty (1996) é entendida como uma comunicação entre subjetividades (que se constituem mutuamente no ato comunicativo), de sujeitos falantes, de sujeitos que tornam o mundo significativo pela sua maneira de ser e de

² Por consciência ampliada refere-se nesta tese o compromisso do comunicador consciente ao saber-se produto e produtor dos valores transmitidos através dos meios de comunicação.

intencioná-lo. Desta forma, propõe-se a seguinte questão-problema: é possível a proposição para entendimento de um processo comunicativo contemporâneo que contemple a Fenomenologia, permeada pela Hermenêutica e pela Gestalt-terapia?

Objetivos Gerais

A mídia tem muita influência sobre os comportamentos, mas também sobre a informação que escolhe descrever; assim pode guiar comportamentos no sentido de tornar os indivíduos mais reflexivos.

Se olharmos mais profundamente nosso ser, nossas necessidades, desenvolveremos empatia com relação a nós mesmos, aos outros e ao meio. É através da convivência, da comunicação que estabelecemos relações com as coisas e com o outro, (lugar onde realizamos a intersubjetividade). É também através deste conviver que crescemos e nos atualizamos.

Os objetivos gerais desta tese são: comprovar a relevância na formação do profissional de comunicação, o desenvolvimento da consciência de si e do meio em que vive. Pressupõe-se de que é preciso compreender-se, compreendendo seu ambiente como produto e produtor da história da humanidade. Compreender também o comportamento, motivações e atitudes humanas, para que se possa pensar a comunicação como um campo de estudo em interação permanente com outras disciplinas. Destaca-se a importância de assumir compromisso como receptor do imaginário cultural e buscar inteligibilidade de si como comunicante dos valores culturais e sociais do momento, entendendo-se como agente participativo o repensar no lugar do receptor.

Percebe-se a importância da comunicação na vida cotidiana, sem que isso desqualifique a liberdade do receptor na interpretação das mensagens recebidas. O verdadeiro significado da autenticidade é o de que o exterior do indivíduo reflita de fato o seu interior. A

evolução da consciência tem importância central para a realização de compromissos humanos. O que caracteriza o ser humano em sua ação no mundo é a qualidade de sua consciência.

Para compreender a estética das relações interpessoais é preciso estar consciente do que está acontecendo. As intervenções humanas podem gerar mudanças. Podemos fazer nossas escolhas com os mais elevados padrões de responsabilidade, com humildade, coragem e ética.

A parte mais importante, a mais rica, a mais ardorosa da vida social, vem das relações intersubjetivas. Cabe até dizer que o caráter intersubjetivo das interações no meio da sociedade, o qual tece a própria vida dessa sociedade é fundamental.

Sociedade não está entregue somente a determinismos materiais; ela é um mecanismo de confronto/cooperação entre indivíduos sujeitos, entre o “nós” e o “eu”. É preciso conceber o sujeito como aquele que dá unidade e invariância a uma pluralidade de personagens, de caracteres, de potencialidades.

Morin (2000, p.127)

Objetivos específicos

- Buscar a compreensão dos fenômenos sociais/comunicativos nas relações interpessoais.
- Buscar a compreensão do existir e do agir humanos através da Fenomenologia Hermenêutica e da Gestalt-terapia.
- Verificar a importância da autoconsciência como possibilidade ética para que, ao comunicar suas percepções, o comunicador possa assumir responsabilidades e comprometer-se com suas escolhas existenciais.
- Interpretar os achados para propor direcionamentos no processo comunicativo, permeados pela Fenomenologia Hermenêutica e a Gestalt-terapia.

Tese

Com base na questão-problema e nos objetivos formulados, a tese que se procurará comprovar é a seguinte: é relevante para uma compreensão da comunicação contemporânea ampliar a consciência de si e do meio como fonte de entendimento das atitudes humanas. Para obter um melhor relacionamento interpessoal (e conseqüente melhor comunicação), é necessário estudar os fenômenos pertinentes a esta área na sua essência, assumindo assim compromisso com a característica fundamental da subjetividade do homem. É primordial a consciência do comunicador como facilitador para uma busca de sistema de valores mais solidários em todos os âmbitos: família, empresa, comunidade, sociedade.

1 Revisão Teórica

1.1 Comunicação

Em todas as relações humanas, se as duas partes vivem próximas uma da outra, talvez formem um vínculo, pela confiança pessoal. Mas, se uma grande distância as separa, terão de usar palavras para comunicar sua lealdade, e as palavras devem ser transmitidas por alguém. Transmitir palavras que sejam ou agradáveis a ambas as partes ou próprias para enfurecer ambas as partes – eis uma das coisas mais difíceis do mundo. Quando ambas as partes se agradam, deve haver algum exagero quanto aos aspectos positivos, e quando ambas se enraivecem, deve haver algum exagero quanto aos aspectos negativos. Qualquer coisa que tenha laivos de exagero é irresponsável. Onde há irresponsabilidade, ninguém confia no que se diz e, quando isso acontece, o homem que transmite as palavras estará em perigo. É por isso que o aforismo afirma: transmite os fatos confirmados; não transmitas afirmações exageradas. Se fizeres isso, é provável que te saias bem.

(Tzu, 1964 p. 63)

Este capítulo procura compreender a natureza complexa do processo de comunicação. Estuda-se seu campo de ação, objetivos, o comportamento das pessoas e as relações entre elas quanto ao agir, falar e ouvir, fundamentado principalmente pelas ciências da Comunicação, Sociologia, Psicologia Social, Fenomenologia e Gestalt-terapia.

A palavra “Comunicar” vem do latim “comunicare” com a significação de “pôr em comum”. Comunicação é convivência e está na raiz da comunidade, baseada no consenso espontâneo dos indivíduos.

O homem é por natureza Social. Desde o momento em que o homem passou a viver em sociedade, a comunicação tornou-se imperativa. Somente através da comunicação, os homens conseguiram e ainda podem trocar idéias e experiências. A comunicação humana provavelmente nasceu de uma necessidade que se fez sentir desde os mais primitivos estágios da civilização. “O começo do gênero homo data há talvez 7 milhões de anos. *Humanos Sapiens Sapiens* há talvez 2,5 milhões de anos, com queda para a tecnologia e para a inovação, uma capacidade de expressão artística, uma consciência introspectiva e um censo de moralidade datam há cerca de 40 mil anos.” (Leakey, 1994, p.83).

O homem pintou nas paredes das cavernas em que vivia a imagem simples e direta da figura de um homem a correr, as pernas longas abertas, com uma lança na mão, atrás de um bisonte. Eis a maravilhosa síntese de um *modus vivendi*: nas cavernas - eles viviam da caça, sua subsistência dependia de coragem, da sorte, do destino - vida e morte estavam ali. Foi o início da comunicação.

Pesquisando-se Leakey (1994), encontram-se explicações sobre nossas origens que transcrevo a seguir: o progresso se revelou na descoberta do fogo, da fabricação de ferramentas, do machado de sílex, do trabalho, do interesse coletivo. O *Homo erectus* foi a primeira espécie humana a utilizar o fogo, a primeira a incluir a caça como uma parte significativa de sua subsistência, a primeira capaz de correr como os humanos modernos o fazem; a primeira a fabricar instrumentos de pedra, de acordo com um padrão definido, e primeira a estender seus domínios para além da África.

Há quatro etapas de desenvolvimento do homem. A primeira ocorreu há 7 milhões de anos, é a origem da família humana; a segunda etapa é a proliferação das espécies bípedes; entre estas espécies, houve uma que expandiu mais o tamanho do cérebro, causando a terceira etapa: o gênero *Homo*, o ramo da árvore humana que levou ao *Homo erectus* e finalmente ao *Homo sapiens*; a quarta etapa foi a origem dos humanos modernos, equipados de linguagem, consciência, imaginação artística e inovações tecnológicas.

Não há dúvida de que algumas das relíquias mais impressionantes da Pré-História humana são as representações de animais - gravadas, pintadas e esculpidas - produzidas há 30 mil anos. Eles produziam imagens de seu mundo.

A famosa caverna de Lascaux⁶, é a mais extensivamente decorada de todas as cavernas da Europa da idade do gelo. Lá vemos as figuras de dois bisontes soberbamente esculpidos em argila, repousando sobre as rochas. Medindo cerca de um sexto do tamanho real, elas são perfeitas na forma - sugerindo a ideia de movimento. Esta habilidade data de 15 mil anos.

Ainda de acordo com Leakey (1994), o período final do Paleolítico Superior⁷ - foi a era das pinturas nas profundezas das cavernas. Estas foram as primeiras formas de comunicação até a invenção da escrita. Foi das mais extraordinárias conquistas do homem, por ter tornado perene uma forma de comunicação. Linguagem é comunicação, personalidade é comunicação, cada palavra ou gesto é ação comunicativa, assim como é comunicação a página de um livro, o som do receptor do rádio, a imagem da televisão, as folhas de um jornal, a aula de um professor, uma poesia, uma carta, uma tese de doutorado, tudo enfim é comunicação.

A complexa questão do desenvolvimento da personalidade humana está na dependência da boa ou má capacidade da comunicação individual. A capacidade de se evitar conflitos é determinada, em grande parte, por aptidões e treinamento para a comunicação efetiva. A comunicação humana, por mais evoluída que esteja com todas as mídias modernas, não se restringe a um mero conjunto de palavras, ou quaisquer outros signos, com uma única interpretação. Para se entender a mensagem, temos que identificar através de quem, quando, onde, porque e como se deu aquela produção - elementos que, na maioria das vezes, não estão formalmente expressos.

Nesta busca da compreensão da realidade por trás da comunicação humana se insere o método fenomenológico e hermenêutico. A hermenêutica parte da constatação de que na realidade social o fenômeno da comunicação humana, possui dimensões tão variadas que é preciso cuidar não só o que se diz, mas principalmente o que não se diz.

O uso dos meios técnicos de comunicação podem alterar a dimensão espaço-tempo da vida social. Com esse procedimento, o homem torna-se capaz de transcender os limites característicos de uma interação face a face. O desenvolvimento dos meios de comunicação fez surgir uma complexa reorganização de padrões de interação humana, ampliando o campo

⁶ Perto da cidade de les Eyzies, na Dordonha

⁷ O Magdaleniano, que se estende, de 18 mil a 11 mil anos atrás

de ação do comportamento comunicativo. As pessoas podem comunicar-se em muitos níveis, por muitas razões, com muitas pessoas e de muitas formas.

A comunicação não-verbal, por exemplo, realiza-se por expressões faciais, por movimentos das mãos, dos braços. Qualquer objeto relacionado com pessoas adquire uma linguagem própria. Uma farda de bombeiros comunica, um sorriso comunica, uma lágrima comunica, gestos e expressões de repouso ou contentamento comunicam. Contudo, atualmente as pessoas não encontram tempo para conversarem face a face e nem para se ouvirem verdadeiramente. A sociedade atual converteu-se em pessoas que correm o tempo todo, acumulando estresse, sem uma finalidade real, sem poder cuidar de si mesmas e do próximo, aturdidas por um excesso de informações que ocupam um grande espaço em suas vidas. Suprimiram a comunicação direta através do contato, confirmação, diálogo. Com isso diminuiu também o tempo de amar, ser amado, pensar, trocar, aprender, criar, atividades que são vitais.

É bom lembrar que a comunicação verbal é apenas um dos códigos usados para expressar as idéias. É óbvio que quando for usada a comunicação verbal exata, menos probabilidade haverá de mal-entendidos. A busca pela mais clara comunicação verbal não apenas poupa esse sofrimento desnecessário, como resulta em duradouros relacionamentos. A comunicação entre seres humanos é reconhecidamente difícil, quando nos comunicamos, compartilhamos alguma coisa. Só através de nossos atos de partilhar e comunicar nos conhecemos melhor. A comunicação nos torna conhecedores e conhecidos.

Este trabalho busca a importância da consciência mais ampliada de si e do meio em que se vive, partindo do pressuposto de que é preciso compreender e observar as atitudes humanas nas áreas da comunicação, isso resultaria na eliminação de tantos conflitos e ajudaria para desenvolver um melhor relacionamento interpessoal, tendo como consequência uma melhor comunicação. Procurando entender o que se faz e porque se faz, compreende-se passado, presente e futuro, sem deixar dominar-se pelos valores que dificultam uma comunicação inteira.

A comunicação humana é o impulso vital de todo relacionamento. A qualidade da existência humana depende de nossos relacionamentos, mas nunca se alcança uma boa

comunicação antes que duas pessoas se decidam a trabalhar para isso. Precisamos de estudo e prática para aprender a difícil arte da comunicação.

Segundo Powell (1995), o início de toda comunicação bem-sucedida é o desejo de se comunicar. Se realmente desejarmos uma boa comunicação, caminharemos para o crescimento pessoal. Procurar conhecer uma outra pessoa é uma longa jornada de escutar, sentir, perceber, arriscar, confiar, duvidar, aproximar, brigar, amar, apoiar, contrariar, rir, chorar. Quando duas pessoas realmente se encontram, os dois eus experimentam o centro entre seu próprio eu e o do outro. Tal relacionamento não segue uma forma concreta ou uma direção previsível. Reconhecer e aceitar a singularidade do outro significa respeitá-lo como uma pessoa com direito a ter seus próprios valores e escolhas. No processo comunicação, deve-se deixar claro que se fala apenas da própria forma de ver, muitas vezes esquecemos que os outros são realmente outros, diferentes de nós.

O que uma palavra significa para uma pessoa pode não significar para outra. A organização de palavras em frases, a escolha do meio, a intenção, o significado, a finalidade, a transmissão, a significação que lhe é dada dependem da percepção individual que nunca se repete exatamente por outra pessoa.

De acordo com Berlo (1997), qualquer situação de comunicação humana compreende a produção de mensagem por alguém, e a recepção desta mensagem por outro alguém. Quando alguém fala, outro deve ouvir, quando alguém escreve, outro deve ler, quando alguém pinta, alguém deve ver. A comunicação pressupõe uma recepção. Todo comportamento de comunicação tem como objetivo a obtenção de uma reação específica de uma pessoa (ou grupo de pessoas).

A análise de qualquer situação de comunicação deve levar em conta ambos os pontos de vista: como pretende a fonte de comunicação atingir o receptor da mensagem e como pretende o receptor influenciar a si ou a outros (inclusive à fonte). Não se pode afirmar que os efeitos de toda comunicação sejam os pretendidos, os receptores nem sempre respondem segundo o objetivo da fonte. As fontes e os receptores de comunicação devem ser sistemas similares. A fonte e o receptor podem ser a mesma pessoa, ela lê o que escreve, pensa, pretende produzir um estímulo. O receptor reage a esse estímulo se há comunicação. Se não reagir, é porque não houve comunicação, não houve troca.

Podem-se entender no processo de comunicação humana dois elementos: o transmissor, o receptor. Ninguém se comunica consigo mesmo. Se um indivíduo fala e ninguém ouve, o processo de comunicação não se completou; há apenas um primeiro passo no processo de expressão, fica faltando a expressão essencial, a transmissão. Pode-se então perguntar: o que transmite o transmissor? O que recebe o receptor?

Chama-se mensagem o que o transmissor transmite e o que o receptor recebe. A mensagem é o elo entre dos dois pontos do circuito, é o objetivo da comunicação humana e a sua finalidade. O processo de comunicação exige, então, três elementos, a saber: o transmissor, o receptor e a mensagem. Faltando qualquer desses elementos, não se completa o processo de comunicação humana.

Para Berlo (1997), a mecânica do processo de comunicação humana pode ser esquematizada como: o transmissor manda a mensagem, o receptor recebe a mensagem e a interpreta internamente manifestando-se exteriormente e o transmissor – agora receptor – recebe a interpretação do receptor – agora transmissor – interpretando-a em termos pessoais. Coincidindo as interpretações, nasce o significado comum, a compreensão entre transmissor e receptor. A efetividade da comunicação humana repousa na acuidade com que a mensagem é interpretada, com igual significado, pelo transmissor e pelo receptor. A interpretação é, assim, a chave da comunicação humana. Dela é que vai depender a significação comum para que haja entendimento. Por isso, a boa mensagem é sempre facilitadora da interpretação.

Ainda para Berlo (1997), o meio pode facilitar ou dificultar a interpretação da mensagem, sendo o quarto elemento da comunicação humana, temos, então: o transmissor, o receptor, a mensagem e o meio. O critério da escolha do meio pertence ao transmissor. É a ele que compete selecionar o meio apropriado, e a seleção se faz com o objetivo de facilitar a comunicação humana. O domínio do meio da comunicação humana é condição essencial para sua efetividade. O fator subjetivo na seleção do meio é mais uma dificuldade no processo da comunicação humana. O meio da comunicação humana precisa obedecer a dois requisitos fundamentais: ser dominado tanto pelo transmissor quanto pelo receptor e estar de acordo com a mensagem que transporta.

Vê-se a relevância da comunicação para a convivência entre os homens. Infelizmente a separação dos homens, as migrações, as lutas, as guerras, a falta de comunicação, os costumes, o progresso de uns e o atraso de outros, os interesses de poucos querendo prevalecer sobre a maioria, tudo isso foi separando os homens em clãs, tribos, agrupamentos.

No item 3.2 abaixo procura-se explicitar a importância da comunicação no desenvolvimento e formação da personalidade do ser humano.

1.2 Comunicação e Estética da Personalidade

“Personalidade do homem significa: o homem é chamado a transformar em história o ser, que se lhe abre e manifesta, e dar-se a si mesmo, no espaço assim aberto, consistência.” (Heidegger, 1967 p.167). Sabe-se que a psicologia se desenvolveu no fim do século XIX como fruto da filosofia. Assim podemos pensar sobre um histórico do desenvolvimento da personalidade inicialmente por filósofos como Platão⁸ e Aristóteles⁹.

A palavra personalidade vem do grego *personare* que significa “soar através de” máscara utilizada no teatro da época para desempenhar vários personagens. Embora a palavra seja usada de várias maneiras, a maior parte é de uso popular e relaciona-se com habilidades sociais do indivíduo que é avaliado por produzir reações positivas em diversas pessoas e em diferentes situações.

Segundo Fadiman (2002), a personalidade realmente compõe-se de um conjunto de valores ou termos descritivos usados para caracterizar o indivíduo estudado de acordo com as variáveis ou dimensões que ocupam posição central na teoria adotada. Assim, uma teoria da personalidade deve ser um conjunto de hipóteses relevantes para o comportamento humano, juntamente com as necessárias definições empíricas.

⁸ (428 ou 427 a 348 ou 347 a.C.)

⁹ (384 a 322 a.C.)

A seguir, busca-se formular e representar aspectos significativos do comportamento humano numa linguagem fenomenológica. A elaboração de um enfoque fenomenológico da personalidade é uma tarefa ousada, pois não se tem uma linguagem fenomenológica nem fundamentos que norteiem a prática profissional no campo da psicoterapia, do ensino e da pesquisa.

Como teoria de personalidade, podemos falar de interdependência ecológica: o campo organismo/ambiente. Personalidade é o sistema de atitudes adotadas nas relações interpessoais. Quem nasce é indefeso, não tem controle sobre a conduta, sobre o comportamento dos outros, sobre o ambiente físico em que se encontra. Forma sons e aprende que alguns destes sons produzem nos outros comportamentos diversos. Começa-se a influenciar, bem como a ser influenciado; a determinar o ambiente, bem como a ser determinado por ele.

Toda esta experiência requer comunicação. Aprende-se com os outros sobre fatos e sobre coisas. Mais tarde, aprende-se com os sistemas de comunicação: organizações sociais, as relações econômicas, os valores culturais, usando como instrumento os comportamentos da comunicação. Atuamos uns sobre os outros. A comunicação é a base desta ação recíproca. Nós nos comunicamos para influenciar nosso ambiente, a comunicação tem um objetivo, uma meta, que é produzir certa reação.

Difícilmente podemos deixar de nos comunicar: desde pequenos aprendemos as técnicas verbais e não-verbais de influenciar ou manipular o ambiente. O objetivo da comunicação é a interação. A comunicação é relacionada com a organização social. Os sistemas sociais produzem-se por meio da comunicação. As uniformidades de comportamento, a interdependência de objetivos, as coisas em comum envolvidas num sistema, as pressões quanto à obediência às normas – tudo isso é produzido pela comunicação entre os membros do grupo. O ensino dos modos normativos de comportamento é realizado pela comunicação.

Para Safra (1999), quando o ser humano chega ao mundo, ele precisa necessariamente de contatos cheios de ternura. Ele precisa sentir-se seguro de que será protegido, de que foi desejado, de que alguém acalmará sua sede e fome. Uma criança depende das experiências dos pais e de seu meio ambiente. Ainda neste ambiente existem “verdades” norteadoras e

impositivas de como educar crianças. Por isso, exigimos que a criança seja o que imaginamos ser bom para ela. Não respeitamos a sua sabedoria para contatar com o meio ambiente, buscando e retirando dele o que precisa ou necessita para sua auto-preservação. Exige-se que se torne um modelo ideal do padrão cultural e não que se desenvolva naturalmente nas relações para se auto-atualizar, se auto-reger e se auto-realizar.

O pensamento dogmático que rege os preconceitos sociais impede o desvelamento do ser. Assim seres condicionados, movimentam-se em um mundo “já pensado” por outros, sem que seja feita qualquer reflexão sobre estas crenças. Assim não se pode saber se ao pensar sobre o que se gostaria de fazer a respeito da vida, dos outros, do mundo ou se as escolhas conduzem a uma direção que talvez não se quisesse.

Na visão de Perls (1997, p. 22), apoiar a tendência de a criança ir além da introjeção bem cedo não é consigná-la ao barbarismo; e sim respeitar um processo natural, auto-regulador de crescimento sadio. Se há algo de bárbaro nesse quadro são as tentativas de pais e educadores ansiosos de interferir desnecessariamente na natureza. Parte-se em Gestalt-terapia do pressuposto de que a natureza traz consigo tudo que precisa para suprir suas necessidades.

O homem vive a união solidária entre um destino individual e o destino da comunidade a que pertence. Ele não pode ter êxito ou fracasso por sua conta. Em Gestalt-terapia, evita-se falar de processos inatos. Só é inata a estrutura, à qual só se veicularão processos quando forças especiais os suscitarem. Os primeiros processos ocorrem quando o organismo ainda não possui traços, portanto não podem ser denominados de “inatos”. Eles são as reações do organismo sem traços a um conjunto definido de estímulos.

Segundo Morin (1996), o inato é ao mesmo tempo um objeto adquirido e construído no processo evolutivo cerebral que integrou. Assim, tornou inatos os princípios organizacionais do mundo exterior, os quais vão contribuir para a aquisição de conhecimentos no mundo exterior. É um processo evolutivo espiral, comandado pela dialógica auto-eco-organizadora, e onde os termos; inato / adquirido / construído se encadeiam, se permutam e se reproduzem, desenvolvendo as competências inatas para adquirir conhecimentos. Ainda para Morin, a investigação científica pode adquirir conhecimento sobre o inato graças à capacidade inata de adquirir conhecimentos não-inatos.

Quando os psicólogos da Gestalt introduziram o conceito de organização, outros psicólogos, interpretaram a organização e suas leis como algo inato, classificando a teoria gestáltica como uma espécie de *a priori* kantiano psicológico.

A ação do homem no seu ser-no-mundo é desdobrada pela possibilidade originária de ser-com-os-outros - não é jamais individual. A relação do homem com outros seres humanos é fundamental em sua existência: desde o nascimento, ele encontra-se em situações que incluem a presença de alguém.

Na formação da personalidade, os fatores sociais são essenciais. Os homens não se dirigem direta e simplesmente às coisas em sua mera presença, mas por uma trama de significados em que as coisas vão aparecendo.

O termo personalidade é aqui adotado como o conjunto de características do existir humano. Elas são descritas de acordo com o modo como são compreendidas pela pessoa no decorrer da vivência cotidiana imediata, a reflexão fenomenológica vai em direção ao “mundo da vida”, o mundo da vivência cotidiana imediata, no qual todos nós vivemos, temos aspirações e agimos, sentindo-nos ora satisfeitos ora contrariados.

De acordo com Heidegger (1997), os seres humanos mesmo com suas peculiaridades, existem todos no mundo, constituindo-o e constituindo-se simultaneamente. Eles nascem como indivíduos exclusivos em relação aos outros. Cada homem é singular, mas esta singularidade não significa uma separação entre o eu e o outro, porque os outros constituem-no. A singularidade pode ser entendida como a impossibilidade de cada homem ser qualquer outro que não ele mesmo. Assim o homem tem diferentes possibilidades de dar a seu ser este ou aquele sentido.

Para a Gestalt-terapia, uma pessoa existe pela diferença entre o self (eu) e o outro, e por conectar o self com o outro. Para buscar um contato aberto entre o mundo e o indivíduo, este precisa arriscar-se a descobrir suas próprias fronteiras. A fronteira entre o self e o ambiente deve ser permeável para permitir trocas. Viver é uma progressão de necessidades (satisfeitas ou não) que, ao atingirem um equilíbrio, vão em busca da nova necessidade.

O objetivo da Gestalt-Terapia é o continuum da awareness¹⁰, a formação continuada e livre de Gestalt, onde aquilo que for o principal interesse e ocupação do organismo, do relacionamento, do grupo ou da sociedade se torne Gestalt, que venha para o primeiro plano, e que possa ser integralmente experienciado (reconhecido, trabalhado, selecionado, mudado ou jogado fora etc.) para que então possa fundir-se com o segundo plano (ser esquecido ou assimilado e integrado) e deixar o primeiro plano livre para a próxima Gestalt relevante. Awareness total é o processo de estar em contato vigilante com os eventos mais importantes do campo indivíduo/ambiente, com total apoio sensoriomotor, emocional, cognitivo e energético.

(Yontef 1998 p.31)

Relembramos a relevância do comunicador como portador das informações que salientam os eventos do campo.

Para Yontef (1998), a Gestalt-terapia acredita que as pessoas têm um impulso natural em direção à saúde. Essa propensão é encontrada na natureza da qual as pessoas são parte. O *continuum de awareness* é o instrumento que a pessoa pode usar deliberadamente para canalizar o impulso espontâneo para a saúde.

A consciência é sempre intencional. Ela está constantemente voltada para um objeto, enquanto este é sempre objeto para uma consciência. Há entre ambos uma correlação essencial, que só se dá na intuição originária da vivência. A intencionalidade é essencialmente o ato de atribuir um sentido. É ela que unifica a consciência e o objeto, o sujeito e o mundo. Com a intencionalidade, há o reconhecimento de que o mundo não é pura exterioridade e o sujeito não é pura interioridade, é sim a interrelação com um mundo significativo para si.

No cotidiano, acredita-se que o mundo existe por si mesmo, independente da presença de um sujeito. A atitude natural não refletida, ignora a existência da consciência como a “doadora” de sentido de tudo o que o mundo apresenta. Por isso é necessário refletir sobre o cotidiano, para que se revele a existência de uma consciência. O mundo e o sujeito revelam-se reciprocamente.

¹⁰ Awareness é aquilo de que temos consciência no contexto da realidade consciente. Conciensness: conteúdo da consciência no nível da percepção, dentro e fora de si no momento presente, no nível mental, corporal e emocional. Awareness é uma propriedade da Gestalt-terapia que quer dizer uma integração criativa, ela compreende o conhecimento do ambiente, a responsabilidade pelas escolhas, o auto-conhecimento, a auto-aceitação e a capacidade de contato, é uma forma de experiência que pode ser definida aproximadamente como estar em contato com a própria existência, com aquilo que se está podendo ser e que se está sendo. (Yontef 1998)

O eu vive no mundo, mas não se encontra delimitado ao que vivencia no momento atual, pois pode dirigir seu pensamento para o que já vivenciou anteriormente, assim como para as prospecções sobre o futuro.

As ações humanas proporcionam tanto o autoconhecimento como o entendimento do mundo que nos cerca. Todavia, a pessoa não se reduz ao conjunto das ações já realizadas ou das coisas que já fez, pois não é estática: está constantemente existindo num fluxo contínuo em direção ao que pretende ser no presente e no futuro.

Dizer que o organismo necessita do ambiente não é suficientemente exato. O organismo está incrustado no meio. A compreensão da existência e da função de um organismo depende de captar sua relação com o ambiente e seu funcionamento nele. Pode-se eleger até certo ponto o tipo de ambiente que se deseja, porém não se pode negar o relacionamento com ele.

É criado um mundo de acordo com as necessidades da pessoa, organizando-o à medida que vivemos. Quando está interessada, a pessoa se torna consciente do que está ocorrendo, já que isso é parte do processo de descobrimento e invenção que consiste na adaptação criativa do organismo com o meio. Neste sentido, a realidade é flexível. Sabe-se que há um mundo que segue seu fluxo sem nós, que chamamos de mundo objetivo, mas sabe-se também que existe ligação com o mundo que vai se formando. Em realidade, a satisfação nos vem do grau de compromisso assumido neste processo e depende de estar concentrado nele. Assim, viver o presente tem sua própria recompensa: a experiência no presente consiste na obtenção de satisfações e no cumprimento das necessidades do ambiente em que participamos, interagimos e vivenciamos com o outro.

De acordo com Perls (1997), só há uma consciência: o presente - o *hic et nunc*¹¹. A consciência, por sua vez, é a experiência do que neste momento está à nossa frente. O contato, a experiência e a troca só são possíveis no momento presente. Este presente de momentos sucessivos apresenta uma realidade existente. Isto não quer dizer que o tempo anterior, não tenha sentido e nem que o presente voltado para o futuro não interfira nos acontecimentos que estão por vir, quer apenas dizer que neste momento estamos aqui e não lá. Referir-se ao

¹¹ *hic et nunc* = Agora, Aqui, Neste Momento, Presentemente (Azevedo, 1952 pp. 80, 61, 122).

passado e ao futuro é algo que tem lugar no momento presente. O passado e o futuro existem em nós e formam parte da nossa existência presente.

No enfoque gestáltico, evita-se a dicotomia entre consciente e inconsciente, de especular sobre o que não está presente. O que emerge neste momento é realmente o que sucede na interação entre passado e futuro.

A definição de Jung¹² sobre o inconsciente se assemelha à descrição da Gestalt no desenvolvimento da consciência do eu. Ambos realizam a existência de um potencial interno que está repleto de possibilidades para um desenvolvimento novo e de auto-realização, ambos estimulam a integração do que já se sabe sobre nós mesmos com o que ainda não se sabe. Nesta interação, os limites estão dentro de cada um. Dessa forma, o meio é assimilado e transforma-se na troca que é feita com ele. Constantemente a relação do indivíduo consigo e com o ambiente é reorganizada. A vida é um processo de adaptações criativas. As pessoas são responsáveis por suas existências. O que foi alcançado representa aquela forma de ser que a estrutura consegue chegar a partir da inter-relação o eu e o ambiente. Não se é submisso, nem desafiador às exigências da sociedade. O homem maduro se caracteriza pelo fato de ele próprio delimitar seu código de conduta moral. Ele já alcançou um certo grau de independência interior e faz seus julgamentos baseados em sua autonomia, com responsabilidade e respeito à alteridade.

Durante a formação de uma figura¹³, não se sabe o que surgirá. Surgirá o que está diante do sujeito, mesclado com lembranças do passado¹⁴. Se o indivíduo estiver preso ao passado, ele impedirá um contato mais espontâneo com a figura, porém ao crer na Gestalt, pode-se entregar ao processo para encontrar uma nova forma que toda a situação exige, é preciso arriscar-se. No encontro humano, em que a experiência estética inaugura a

¹² Carl Gustav Jung (1875-1961) Psiquiatra Suíço

¹³ Figura é o que emerge como interesse maior contra um fundo ou contexto do campo organismo/ambiente. Figura e fundo foi um conceito descrito inicialmente por psicólogos gestaltistas como Max Wertheimer (1880 – 1943), Wolfgang Köhler (1887 – 1967), Kurt Koffka (1886 – 1941) que falaram de figura/fundo em relação ao fenômeno da percepção e do conhecimento. Para Perls, Hefferline & Goodman, 1997 p. 46 “O processo de formação de figura/fundo é um processo dinâmico no qual as urgências e recursos do campo progressivamente emprestam suas forças ao interesse, brilho e potência da figura dominante. Não tem sentido, pois lidar com qualquer comportamento psicológico fora do seu contexto sócio cultural, biológico e físico”. A Gestalt-terapia integrou a motivação aos fatos da percepção, diferentemente da psicologia acadêmica da gestalt. (Perls, 1997).

¹⁴ Quando recordamos, um dado objeto, um rosto ou uma cena, não obtemos uma reprodução exata, mas antes uma interpretação, uma nova versão reconstruída da original. Podemos evocar nos olhos ou ouvidos de nossa mente, imagens aproximadas do que experienciamos anteriormente. As imagens evocadas tendem a ser retidas na consciência apenas de forma passageira e, embora possam parecer boas réplicas, são freqüentemente imprecisas ou incompletas. (Damásio, 1996 p.128).

possibilidade do existir de um ser frente a um outro, presencia-se a entrada do indivíduo na capacidade de articulação de símbolos do self. Estes constituem e representam as vivências de seu existir em seu estilo singular de ser. São imagens que adquirem importância, pois são presenças de ser.

Para Safra (1999), o desenvolvimento do indivíduo é um processo contínuo de criação dos símbolos de self. Eles sofrem metamorfoses nas quais são veiculadas experiências existenciais cada vez mais amplas e sofisticadas. O processo inicia com a mãe sendo o primeiro ícone da criança, alcançando gradativamente símbolos de self no campo cultural. Self e criatividade estão indissoluvelmente ligados. Criar é existir, não só como ser biológico, mas como ser acontecendo em gestos e símbolos que articulam de forma singular as questões existenciais daquele sujeito. A mãe e pai fornecem um repertório simbólico e, ao mesmo tempo, a criança imprime sua singularidade neste campo. Abre-se a partir daí a possibilidade de intercâmbio contínuo entre o sujeito e o outro, entre a vida subjetiva e a realidade compartilhada, entre o indivíduo e a cultura através da comunicação.

Inicia-se um movimento simbolizante que permanecerá ao longo da vida, o qual se caracteriza por tornar familiar o não-familiar. Nesse processo de relação intersubjetiva aparece a experiência estética. É nela que se inicia a possibilidade de conhecer o mundo e o outro de forma pessoal, da maneira que seja significativa para o sujeito. Pode-se entender o fenômeno estético da personalidade como a potencialidade para a construção de si mesmo, do mundo e do conhecimento. Assim só se conhece de maneira significativa a porção do mundo que é possível criar.

A linguagem pré-verbal é um fenômeno estético: nela lemos o corpo do outro com o nosso próprio corpo. Os sonhos, os aromas, tudo contribui para que se possa “intuir” o modo de estar do outro, (seus sentimentos, seus sofrimentos) pois todas essas organizações plásticas afetam o corpo. Dentro das experiências estéticas constitutivas, frente a vivências do indivíduo que tem mais qualidade ontológica do que psicológica, surge a ética do ser. “Ocupar um lugar no mundo é ocupar um lugar na vida do outro. Somente a partir desta experiência é que o olhar poderá se voltar para o mundo com curiosidade e desejo” (Safra, 1999 p. 80).

De posse de um corpo que foi significado pela presença do outro, a criança dispõe de vida imaginativa, que lhe possibilita ocupar o vazio da ausência do outro com a sua capacidade de sonhar. O self se organiza em diferentes sentidos de tempo e de distintas maneiras na ocupação espacial. O senso de self no espaço não só abre a possibilidade de uma morada no mundo, mas também capacita a uma apreensão estética.

A criança depende por completo das experiências dos pais e do que eles podem lhe proporcionar. A criança está sujeita à satisfação de suas necessidades por parte de outras pessoas. Quando seus gritos não são ouvidos, só resta à criança a possibilidade de reprimir sua dor. Isso significa uma mutilação em sua alma, pois se destrói sua capacidade de sentir. Assim, a repressão dos sofrimentos é uma mágica traidora: esta criança tem probabilidade de ser incapaz de proteger-se e de organizar sua existência de um modo sensato e produtivo. Provavelmente ela se unirá a pessoas irresponsáveis que a farão sofrer. O esforço de repressão dos sentimentos, realizado para tornar possível sua sobrevivência, a impedirá de uma percepção diferenciada.

Ainda para Safra (1999), crianças que são vítimas de grosseiros e sutis maus tratos por adultos (dos quais não podem se defender) e que jamais podem expressar seus sentimentos apresentam grande interesse por programas de televisão brutais e sádicos, levando no seu interior condições prévias para uma conduta destrutiva. Existem crenças sobre o educar que são transmitidas de geração a geração e são consideradas corretas. O que se aprendeu há vinte ou trinta anos sobre teorias de desenvolvimento da personalidade aplica-se hoje sem jamais terem se estabelecido relações mentais entre as teorias e o trabalho prático. A dogmatização de afirmações falsas protege o indivíduo de um despertar da consciência. Como exemplos, as teorias freudianas da sexualidade infantil, do complexo de Édipo e do instinto *thanático* cumprem estas funções. (Vide anexo A1 e A2)

Segundo Alice Miller (1992 pp.67, 68, 69 e 71), se pudermos entender Freud através dos valores transmitidos culturalmente pelos pais, a espontaneidade vital da criança é reprimida com métodos tais como: mentir, manipular, dissimular, amedrontar, não dar carinho, desconfiar, humilhar, desprezar e até mesmo aplicar a violência com uma “pedagogia distorcida”. Com as seguintes mensagens: os pais merecem respeito *a priori*; as crianças não merecem respeito algum; um alto grau de auto-estima é prejudicial; uma escassa auto-estima conduz ao altruísmo; a severidade e a frieza constituem uma boa preparação para a vida; o

corpo é algo sujo e repugnante; a intensidade dos sentimentos é prejudicial; os pais são seres inocentes; os pais sempre têm razão.

É importante considerar o horror que emana desta ideologia que ainda era defendida no final do século XX e ainda se sustenta no século XXI, embora enfraquecida. Em sua teoria do complexo de Édipo, Freud teve que encobrir (com ajuda desta teoria da sedução), o temor de seus pais introjetados, além de ter sido exposto a uma série de afrontas reais e provavelmente a um isolamento total da sociedade burguesa. Com o fim de se autoprotger, desenvolveu uma teoria em que resguardava uma certa descrição. Os pais não tem projeções fantasiosas sexuais e agressivas com seus filhos, mas podem satisfazer-se com eles porque detém o poder. Tais fatos são comuns em nossa sociedade ainda hoje. (Vide anexo B)

Muitos pedagogos não puderam contestar esta teoria dos instintos de Freud, pois não podiam questionar a imagem idealizada que tinham de seus próprios pais.

É importante ressaltar que, num nível geral, o mandamento de respeitar os pais está entranhado em nosso ser com a ajuda da educação. Ele serve, no melhor dos casos, para ocultar verdades de vital importância. O que fazemos então é transformar o nosso modo de ver (para não ver), assim construindo comportamentos neuróticos.

As crenças que se defendem com mais ênfase são precisamente aquelas que, embora não sejam corretas, se encaixam no nosso sistema educativo. Todas estas afirmações têm algo em comum: são falsas, porém consideradas verdadeiras, pois as conhecemos desde sempre. Uma criança está obrigada a crer que as crueldades que se cometem contra ela são para o seu bem. Quando adulta ela será incapaz de reconhecer esta falsa premissa.

Conseguir que a criança se liberte algum dia das mentiras, da simulação, da maldade, da crueldade e do egoísmo seria uma revitalização dos valores morais, imanescentes a este sistema de valores que propaga a morte psíquica e castra a alma com a ajuda de uma ideologia. Todo este trabalho de estudo do comportamento humano (através da comunicação verbal e não-verbal), tem como objetivo clarear as crenças para que os seres humanos possam agir com autonomia crítica e reflexiva.

De acordo com Maturana (1997), a história de um ser vivo é uma história de interações que desencadeiam nele mudanças estruturais: se não há encontro, não há interação. Se há encontro, sempre há um desencadear, uma mudança estrutural no sistema. Por isso a história de interações recorrentes é uma história de desencadeamentos estruturais, de mudanças estruturais mútuas entre o meio e o ser vivo e entre o ser vivo e o meio.

Organismo e meio mudam juntos. Um ser vivo é um sistema de estrutura dinâmica variável. Toda a vida é uma deriva de mudança estrutural contingente com as interações, a cada instante em correspondência com o meio. Esta correspondência com o meio não está relacionada com o bem ou o mal, com o desejável ou o indesejável. Aprendemos a ser de uma ou de outra maneira na convivência com outros seres humanos. Os comportamentos da fonte não ocorrem independentemente dos comportamentos do receptor. Em qualquer situação de comunicação, fonte e receptor são interdependentes.

O homem não é um animal auto-suficiente. Ele precisa comunicar-se com outros para os influenciar por meios que se ajustem aos seus propósitos. No comunicar ele faz previsões sobre como outras pessoas se comportarão. Criam-se assim expectativas a respeito dos outros e de si mesmo. Quase sempre espera-se que o outro se enquadre nestes valores introjetados, ao invés de buscar novas informações e novos conhecimentos, que o farão refletir para fazer escolhas com responsabilidade.

Novamente salienta-se o papel da comunicação no desenvolvimento da personalidade. Vivemos em círculos sistemáticos e dinâmicos de contato, por isso temos responsabilidade por tudo que influenciamos. Esta interferência que hoje provocamos pode surgir bem longe das ações iniciais em termos de tempo e espaço.

A importância da comunicação está na consciência das informações que levarão as pessoas a agir.

1.3 Comunicação e Relacionamento Interpessoal

*Suponhamos que nós dois tenhamos discutido.
 Se ganhares de mim e não eu de ti, estarás necessariamente certo e eu necessariamente errado?
 Estará um de nós certo e o outro errado?
 Estaremos ambos certos ou ambos errados?
 Se tu e eu não sabemos as respostas, os demais, então, estarão em trevas ainda maiores.
 A que chamaremos para decidir o que é certo?
 Chamaremos alguém que concorde contigo, para decidir?
 Mas se já concorda contigo, como poderá decidir imparcialmente?
 Chamaremos alguém que concorde comigo?
 Mas se já concorda comigo, como poderá decidir?
 Chamaremos alguém que discorde de nós dois?
 Mas, se já discorda de nós dois, como poderá decidir?
 Chamaremos alguém que concorde com nós dois?
 Mas, se já concorda com nós dois, como há de decidir?
 Obviamente, pois, nem tu nem eu nem ninguém mais pode saber a resposta.
 Devemos esperar ainda por uma outra pessoa.
 (Chuang Tzu, 1961, p. 183)*

O caminho para a construção de uma comunicação menos contaminada é o que vai ser descrito a seguir.

A palavra diálogo deriva de duas palavras gregas: *dia*, que significa por meio de, e *logos* que significa palavra. Portanto, diálogo quer dizer comunicação por meio de palavras, posturas, expressões, atitudes. A comunicação entre seres humanos é reconhecidamente difícil. Comunicar-se não é apenas dizer coisas, mas dizer-se. Ao comunicar partilha-se alguma coisa. Para realizar a comunicação é preciso entregar-se. É preciso dizer ao outro quem se é, para que realmente se possa saber quem se está sendo. A comunicação é o único caminho para a comunhão. Recusar o convite ao encontro interpessoal é recusar a própria condição humana.

Só é possível o desenvolvimento ao identificar-se pessoas que propiciem o crescimento da identidade individual, que valorizem a singularidade.

No processo interpessoal, aprende-se a buscar novos caminhos, a desfrutar e a valorizar os interesses e o modo de ser de cada um. Não podemos conhecer a verdadeira singularidade de uma pessoa se nela projetarmos nossas fantasias, valores, ideais,

preconceitos, etc. Compreender tal singularidade significa alcançar uma percepção profunda de sua essência, de seu modo pessoal de perceber o mundo, fundamentado em sua história fenomenológica de vida. Conforme o desenvolvimento da personalidade visto anteriormente.

Quando fala com alguém, a pessoa emite sinais de como está se sentindo: pela respiração, forma de sentar, tom de voz, gestos. Daí a importância de realmente estar centrada no momento, falando ou ouvindo com atenção, convicção e principalmente com amor. A autenticidade permite determinar uma identidade pessoal em si e nos outros, além de estabelecer relações humanas mais saudáveis. A singularidade de cada um se origina da união com o outro. As relações se aprofundam quando as pessoas respondem umas às outras de maneira espontânea, o que significa libertar o próprio eu.

“A maioria de nós acredita que os outros não vão tolerar tamanha honestidade emocional na comunicação. Preferimos defender nossa desonestidade alegando que isso poderia ferir as pessoas, e, tendo realizado nossa falsidade através da nobreza, iniciamos relacionamentos superficiais.” (Powell, 1995, p.76).

Faz parte da relação construtiva a possibilidade de se dizer à outra pessoa o que se está sentindo em relação a ela. Comunicando sentimentos, se estabelece uma relação autêntica. Contudo, reprimindo as emoções, com medo de ser rejeitado ou mal-compreendido, guarda-se sentimentos e emoções que poderão destruir qualquer relacionamento.

Quando se projeta, culpa-se outra pessoa pelos próprios fracassos na comunicação. Assim não se assume responsabilidade pelas reações ao atribuir a responsabilidade a outras pessoas: a comunicação torna-se um jogo. As pessoas podem estimular reações, mas a maneira de reagir é determinada por atitudes e perspectivas pessoais, gravadas pelas mensagens recebidas das experiências de vida.

A criança pequena é livre para sentir, mas percebe que o adulto não expressa o que sente. Temerosa de não ser aceita e até culpada pelo que está sentindo, acaba se impossibilitando de ser ela mesma: seus sentimentos ficam guardados, e a levam a uma insatisfação difusa para a qual não encontra explicação. De certo modo, os sentimentos são expressões sumárias de uma história pessoal. Eles se originam das mais remotas experiências

humanas, por mensagens recebidas no início da vida, dos pais e de outras pessoas significativas.

Os mecanismos de defesa do ego utilizados (projeção, introjeção, racionalização e outros) são impedimentos à boa comunicação, pois escondem a vulnerabilidade. Eles são defesas que ao mesmo tempo impedem a autenticidade. O antídoto criativo é aceitar a condição de fraqueza e admitir as limitações. Honestidade e franqueza colocam o indivíduo em contato com a realidade e seus relacionamentos baseiam-se em uma honesta auto-revelação. Somente quando está disposto a partilhar seu eu, o sujeito está realmente se comunicando. Quando se relaciona com o outro, o sentimento existe sempre, e é importante saber o momento de comunicá-lo.

Para cada um, acontece algo nas interações que diz respeito a si mesmo e não ao outro. O sujeito pode ser responsável sobre o que diz, mas irresponsável sobre o que escutam.

Meus sentimentos são como minha impressão digital, como a cor dos meus olhos e o tom de minha voz: únicos e irrepetíveis. Para você me conhecer é preciso que conheça meus sentimentos. Minhas emoções são a chave para a minha pessoa. Quando lhe dou essa chave, você pode entrar e compartilhar comigo o que tenho de mais precioso para lhe oferecer: eu mesmo.

(Powell, 1996, p. 160)

Conhecer melhor outra pessoa envolve uma longa trajetória: é desenvolver habilidades de escutar, sentir, apoiar, contrariar. Saber ouvir é uma parte fundamental para o bom desenvolvimento do relacionamento interpessoal. Ninguém pode confirmar ninguém somente pela empatia ou pela identificação, pois desta forma tenderia a filtrar somente o que é parecido consigo. A confirmação é uma troca que deve ter um duplo compromisso.

“Pessoas Flexíveis e abertas procuram não distorcer os fatos para que se encaixem em suas conclusões, revisam continuamente suas conclusões para acomodar todos os fatos conhecidos. A armadilha a ser evitada é a rigidez.” (Powell, 2000 p. 114).

Escutar é o começo da saúde mental. Ouvir é fundamental para construir e manter bons relacionamentos. O comportamento que mais dificulta o relacionamento interpessoal é a tendência a parar de ouvir. Deve-se ter sempre presente que o outro é muito importante, pois entre as inúmeras possibilidades que a vida oferece, uma é a de aquela pessoa estar presente

naquele momento, e só isso já é digno de respeito. É preciso aproveitar esta oportunidade para ouvi-la e refletir sobre o que se escuta: concordando, discordando, repensando ou reafirmando valores.

Escutar alguém não é se livrar de todos os pré-julgamentos, opiniões ou negar as próprias experiências. É estar aberto à opinião do outro, é buscar a alteridade. Mas esta receptividade não pressupõe “neutralidade”, implica antes na apropriação seletiva das próprias opiniões.

Ouvir, receber, acolher e não interpretar são pressupostos para o relacionamento interpessoal. Somente deste ouvir puro é que nasce uma resposta ao nosso posicionamento face ao outro. Dizer que sabe interpretar o outro é uma premissa falsa, pois só a própria pessoa é capaz de interpretar a si mesma. Pode-se muitas vezes, no afã de interpretar, de descobrir o oculto, não ouvir o não-manifesto. A relação acaba sem contatar com a intenção explícita que constitui a própria comunicação.

De acordo com AmatuZZi (1977), somente o silêncio diante do *tu* (a espera silenciosa da palavra não-formulada, pré-verbal) deixa ao *tu* a liberdade. Mas o silêncio não se reduz a uma atividade passiva. Ouvir implica em que *eu* também me ouça. O simples falar, ainda que seja sincero, não é suficiente para caracterizar o diálogo. É preciso que seja um falar-ao-outro e não simplesmente um falar voltado ao outro. Mesmo isso não instaura o diálogo, se não houver a recíproca, a mutualidade. Onde não há diálogo, as pessoas, mesmo juntas, falam muito, mas não se escutam, estão apenas preocupadas em falar.

Segundo Merleau-Ponty (1996), se *eu* não tiver a quem falar e que me ouça totalmente, *eu* não me expesso e, conseqüentemente, não atualizo o meu ser. Quando ouvimos alguém, a primeira coisa a fazer é pôr a própria vida de lado para realmente dar a liberdade ao outro de ser o que está podendo ser, sentir o que está podendo sentir, de preocupar-se, magoar-se, ressentir-se, irritar-se, amar embora de modo diferente do que o ouvinte faria naquele momento. “A verificação da nossa maneira de ouvir tem virtude de chamar a atenção para um dos mais úteis instrumentos da comunicação humana: é ouvindo que aprendemos.” (Penteado, 1982, p. 59).

Ainda para Merleau-Ponty (1996), a intersubjetividade é entendida como uma comunicação entre subjetividades (que se constituem mutuamente no ato comunicativo), de sujeitos falantes, de sujeitos que tornam o mundo significativo pela sua maneira de ser e de intencioná-lo. Há uma retomada do pensamento do outro através da fala, um poder pensar segundo o outro que enriquece os próprios pensamentos. Na relação humana plenamente aberta, se os interlocutores forem iguais e passíveis de uma abertura total para o outro, podem alcançar níveis de fecundidade intensos. A palavra original é a do encontro, o falar original é o comportar-se humano. Não é um abstrato intelectual, ela é a própria interação transformadora.

Tudo o que leva à necessidade de cooperar (de se proteger como grupo ou espécie) é gerador de sentimentos positivos de afeto, solidariedade e retribuição. Os sentimentos afetivos podem ser facilitadores da colaboração entre os seres humanos. É necessário no século XXI que se aprenda a falar menos em competitividade e mais em cooperação e solidariedade. Quando se tem uma boa formação humanista, é mais fácil dominar a tecnologia para ela ser um ente complementar, não para se antepor ao homem.

Um dos principais problemas do homem é viver consigo mesmo. Como o homem não existe como ser isolado no tempo e no espaço, e assim como ele é produto de suas relações com os demais, aprender a viver consigo mesmo passa a ser um compromisso social. A maior barreira à comunicação interpessoal é a tendência natural de julgar, apreciar, aprovar ou desaprovar as afirmações da outra pessoa ou de outro grupo.

Uma pessoa emocionalmente bloqueada, sem contato claro com o exterior, mas em contato interno com sentimentos inconscientes, portanto sem clareza de si e do meio, rompe a comunicação consigo. Conseqüentemente sua comunicação com os outros fica prejudicada: acontecem distorções na forma de comunicar-se, sofrendo tanto na relação com seu interior como nas relações interpessoais.

Todos passam por alguma luta interior: ansiedade, insegurança, medos da incompetência, inferioridade e culpa. Estas forças aumentam quando se é criticado pelos outros. Assim a visão dos ideais fica obscurecida por este conflito interior. Quando há sinais de que o ouvinte não está dando atenção, os demônios da insegurança emergem e abalam o falante.

É essencial que se aceite a outra pessoa no momento de vida que estiver, pois julgar intenções ocultas nos outros destrói a comunicação. Um bom ouvinte aceita as diferenças, procura sentir o modo de ser do outro e o que ele busca compartilhar, esforça-se por ver com os olhos do outro, sentir seus medos, doar sua presença com disponibilidade.

Quando a pessoa consegue uma comunicação mais inteira consigo, buscando compreender o mundo em que vive, ou seja, compreendendo-se num universo hermenêutico, sua comunicação é mais livre, mais verdadeira e mais eficaz com os outros.¹⁵ A boa comunicação do indivíduo com seu interior possibilita uma melhor comunicação com as pessoas.

Buscar a compreensão fenomenológica do interagir humano é entender que o homem tem diferentes possibilidades de dar a seu ser este ou aquele sentido, mas caracteriza que seu ser é também coexistência com os outros, em que se abrem as possibilidades de encontro entre o eu e o outro. O indivíduo está sempre se reiniciando a cada instante através das relações interpessoais, assim construindo uma teia de relações humanas, numa produção coletiva.

1.4 Comunicação, Linguagem e Hermenêutica

A comunicação é inserção de um sujeito complexo num ambiente que é ele mesmo complexo. O sujeito faz parte do ambiente e este faz parte do sujeito. A parte está no todo que é parte da parte. A realidade do mundo não é mais objetiva, mas faz parte de mim mesmo. Ela existe em mim, eu existo nela.

(Sfez, 2000 p.65)

Para Sfez (2000), o indivíduo não perdeu seus direitos. Ele pode fazer um bom enunciado, situar-se bem no mundo. Este é o pensamento que esta tese procura descrever, referindo-se especificamente ao comunicador como um ser que reflete o seu meio, sem esquecer que ele representa uma comunicação expressiva para as pessoas. Assim é preciso repensar a comunicação voltada para o sucesso, esquecida da profundidade e distorcida pelas

¹⁵ É o que se pretende aprofundar no item 3.4 sobre comunicação, linguagem e hermenêutica.

estruturas de poder. De acordo com Merleau-Ponty (1996 p.250) “A fala é um gesto, e sua significação um mundo”.

No fenômeno da comunicação, existe um código de linguagem inteligível entre emissor e receptor, que representa o instrumento de comunicação. A comunicação não é um transportar de vivências, de opiniões, desejos do interior de um sujeito ao interior do outro. Para Merleau-Ponty (1996, p.546) “O interior e o exterior são inseparáveis. O mundo está inteiro dentro de mim e eu estou inteiro fora de mim”.

Segundo Heidegger (1997), a coexistência abre uma disposição afetiva comum e do compreender comum; todo o discurso sobre (que comunica algo) tem o caráter de expressar não o que estava no interior, mas a convivência incorporada do ambiente. O discurso é a articulação em significações da compreensibilidade afetivamente dispostas do estar-no-mundo. O que é dito de forma discursiva é chamado de comunicação.

“Para compreender a essência da linguagem precisamos entender a linguagem como elo da idéia de “expressão”, de “forma simbólica”, de comunicação declarativa, de “manifestação”, de vivência e de “configurações” de vida.” (Heidegger, 1997 p.186)

Ser humano é ser a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. A linguagem é a própria forma de o ente se autocompreender. A linguagem constitui o ser, e é através da linguagem que o ente se entende.

A multiplicação das comunicações de todas as espécies entre indivíduos tece uma rede social cada vez mais complexa, a qual permite o crescimento das comunicações e favorece o desenvolvimento dos indivíduos.

Berlo (1997 p. 34) rejeita a possibilidade de que a natureza consista em acontecimentos ou ingredientes separáveis de todos os demais acontecimentos. Ele alega que não se pode falar em começo ou fim da comunicação, nem dizer que determinada idéia veio de uma fonte específica, ou que a comunicação ocorre apenas numa direção. Nenhuma fonte comunica como livre agente, sem ser influenciada por sua posição no sistema sócio-cultural. Precisamos levar em conta os fatores pessoais da fonte: habilidades comunicadoras, atitudes, conhecimentos. É necessário conhecer o contexto no qual se comunica, e os valores culturais

dominantes. Pessoas de diferentes classes sociais comunicam-se diferentemente. A sociedade e a cultura condicionam as escolhas de palavras que as pessoas usam.

Segundo Polster (1979), os hábitos lingüísticos de uma pessoa dizem muito a seu respeito, como também a respeito daquilo que ela está tentando dizer ou dos valores que recebeu. Dizer o que verdadeiramente se quer dizer é um magnífico ato de criação, facilmente negligenciado pelo fato de as pessoas falarem tanto e estarem ligadas a convenções sociais pela linguagem. Em certo sentido, nenhuma palavra é exatamente a mesma para duas pessoas diferentes - freqüentemente, nem para uma mesma pessoa em momentos diferentes, porque a emergência de uma palavra é um evento que encerra toda uma vida de sensações, memórias, desejos e imagens. Palavras ditas como jargão não possuem esta qualidade e são pouco facilitadoras de contato, porque não são uma afirmação pessoal do indivíduo. Um exemplo: quando se pergunta como a pessoa vai, a resposta é automática: “tudo bem”. Estas caricaturas da linguagem anulam o nosso vocabulário. Aquilo que um dia foi um discurso individual acaba por tornar-se um vício coletivo.

Segundo Maturana (1999), a linguagem comunicacional como fenômeno consiste no operar comportamentos consensuais. Ela é o resultado de um conversar, de estar junto, de interações recorrentes. Os comportamentos consensuais pertencem ao domínio das condutas aprendidas, que resultam da convivência. No cotidiano, todos estão imersos na experiência e se movem como sistemas determinados estruturalmente. Costuma-se inclusive tratar o outro como um sistema determinado, ou seja, espera-se que o outro se comporte de determinada forma. No entanto, embora os seres humanos reajam por sistemas determinados estruturalmente, eles são complexos. Por isso nem sempre uma pessoa desencadeia no outro a mesma percepção.

É por sermos sistemas determinados estruturalmente que não podemos distinguir entre ilusão e percepção, porque a estrutura do sistema determina o que ele admite como perturbação. A distinção entre ilusão e percepção só pode ser feita pelo observador, não pelo sistema.

De acordo com Maturana (2001), a história evolutiva é uma história de deriva com conservação de um modo de vida. A evolução é um fenômeno conservador, e o que se

conserva é um fenótipo¹⁶ ontogênico: um modo de vida que é um modo de transformação a partir de uma célula inicial até o indivíduo adulto, na época reprodutiva, com um espaço de variabilidade possível. A história dos hominídeos, que tem seu presente no Homo Sapiens, é uma história de vida de grupos pequenos em interações recorrentes, coletores de grãos, que compartilhavam alimentos. Os humanos tem a biologia do compartilhar. Isso se observa na vida cotidiana, comemos e conversamos juntos. O compartilhar é um elemento que pertence à nossa biologia, não pertence à cultura. Vive-se atualmente uma cultura que nega o compartilhar, surge assim a competitividade. A história dos seres vivos não se realiza pela competição, mas pela conservação de certos modos de vida. A competição é um fenômeno humano, um fenômeno das relações humanas, na qual a emoção central resulta na negação do outro. Quando um ganha e o outro perde, aparece o sofrimento. A competição é constitutivamente anti-social. Na linguagem, o que se descobre é que nós somos geradores de realidades.

Antes da linguagem não há objeto. Nada existe, porque a existência é trazida à mão do observador: no momento em que surge a linguagem, surgem os objetos. Mas a linguagem é também a queda do ser humano, ao permitir as cegueiras frente ao ser biológico, que trazem consigo as ideologias normativas daquilo que deve ser. Toda vez que alguém se recusa a compartilhar, recolhe-se a uma explicação para justificar sua rejeição, o que prova que desta forma violentou-se o ser biológico básico e que as justificativas ideológicas cegam a si mesmo e os demais.

A linguagem pode se estabelecer na criança (nas interações com mãe, pai ou substituto) de modo rápido. É na linguagem que surge o eu, conforme vimos na estética da personalidade. Em um sentido estrito, para o suceder do viver não precisamos de explicações, embora as explicações mudem o suceder do nosso viver. Assim, o conhecimento é adquirido na convivência, através da comunicação. Aprende-se a ser de uma ou de outra maneira na convivência com outros seres humanos.

Ainda para Maturana (2001), a história individual de qualquer ser vivo transcorre sob condições de conservação de organismo. Nenhum de nós está tratando de estar vivo,

¹⁶ Fenótipo: é o conjunto de caracteres que se manifesta visualmente em um indivíduo e que exprimem as reações do seu genótipo (patrimônio hereditário) diante das circunstâncias particulares de seu desenvolvimento e em face de seu meio. (Maturana, 2001).

acontece-nos que estamos vivos e continuamos vivos: estamos aqui. Todas as mudanças que ocorrem num ser vivo são mudanças estruturais com conservação de organização. Quando não se conserva a organização, o sistema se desintegra.

A universalidade da linguagem significa que ela forma o nosso universo, isto é, o elemento ou todo no qual nós vivemos como seres finitos. Mas estar na vida com uma possibilidade genética não determina o que esta pessoa possa ser. Os indivíduos em suas interações constituem o social, enquanto o social é o meio em que estes indivíduos se realizam. Logo não há contradição entre o indivíduo e o social, porque são mutuamente gerativos.

A Gestalt-terapia toma como ponto de partida algo quase não referenciado nas ciências humanas: a troca incessante entre o organismo humano e seu ambiente circundante. Todas as áreas da vida vinculam a pessoa ao mundo de maneira inextricável.

Para a Gestalt-terapia, o self está presente no momento da experiência que se desdobra em um campo (parecido a um campo elétrico) carregado de premências – vontades, necessidades, preferências, anseios, desejos, julgamentos e outras expressões ou manifestações de ser. O encontro entre duas pessoas acontece na fronteira do contato. Este é o local de encontro entre self e o outro, ou local de afastamento. É nessa fronteira de contato que ocorre o crescimento. O crescimento surge da metabolização do desconhecido que é assimilado do ambiente, tornando-o conhecido, o que o transforma num aspecto do self.

A experiência se dá na fronteira entre o organismo e seu ambiente. O organismo se põe em contato com o ambiente, mas o contato é a própria realidade mais simples e primeira. De acordo com Karen Horney (1964), as pessoas comumente percebem seus conflitos emocionais oriundos do comportamento natural ético de responsabilidade em relação ao outro e seu ambiente, que são confrontados com os papéis sociais ou desejos que lhes são impostos. Cada indivíduo tem de lutar com outros indivíduos do mesmo grupo, na busca de ultrapassar o outro; a vantagem de alguém é a desvantagem de outrem. O resultado psíquico desta situação é uma tensão difusa de hostilidade entre os indivíduos. Todos passam a ser competidores reais. Esta tendência de espoliar o outro é acompanhada de uma atitude emocional de inveja rancorosa. Uma inveja de todos que se sentem aparentemente mais seguros, mais firmes, mais felizes, mais coerentes, mais confiantes em si mesmos. Diante da

pressão da ideologia em vigor, até a pessoa mais consciente é forçada a achar que ela vale alguma coisa quando tem sucesso e que não vale nada se não se sai muito bem. Isso tudo gera uma base instável para a auto-estima.

“Quando nos lembramos que em toda a neurose¹⁷ há tendências contraditórias que o neurótico não consegue conciliar, perguntamo-nos se não haverá análogamente certas condições explícitas em nossa cultura, que formam a base dos conflitos neuróticos típicos” (Horney, 1964 p.207)

Considera-se o conflito inibidor do indivíduo, sua interação com a sociedade. As relações sociais (como a dependência, a comunicação, a imitação) são originais em qualquer campo humano, muito anteriores ao fato de reconhecer como pessoas idiossincráticas ou de identificar os outros como constituintes da sociedade.

Pode-se pensar, como Heidegger (1997), que cada experiência de verdade seja uma articulação interpretativa de uma pré-compreensão na qual somos colocados pelo fato de existirmos como seres-no-mundo. Mas a pré-compreensão é constitutiva da nossa humanidade. A verdade é interpretação, verificação ou falsificação de proposições e pode acontecer apenas no horizonte de uma abertura prévia, herdada, principalmente na linguagem, que é a casa do ser, desde onde o homem já é lançado como sua origem.

Quem fala sobre o mundo trata de algo que não se limita, enquanto quem fala de algo dentro do mundo fala de algo que se limita. Portanto, é de dentro da linguagem que falamos sobre aquilo que é condição de possibilidade da linguagem. Se não houvesse comunicação anterior a esse discurso, não haveria comunicação possível pela linguagem. Pode haver uma comunicação não produzida pela linguagem, mas esta só aparece quando se produz a comunicação pela linguagem.

Segundo Stein (1996), o papel da hermenêutica foi abrir a compreensão de que o mundo não se reduz ao universo lógico-semântico, ainda que não o dispensa. Estabelecer a racionalidade de uma verdade e de um discurso que não pode ser provado nem empiricamente, nem através de um fundamento último - essa é a tarefa da hermenêutica.

¹⁷ Segundo Karen Horney (1964), toda a personalidade na nossa cultura é neurótica devido as contradições culturais que fazem com que a pessoa sinta-se psicologicamente isolada.

Os sujeitos não só apreendem a massa de informações que nos é oferecida pelos meios de comunicação, pelas escolas, pelos pais, eles são indivíduos produzidos pelos movimentos culturais, pelos processos históricos involuntários. É a descoberta libertadora da hermenêutica que encontra um novo lugar para o indivíduo no mundo.

Ainda para Stein (1996), enquanto compreendemos o todo, já sempre nos compreendemos. A hermenêutica introduz a idéia de que não há proposição que seja feita no vácuo: todas pressupõem uma determinada história. Então, toda posição, de certo forma permite uma interpretação. Não há compreensão do homem na linguagem sem compreensão do ser ou compreensão da totalidade. A interpretação do mundo é a condição fática do homem. Todo processo de compreensão do ser é limitado por uma história, isso é a faticidade¹⁸ que já está determinada por condições anteriores à compreensão do ser. Todos estão envolvidos na linguagem, da qual determinam a veracidade ou a falsidade das proposições. Linguagem é parte daquilo em que se está enraizado, é parte da faticidade.

Não podemos esquecer que, ao ler um texto, este texto é reconstruindo. Essa reconstrução é uma interpretação, mas é preciso reconhecer que a informação sobre tudo que é possível no contexto é extremamente limitada. Isto significa um cuidado sobre o que se vai falar. Este cuidado é uma característica de como trabalhar a hermenêutica enquanto método. É a consciência de que o investigador na área das ciências humanas sempre está vinculado ao seu objeto e que o desenvolvimento de suas análises depende da capacidade do autocontrole e consciência de que todo o trabalho científico é um caminho de investigação, que tem a ver com a própria formação intelectual, com a formação de sua história fenomenológica de vida, que vai guiá-lo na aproximação dos textos. Não se pode conhecer nada fora do tempo, assim como não se pode começar uma conversação pelo final. O conhecimento em cada instante está ligado precisamente a esse instante e não pode fazer de seu passado algo no passado, nem do futuro algo no futuro. Cada acontecimento concreto tem seu presente, seu passado e seu futuro.

¹⁸ Faticidade. A faticidade de conviver significa o conviver, o estar uns com os outros, deve-se distinguir este conviver, que é iminente fático da coexistência que indica o existir dos outros Dasein. Coestar significa estar com outros no mesmo mundo e é uma estrutura de cada Dasein. Todo o Dasein individual está-com-os-outros-no-mundo, a esta estrutura ontológica se chama coestar: O coestar é uma estrutura existencial do Dasein, no entanto a coexistência não é uma estrutura do Dasein, mas são os outros Dasein, o Dasein dos demais (Heidegger, 1997 p. 472).

Cada encontro humano é um encontro estético, é o eu com a realidade do momento, até o próximo instante. É a busca do ser se relacionando, se comunicando mais consciente, inclusive da sua inconsciência.

1.5 Comunicação e a Dialógica do Indivíduo e da Sociedade

As relações sociais como a dependência, a comunicação, a imitação, o amor-objetal, são originais em qualquer campo humano, muito anteriores ao fato de reconhecermo-nos como pessoas idiossincráticas ou de identificarmos os outros como constituindo a sociedade. A personalidade é uma estrutura criada a partir de semelhantes relacionamentos interpessoais primitivos; e em sua formação geralmente já houve a incorporação de uma quantidade enorme de material alheio, inassimilado ou mesmo inassimilável e isto, naturalmente, torna os conflitos posteriores entre o indivíduo e a sociedade muito mais insolúveis.

(PERLS. 1997, pág. 129)

Perls e Goodman (1997) afirmam que “o conflito entre indivíduo e sociedade é genuíno”, pois ambos (indivíduo e sociedade) se regem pelo princípio de auto-preservação: o indivíduo para se auto-preservar, necessita crescer, desenvolver suas potencialidades, ter liberdade para ser ou não ser diferente, experimentar o imprevisível. A sociedade, por seu turno, precisa de indivíduos previsíveis, que obedeçam às suas normas, que não desenvolvam a sua individualidade, mas sim os papéis instituídos e socialmente aceitos, proporcionando uma liberdade vigiada aos seus integrantes. A sociedade sente-se ameaçada com comportamentos divergentes.

Cada um sabe que o outro está ligado a ele mesmo e que o saber do outro é também socializado. Esse conhecimento de que o todo complexo é sociedade só se realiza com referência aos conteúdos individuais concretos.

De acordo com Simmel (1986), o que temos que estudar como conceito geral da socialização é algo análogo ao conhecimento: é a consciência de socializar-se e estar socializado. Não podemos nos ver de forma reduzida nos vendo nos demais, nem apenas na nossa individualidade. O olhar para o outro completa o caráter fragmentário e faz

compreender que não somos nunca inteiramente puros. A prática da vida nos obriga a formar uma imagem do homem com aspectos que realmente conhecemos como sendo uma personalidade ideal.

Cada membro vê o outro sob o fundamento de um a priori que se impõe a todos. Não vemos os outros puramente como indivíduos, mas como colegas, companheiros, habitantes do mesmo mundo particular. Este é um modo pelo qual o homem tem para dar a si mesmo a representação do outro, a qualidade e a forma requeridas por sua sociabilidade. Este a priori social parte do princípio de que o indivíduo não orientado pela sociedade (ou que não se agrega a ela) não deve conceber-se como algo que faça parte da sociedade, mas sim que está fora dela, sendo que a sociedade dá um espaço, querendo ou não. O fato de que o indivíduo, em certos aspectos, não seja o elemento da sociedade constitui a condição positiva para que ele seja em outros aspectos. Sabemos que somos parte incorporada na natureza, que como os demais somos um igual entre os iguais, sabemos que somos produtos da sociedade, mas a contribuição de cada indivíduo constitui sua confluência genérica e social dos fatores cuja síntese nos remete à individualidade.

A vida da sociedade transcorre não psicologicamente, mas fenomenologicamente. Cada indivíduo se converte em membro necessário pelos acontecimentos da vida no todo. O homem vive a unidade solidária de seu destino individual com o destino da comunidade a que pertence, logo não pode ter êxito ou fracasso por sua conta. Junto com os outros o eu terá uma série de modos de existência que não vai dar muita base para que se possa distinguir esse eu dos outros. O proceder do eu será exatamente igual ao proceder dos outros. Cada pessoa tem, em qualquer momento de sua vida, uma certa consciência de quando está feliz, ou desesperada. Essa consciência não é individual e sim está relacionada com o mundo. Não é um estado subjetivo puro, mas é o estar-no-mundo. Para Heidegger (1997), a ação do homem no seu ser-no-mundo é desdobrada pela possibilidade originária de ser-com-os-outros, não é jamais individual. A produção da vida de ser eu é uma produção coletiva.

Os meios de comunicação influenciam as pessoas a lidar com as coisas como se quer que elas pareçam ser e como se quer que sejam tratadas, mas os próprios comunicadores já são, eles mesmos, representantes de uma produção coletiva do imaginário cultural, de acordo com a visão hermanêutica. Portanto, o olhar não é individual, exclusivo do indivíduo, ainda

que seja o indivíduo quem vê, pois seu olhar é composto pelo referencial das relações significativas do mundo em que habita: os outros também acontecem junto e através do eu.

A reciprocidade é possível em razão das condições prévias da existência de uma comunicação através de um sistema comum de símbolos ou cultura comum. Os objetos culturais, por exemplo, deixam de ser o que são em certa época e em certa cultura, para virem a ter outros sentidos.

De acordo com Morin (2002), a sociedade vive para o indivíduo, e este vive para a sociedade; sociedade e indivíduo vivem para a espécie, que vive para o indivíduo e a sociedade. A cultura e a sociedade permitem a realização dos indivíduos; as interações entre os indivíduos permitem a perpetuação da cultura e a auto-realização da sociedade.

Como vimos no tema comunicação e estética da personalidade, os fatores sociais e a comunicação destes fatores são essenciais para o organismo. A subjetividade não se fundamenta em si mesma, pois sendo aberta, está ligada ao mundo das relações existentes: é singular com as características do todo.

O sujeito não está sozinho porque o outro e o nós moram nele, mas o eu está só porque cada pessoa contém inúmeras potencialidades, que lhe conferem a singularidade.

Para Critelli (1996), singularidade é entendida como a possibilidade que cada indivíduo envolvido em um processo de interação possui para modificar o conteúdo do processo comunicativo. Esta é a consciência proposta para uma comunicação contemporânea.

Coisa alguma é verdadeira em si mesma. Um objeto só é tornado verdadeiro mediante uma referência, algo que venha de fora e o autorize a ser o que é. As sensações e emoções estão sujeitas às mesmas regras. Aquilo que o indivíduo sente só chega a ser sentimento, medo, vergonha, felicidade, amor, raiva, quando confirmado como tal pelo testemunho dos outros. Nossa sociedade referencia também vários valores, como riqueza, pobreza, loucura, homossexualidade. A loucura é banida porque não é uma forma de ser/pensar o mundo sob o modelo racional, cientificamente postulado.

A relevância pública depende do que podemos chamar de opinião pública. Ela cria as bases de um senso comum. A existência coletiva determina quais coisas devem aparecer e se manter entre nós. Os meios de comunicação de massa dão velocidade a esse movimento, mas as mídias podem ser entendidas como parte da interação humana.

Abandonasse o homem um dia o hábito de rotular as coisas como boas, más, desejáveis e indesejáveis e os males, obra sua, produtos de seus atos carregados de valores, desapareceriam, e os restantes males naturais não seriam mais vistos como males, e sim como parte inevitável da trajetória desta vida.

(TZU 1964, pág. 14)

Por mais que se tente construir uma sociedade que controle angústia, fluidez e liberdades humanas, ela não vingará, porque o originário do modo de ser humano, por mais represado que seja, é reivindicante sempre e irrompe, nos momentos mais inesperados. O máximo controle sobre o comportamento da opinião pública ainda não é seguro.

Assumir conscientemente indivíduo / sociedade / espécie é retornar a arkhè¹⁹ para Morin (2002) “É escolher o destino humano nas suas antinomias e na sua plenitude e afirmar sua liberdade, posta a serviço não apenas de si mesmo, mas também da espécie e da sociedade”. “Ser humano é viver em estado de responsabilidade e consciência de ser um ser com”.

A ação não se torna concreta através das regras da sociedade e de códigos de comportamento aprovados por convicções sociais. O que caracteriza o ser humano é a qualidade de sua consciência do ambiente, da natureza, dos objetos, dos outros seres humanos e de todas as formas de vida.

O mundo abre-se entre os seres humanos. Por isso, não se deve compreender o acontecimento como soma de todas as coisas, mas como lugar onde seres humanos se encontram e onde as coisas podem aparecer para eles.

Compreender a comunicação contemporânea é saber que mudanças acontecem quando o indivíduo se torna consciente daquilo que está podendo ser, investindo plenamente em nossas prioridades atuais. No momento em que todos puderem olhar uns para os outros, examinando aquilo que estão podendo ser, estarão envolvidos no processo de mudança.

¹⁹ Arkhè – palavra grega que significa aqui, a princípio, o primordial.

1.6 Comunicação e Imaginário Cultural

Desde o momento em que se abrem, os olhos constataam formas; os ouvidos recolhem vibrações da natureza, de aparelhos, da voz; presenças anunciam-se na pele; sabores ativam o paladar; odores atraem ou repelem. Num universo de percepções infinitas, movemo-nos seletivamente. Não preservamos a maioria delas mais do que alguns segundos, as eleitas nos acompanham por muitos anos. Construimos assim um ambiente familiar, no qual, uma vez organizado, sabemos viver, mesmo sem pensar. Fugazes, reorganizamos sem descanso o arquivo das nossas lembranças. O agora saliente cai no olvido, recordações esquecidas retornam transformadas, engrandecidas, embelezadas. A cadeia das relações humanas altera-se todos os dias. Eis o mundo como parece, aparece, perece.

(SCHÜLER. 2001, p.121)

Podemos considerar o valor da imagem como meio de transmitir sensações e interações expressando em traços complexos, o imaginário ou seja o subjetivo em sua incessante busca de representar a realidade.

Essa realidade pode estar representada num símbolo, que pode ser um termo, mas pode ser uma imagem desconhecida ou oculta. Assim, uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto. Esta imagem tem um aspecto inconsciente mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. Podemos dizer que a interpretação da imagem se desloca do objeto para o sujeito. Para Heidegger (1997), o interpretar é o expor, o desdobrar das próprias possibilidades. Nesse sentido o homem é um ser para possibilidades. Para Eliade (1998, p.126), “o homem não se sente enclausurado em seu próprio modo de existir, ele é aberto, se comunica com o mundo”.

Como podemos perceber, o homem não percebe plenamente uma coisa. Os sentidos do homem limitam a percepção que este tem do mundo à sua volta. Por mais instrumentos científicos que possa usar, em um determinado momento há a um limite de evidências que o conhecimento consciente não pode transpor. Cada leitura da imagem será diferente da outra, por isso é sempre incompleta, como o progresso, seja na arte ou na ciência, não é um continuum, mas um avanço num determinado sentido, durante determinado período, em determinadas direções.

De acordo com Eliade (1998 p.44), trata-se sempre de um ciclo, de uma duração temporal que tem um começo, um fim e um recomeço. O fim de um ciclo anuncia um ciclo seguinte, portanto este está implícito no começo e vice-versa.

Segundo Lourenço (1999, p.15), o espaço do imaginário individual ou coletivo não tem essa espécie de existência idealmente objetiva que os mitos possuem. Este não é um mundo que se contempla, é o mundo que nos invade e no qual estamos imersos enquanto esse imaginário existe.

Hoje o indivíduo que resiste à mudança é desqualificado. A mítica moderna é a mudança pela mudança. Isso afeta nosso modo de pensar e explica o fenômeno atual do homem em busca de referências, uma vez que há um questionamento quanto às certezas, o que deixa o homem aberto aos excessos e às desordens, gerando nele angústias, ansiedades, estresse e depressão.

A pós-modernidade não apenas envolve uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, como é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes.

A sociedade está tão impessoal que o povo se aliena na tentativa de buscar semelhança naquilo que, muitas vezes pode ser uma visão superficial. De acordo com Perls (1997), as características mais salientes de nossa época são a violência e a submissão. Ainda nos diz Perls (1997), que, se por um lado acreditamos menos em nós, por outro, as defesas são proporcionais às pressões sofridas no contexto total: externo e interno. Quanto mais o indivíduo se sente acuado, mais fica resistente e mais se defende. Por isso, esta falta de confiança em si mesmo, no outro e no mundo foi uma construção penosa, porém necessária como sobrevivência. A essência e a intenção da gestalt-terapia apontam de forma clara para a direção do respeito a essas defesas tão duramente construídas. Importante seria conscientizar-se de que é preciso trabalhar com elas, e não contra elas.

O progresso se tornou rotina. As capacidades humanas de dispor tecnicamente da natureza se intensificaram, e continuam intensificando-se. Enquanto novos resultados sempre se tornarão alcançáveis, a capacidade de planejamento os tornará cada vez menos novos. A contínua renovação da sociedade de consumo é requerida em todos os meios de comunicação

para a sobrevivência do sistema. Ela não tem nada de novo, mas representa a maneira como as coisas prosseguem iguais, ou seja, o que entendemos por progresso também se torna rotina. A capacidade de discriminar entre as possibilidades que a condição pós-moderna coloca só se constrói quando ela é reconhecida como campo de possibilidades e não como muitos pensam, como o inferno da negação do humano. Ela é um modo de vivenciar a verdade, não como objeto que nos apropriamos e transmitimos, mas como horizonte e pano de fundo no qual sempre nos movemos.

*“Nem de, nem para; no ponto imóvel, aí está a dança,
Mas não parada nem em movimento. E não chame de imobilidade
O local onde passado e futuro se encontram...
... se não houvesse o ponto, o ponto imóvel,
não haveria dança, e só há a dança”.*

(Goswami. 2000 p.232)

A soma das vivências de cada ser humano, assim como de quem as comunica, é constituída pela soma das vivências éticas e estéticas ao longo da vida. Estas vivências são responsáveis pela interpretação das imagens figurativas ou não-figurativas.

O inconsciente está analogamente harmonizado com o meio ambiente, com o grupo, com a sociedade em geral, com um continuum do espaço-tempo e com toda a natureza, unida de forma inextrincável com o psíquico e o físico. Como há inúmeras coisas mais além do alcance do entendimento humano, são usados constantemente termos simbólicos para representar conceitos que não se pode compreender de todo. Se queremos ver as coisas por uma outra perspectiva, é preciso compreender o passado do homem, assim como seu presente.

Para Maffesoli (1997), “a cultura contém uma parte do imaginário, mas ela não se reduz ao imaginário, é mais ampla, assim como o imaginário não se reduz à cultura, tem também autonomia”.

O espaço imaginário é um tipo de realidade que literalmente se define por não ser real, mas constitui o campo do imaginário. É um estado de espírito que caracteriza um povo, permanece numa dimensão ambiental, é uma força social, uma construção mental. O imaginário é um estado de espírito de um grupo, de um país, de uma comunidade.

O imaginário é também uma ideologia, pois envolve (além do racional) sensibilidade, sentimento e afeto: é a valorização da forma. Para Maffesoli (1995 p.121), “o objeto colocado em forma, isto é, o objeto que se espiritualiza em imagem, pode ser compreendido como uma busca do primordial, do arcaico, da realidade pré-individual, que serve de suporte para toda a sociedade”.

Segundo Joly (1996 p.42), “Não podemos esquecer que existem para a humanidade inteira, esquemas mentais, representações universais, arquétipos ligados à experiência comum a todos os homens, que mobilizam tanto o consciente como o inconsciente de uma pessoa”.

De acordo com Maffesoli (2000), a hermenêutica pode nos permitir compreender as diversas expressões contemporâneas da presença no mundo, acalmando a raiva do presente ou a exigência de viver o aqui e o agora. A experiência leva-nos a viver o que é e acomoda-nos com o que é, numa vivência repleta de vicissitudes e de imperfeições, mas que temos consciência de ser a única que nos é dada a viver.

Interpretar uma mensagem é compreender o que esta mensagem provoca de significações aqui e agora, ao mesmo tempo que se tenta separar o pessoal do coletivo. Esta consciência da integração do individual com o coletivo foi o que se quis demonstrar no que se chamou Comunicação Contemporânea. É o que compreende também a linguagem de Heidegger sobre singularidade e pluralidade. Em Gestalt, leva-se em conta a figura que emerge para um indivíduo como “awareness”, que seria situar o seu self que não exclui um modo individual de ver, questionar, conscientizar e escolher, criando outras formas.

O imaginário é de fato uma linguagem, portanto uma ferramenta da comunicação. É uma produção humana que nos vincula às tradições mais antigas e ricas da cultura. Para Joly (1996), os valores trazidos pelo imaginário são condutores. Eles podem permitir interpretar os fenômenos que são produzidos por uma determinada cultura e que hoje se apresentam muitas vezes de forma globalizada, comunicando o antigo e o contemporânea.

A hermenêutica pode explicar as diversas expressões contemporâneas, há uma imagem do arquétipo numa dimensão trans-histórica, que se expressa no dia-a-dia numa espécie de eternidade.

Segundo Maffesoli (2000), a presunção individual que dominou toda a modernidade traz um outro princípio, o do coletivo englobante em que cada um deve desempenhar um papel específico. Quando se reconhece a formação sutil da energia do hábito, prestando atenção às palavras, gestos, pensamentos e imagens mentais, compreende-se paradoxalmente que nada foi perdido, nada tem que ser encontrado. A estreiteza das opções só é percebida quando as estruturas cognitivas não mais proporcionam resultados satisfatórios, quando a impermanência desaba sobre o conhecimento que antes parecia seguro e permanente, mas isso também acontece com paradigmas que envelhecem.

Para Rahde (2000 p.92), “a pós modernidade, portanto, não é um movimento novo: é a manifestação de momentos de crise, de grandes conflitos, que estão sendo refletidos na arquitetura, na literatura, no cinema, nas histórias em quadrinhos, nas artes em geral, na educação e, conseqüentemente, na comunicação de um multiculturalismo”.

As informações da mídia podem orientar comportamentos por um lado, mas por outro podem tornar os indivíduos mais reflexivos. Esta é a parte de liberdade das pessoas, determinante da história que repousa na ação dos homens.

Tendo clareza que o self acontece em um ambiente, é evidente que as fragmentações culturais favorecem o aparecimento de fendas na constituição de si-mesmo.

O imaginário, nos diz Joly (1996), é de fato uma linguagem, portanto uma ferramenta da comunicação, de uma produção humana que se vincula às tradições mais antigas e ricas de nossa cultura. O criador de um filme, de uma publicidade, só é criador na medida em que consegue captar o que circula na sociedade. Isso significa que o criador está em sintonia com o vivido.

O próximo capítulo vai procurar estabelecer os princípios básicos da Gestalt-terapia, mostrando que eles são compatíveis com a visão do homem inscrito no social, na ação comunicativa. Esta é permeada pelo círculo hermenêutico, possibilitando uma visão mais integral do ser humano como comunicador, buscando modos psicológicos do viver através da Gestalt-terapia na essência de sua estrutura fenomenológica.

2 Gestalt e Comunicação

2.1 Gestalt como Terminologia

Neste capítulo pretende-se descrever as origens da psicologia da gestalt, da palavra gestalt e do surgimento da Gestalt-terapia, acrescentando a seguir seus princípios básicos, compatíveis com a abordagem utilizada neste trabalho.

O termo alemão gestalt equivale a forma ou figura, mas sua intenção significativa pode ser traduzida por configuração. Forma, configuração, estrutura, relação estrutural ou todo organizado e significativo são os termos que se assemelham a gestalt. O todo determina as partes, tem qualidades próprias e não é meramente soma ou agregado das partes constituintes.

A palavra gestalt tem o significado de uma entidade concreta, individual e característica, que existe como algo destacado e que tem uma configuração comum de seus atributos. Uma gestalt é produto de uma organização e esta organização é o processo que leva a uma gestalt. Dizer que um processo ou o produto de um processo é uma gestalt significa que ele não pode ser explicado pela mera combinação cega de causas desconexas, mas que sua essência é a razão de sua existência.

No processo de organização, o que acontece a uma parte do todo é determinado por leis intrínsecas inerentes a esse todo.

2.2 A Psicologia da Gestalt

A Psicologia da Gestalt teve sua origem na Alemanha. Como muitos movimentos científicos importantes, a psicologia da forma (gestalt) nasceu de uma rebelião contra a ciência estabelecida na época. Por se oporem à tradição acadêmica da psicologia mais antiga (psicologia experimental), a gestalt era conhecida como uma psicologia de protesto. A nova escola exigia nada menos que uma completa revisão da psicologia.

A Psicologia da Gestalt originou-se como uma teoria da percepção que incluía as relações entre a forma do objeto e os processos do indivíduo que o recebe. Foi uma reação às abordagens atomistas que reduziam a percepção aos processos mentais ou conteúdos mentais.

A Psicologia da Gestalt questionou a explicação da percepção como uma soma de sensações. Duvidou também da concepção dos processos fisiológicos correspondentes como uma soma de atividades separadas. Para os gestaltistas, nem o processo ideológico, nem a percepção ou a excitação nervosa poderiam ser concebidas como uma simples soma das partes. O processo cerebral, assim como a percepção, deveria ser um todo unificado, não sendo mais uma integração de atividades isoladas de unidades distintas, assim como a percepção é tampouco uma composição de sensações separadas.

Na opinião dos gestaltistas, a escola antiga foi incapaz de resolver o problema evidenciado entre “o caráter da percepção real e o do estímulo sensorial local”. A Psicologia da Gestalt tenta remontar à percepção ingênua, à experiência imediata “não contaminada pelas aprendizagens”. Ela insiste em encontrar aí não uma montagem de elementos, mas conjuntos unificados; árvores, nuvens e céu ao invés de um grande número de sensações massificadas. Ela convida quem quiser verificar esta afirmação a abrir seus olhos e ver o mundo que o cerca.

O movimento gestáltico surgiu no período compreendido entre 1930 e 1940 e teve como expoentes máximos: Max Wertheimer (1880-1943), Wolfgang Köhler (1887-1967) e Kurt Koffka (1886-1941). Posteriormente Kurt Goldstein (1878-1965) dedicou-se ao estudo

das manifestações comportamentais com lesões cerebrais com base nas noções da Psicologia da Gestalt, com quem Frederick Perls (1893-1970), criador da Gestalt-terapia, estudou.

Os gestaltistas contribuíram para o estudo da percepção e também para avanços na comunicação humana, na aprendizagem, envolvendo a psicologia social.

Em primeiro lugar, a psicologia da forma tratou de investigar a experiência subjetiva, como a percepção. Esta era desprezada pelos behavioristas, tida por eles como imprópria para a investigação científica, pois suas teorias só podiam expressar-se em termos qualitativos, sem ajustar-se a padrões de precisão corretamente admitidos.

O enfoque teórico dos gestaltistas parecia negar um dos princípios básicos do método científico, o de que “os todos” podem ser entendidos mediante sua redução a um conjunto de partes. Os gestaltistas afirmam que o objeto primeiro se apresenta na sua totalidade (na sua forma, configuração) e só depois o indivíduo atentar-se para os detalhes. No estudo da percepção, em primeiro momento vemos o todo e depois selecionamos partes. O conjunto é mais do que a soma das partes: se uma nota de música que conhecemos é alterada, altera-se o todo. Para Wertheimer, o todo é maior do que a soma de suas partes e, para Köhler, o todo é um campo que determina suas partes.

Para os psicólogos gestaltistas, toda a percepção é uma gestalt, um todo que não pode ser compreendido pelas partes. O todo é mais que a soma das partes, uma paisagem não é apenas relva mas céu, árvores, nuvens e outros detalhes, ela é uma percepção única que depende das relações existentes, definidas umas com as outras. Se mudarmos as relações, a qualidade do todo mudará completamente. Não são as partes separadas de uma melodia que caracterizam a percepção de uma melodia. A percepção que temos de um objeto qualquer é um todo, tem caráter global - é uma gestalt. A relação estabelecida entre as partes do todo pode ter vários tipos, entre eles a relação figura e fundo.

O pensamento gestaltista enfatizou características de figura e fundo, fluidez dos processos perceptuais e o indivíduo como participante ativo em suas percepções, ao invés de um recipiente passivo das qualidades da forma. Nesta teoria, inclui-se o receptor de acordo com os objetivos propostos nesta tese. Köhler e Koffka notaram que aparece freqüentemente a relação de figura e fundo. Quando percebemos um objeto qualquer, esse se destaca e se

identifica claramente. É o que chamamos de figura que emerge contra um fundo mais vago e difuso. Em uma sinfonia, a melodia é a figura e o acompanhamento é o fundo. Também a percepção que temos de um objeto depende desta relação: conforme fixamos a nossa atenção em algum aspecto do objeto, esta percepção muda constantemente.

O mundo fenomenológico é organizado pelas necessidades do indivíduo. As necessidades energizam o comportamento e organizam-no nos níveis subjetivo-perceptivo e objetivo-motor. Então o indivíduo executa as atividades indispensáveis à satisfação das necessidades.

Goldstein (1961) ampliou as bases da gestalt ao criar a teoria organísmica. Seu objeto não era mais funções psicológicas (percepção, aprendizagem), mas o organismo como um todo nas suas funções e ações. Ele refere a noção figura-fundo ao processo motivacional e comportamental pelo qual o organismo seleciona aquilo de que necessita para sua sobrevivência. A teoria organísmica acredita que se pode aprender mais em um estudo compreensivo da pessoa do que em uma investigação exclusiva de uma função psicológica isolada e segmentada de muitos indivíduos. Interessa assegurar a existência do ser vivo, ajudando-o a viver o melhor possível de acordo com sua natureza.

A teoria organísmica é uma extensão dos princípios gestaltistas do organismo humano. Qualquer elemento deve ser visto como parte integrante do organismo total: o todo é regido por leis que não se encontram nas partes. O todo é o seu próprio princípio regulador, portanto não existe uma lei que, regulando as partes, formaria ou explicaria o todo. Para Goldstein (1961), o organismo se organiza em função de dois princípios básicos: o de satisfazer suas necessidades por falta e o de crescer de uma maneira organizada. O homem possui um impulso dominante de auto-regulação, pelo qual é permanentemente motivado por forças internas e externas. Ele desenvolveu esta teoria a partir de suas experiências na primeira guerra mundial, onde serviu como neuro-psiquiatra, quando ficou impressionado com a capacidade de recuperação do organismo humano de restabelecer funções perdidas ou prejudicadas. Goldstein explicou que este impulso para a saúde só pode ser explicado em função da luta constante do homem para realizar seus potenciais, impulso este que chamou de auto-realização.

Segundo Perls (1981), a natureza não é perdulária. Ela não criaria emoções apenas para serem descarregadas. A natureza cria emoções como um meio de relacionamento, pois somos feitos para enfrentar o mundo em diferentes intensidades.

Somos uma soma viva de processos e funções. Essas funções estão sempre relacionadas com algo no mundo. Não podemos olhar sem ter algo para olhar, não podemos respirar sem ar, não podemos viver sem ser parte da sociedade, portanto nenhum organismo é capaz de funcionar isoladamente.

É impressionante a lista de fenômenos perceptuais que estes psicólogos construíram para elucidar o estudo da percepção. Descrevem-se abaixo alguns exemplos deste estudo, como agrupamento e organização-fundo. Serão descritas a seguir as leis da gestalt:

Unidade: um único elemento se encerra em si mesmo, ou como parte de um todo.



Esta multidão, dentro da conceituação mais ampla, constitui uma unidade como um todo. Por outro lado, cada pessoa também pode ser considerada como uma unidade ou como uma subunidade, dentro do todo
(Gomes Filho, 2000 p.29)

Segregação: capacidade perceptiva de separar, identificar ou destacar unidades formais ou em partes de um todo.



Neste cenário, segregam-se como unidades principais: o veículo, o solo, a paisagem, e o céu no fundo. Já no veículo, pode-se segregar inúmeras outras unidades como: sua carroceria, suas rodas, portas, unidades informacionais e outros, até se esgotar a percepção das unidades visíveis ou considerá-las suficientes para uma dada leitura visual.

(Gomes Filho, 2000 p. 30)

Unificação: igualdade ou semelhança dos estímulos produzidos pelo campo visual do objeto. Harmonia, equilíbrio, coerência da linguagem ou estilo formal das partes ou do todo, presentes no objeto ou composição.



Na torre Eiffel, a unificação da imagem é notável pelos fatores de proximidade e semelhança, predominante em muitas de suas unidades compositivas e pelo seu equilíbrio perfeito, em função dos pesos visuais simetricamente contrabalançados e distribuídos homogeneamente. A harmonia da figura como um todo apresenta alto grau de ordenação. O contraste de verticalidade presente confere leveza e sentido de elevação à torre.

(Gomes Filho, 2000 p.31)

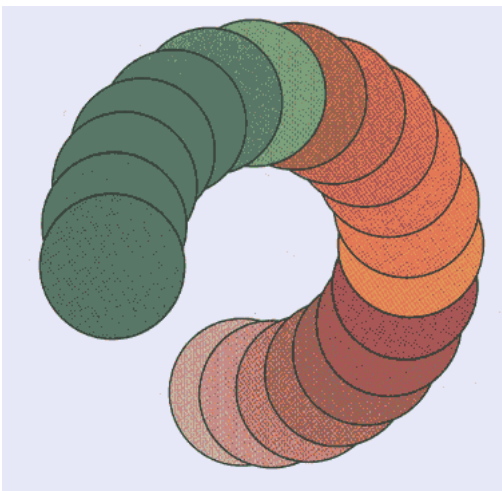
Fechamento: as forças de organização das formas dirigem-se espontaneamente para uma ordem espacial, que tende para a formação de unidades em todos fechados.



As forças de organização da forma dirigem-se sempre para uma ordem espacial lógica, confirmando o significado formal desejado.

(Gomes Filho, 2000 p.32)

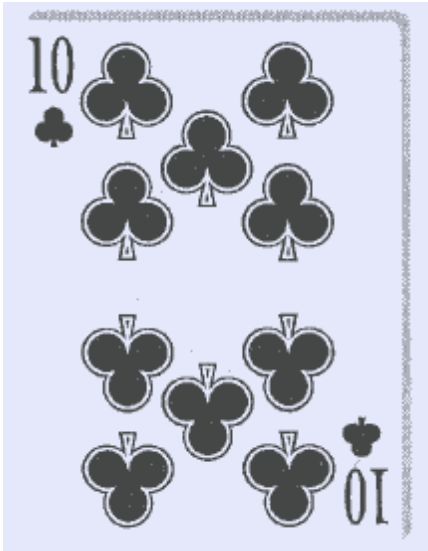
Continuidade: a impressão visual de como as partes formam um todo coerente, sem interrupções na sua trajetória ou na sua fluidez visual.



Neste exemplo, observa-se boa continuidade tanto formal como cromática. As cores, apesar de mudarem ao longo do círculo, apresentam uma variação dentro de um padrão em degradê, formando unidades parciais, portanto, com boa continuação.

(Gomes Filho, 2000 p. 33)

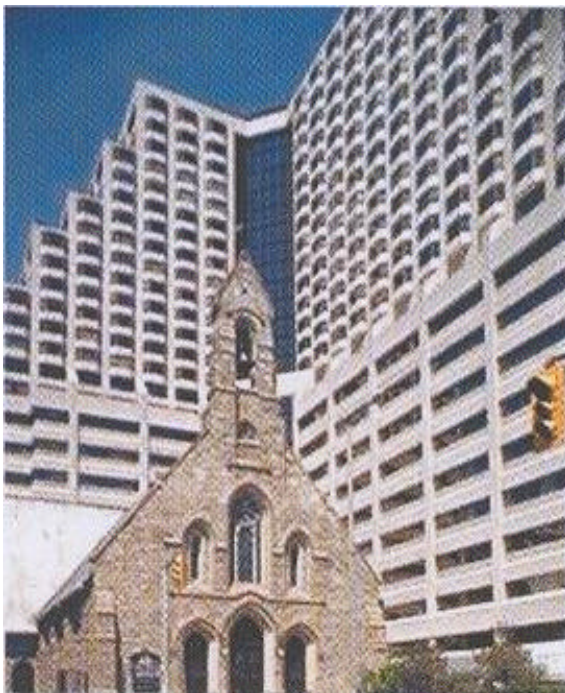
Proximidade: os estímulos mais próximos entre si (seja pela forma, cor, tamanho, textura, brilho, peso, direção) tendem a serem agrupados e a constituírem unidades.



Na carta de baralho, percebe-se claramente duas unidades absolutamente integradas (uma superior e uma inferior de cabeça para baixo, formadas cada uma pelos conjuntos de cinco figuras de paus), principalmente, pelo fator de proximidade, reforçadas pelo fator de semelhança. Já as outras duas unidades (10 de paus) aparecem como figuras isoladas não se integrando ao todo – primeiro, porque a unidade 10 não é semelhante e, segundo, porque, apesar da figurinha de paus ser idêntica, ela é muito menor em relação às suas semelhantes.

(Gomes Filho, 2000 p.34)

Semelhança: a igualdade de forma e cor desperta a tendência de construir unidades, isto é, de estabelecer agrupamentos de partes semelhantes.



Neste complexo arquitetônico, segregam-se diversas unidades formais. Nos edifícios, segregam-se unidades formais configuradas, principalmente por diversas janelas que evidenciam linhas e colunas com boa unificação, exatamente pelos fatores de proximidade e semelhança. Já na fachada da igreja, as três portas se unificam pelos mesmos fatores, o mesmo acontecendo com as três janelas superiores. Entretanto, não existe unificação entre essas duas unidades. Na imagem como um todo, existe uma harmonia bem ordenada, e o contraste de estilo formal, nos dois tipos de construções, tornam a imagem interessante do ponto de vista plástico.

(Gomes Filho, 2000 p. 35)

Pregnância da forma: quanto melhor for a organização visual da forma do objeto, em termos de facilidade de compreensão e rapidez de leitura, maior será o seu grau de pregnância.



Na figura à esquerda, é alto o grau de pregnância. A letra “k” é de clara e fácil leitura. Ela se destaca bem no contexto compositivo, sobretudo pela sua cor preta, o que provoca um alto contraste em relação aos outros elementos. Na figura à direita, é menor o grau de pregnância. A letra “k” é apenas de razoável leitura e a figura é menos legível que a primeira, por apresentar elementos rebuscados que se confundem com a mesma linguagem formal e a mesma tonalidade cromática que configura a letra.

(Gomes Filho, 2000 p. 36)

A forma (gestalt) pode ser definida como a figura ou a imagem visível do conteúdo. Ela nos reporta para a natureza da aparência externa do objeto. Tudo o que se vê possui forma.

Os gestaltistas venceram os behavioristas em sua controvérsia a respeito da natureza da aprendizagem, do pensamento e da psicologia social, ocupando um lugar seguro na história da psicologia.

Quando os gestaltistas estabeleceram os conceitos de meio geográfico – o meio tal como a ciência o descreve – e meio comportamental – o meio tal como o indivíduo o percebe; quando disseram que as estruturas (gestalten) neurológicas são iguais às psicológicas ou ainda “o que está dentro está fora” – princípio isomórfico – ; quando através do princípio da contemporaneidade, Kurt Lewin (1965) disse que o presente modifica o passado e obteve-se uma visão global e unitária dos processos psicológicos humanos sem apriorismos casualistas, deterministas e reducionistas: atingiu assim a essência humana, sem atribuições valorativas.

Não se pode esquecer a importante contribuição de Kurt Lewin (1890-1947) para a Psicologia da Gestalt. Ele elaborou a teoria da personalidade com base na compreensão gestáltica da totalidade significativa, em que o comportamento do indivíduo é resultante da configuração de elementos internos num “espaço vital”, que é a totalidade de experiência vivencial do indivíduo num dado momento ou seja, de todo o conjunto de experiências vividas num dado momento, de acordo com a percepção/interpretação do indivíduo. Ele trabalhou também com a teoria de campo da psicologia social. Por esta razão, será feito um breve relato desta teoria que contribuiu de forma significativa para a Gestalt-terapia. Sua principal contribuição foi a introdução na psicologia de um conceito da física: “a Teoria de Campo”. Esta teoria sustenta que o comportamento (do indivíduo ou de qualquer objeto) é produto da interação de forças que operam num determinado campo em dado momento. Quaisquer que possam ser suas atitudes, papéis e decisões, eles serão sensíveis ao campo de força que os cercam.

Kurt Lewin nasceu na Alemanha. Doutorou-se em psicologia em 1914 e especializou-se também nas áreas de matemática e física. Foi ele quem extrapolou os princípios da teoria da gestalt para uma teoria geral do campo psíquico, estudando a interdependência entre a pessoa e o seu meio social. Ao longo de seus trinta anos de atividade profissional, Lewin dedicou-se sistematicamente à área da motivação humana. As suas pesquisas enfatizaram o estudo do comportamento humano em seu contato físico e social.

O comportamento é uma função do campo do qual ele é parte. Ele não depende nem do passado nem do futuro, mas do campo presente. Este campo presente tem uma determinada dimensão no tempo, inclui o passado psicológico, o presente psicológico e o futuro psicológico, que constituem uma das dimensões do espaço de vida, existindo num determinado momento.
(Lewin, 1965. p.32)

As pessoas e os eventos existem apenas como partes de um campo, cujo significado é alcançado somente pelas relações entre si. Só os fatores presentes ao campo têm influência no campo. Na abordagem de campo da Gestalt-terapia tudo é visto como vir-a-ser, movendo-se - nada é estático. Para Lewin (1965, p.60), “O campo psicológico que existe num dado momento contém também uma referência a como aquele indivíduo vê seu futuro e passado.”

A abordagem de campo gestáltica é fenomenológica. Ela estuda o campo conforme é experienciado por uma pessoa num dado momento. Todo fenômeno é considerado legítimo e

adequado para investigação; descrever, presumir ou explicar são usados para obter insight, da estrutura básica do campo.

O campo é a pessoa no seu espaço de vida. Mas o espaço de vida não deve ser confundido com o meio geográfico, do estímulo físico. Os processos de percepção dependem parcialmente do estado inteiro do campo psicológico, isto é, sua motivação, sua estrutura cognitiva, sua maneira de perceber. Assim, a percepção é controlada por variáveis externas e organísmicas. Os recursos do campo emprestam suas forças ao interesse, brilho e potência da figura dominante. Não tem sentido tentar compreender qualquer comportamento psicológico fora de seu contexto sociocultural, biológico e físico.

A propriedade essencial de um campo é seu aspecto dinâmico. Num campo dinâmico, existe interação entre todas as partes. O estado de qualquer parte desse campo depende de todas as outras, pois num campo de energia todas as partes se inter-relacionam.

Quando olho um objeto ou uma pessoa, me relaciono diretamente com ela. Os resultados dessa relação pessoal com o objeto ou pessoa não serão apenas as características dele, mas as relações que esse objeto ou essa pessoa, estabelecem com o meio ambiente. Ou seja, a realidade é sempre relacional e é assim que precisa ser compreendida. Uma contribuição da Gestalt-terapia é sua aplicação de *insights* da Psicologia da Gestalt para a *awareness* de processos corporais.

Por holismo (concepção de campo), Perls referia-se ao ser total, maior do que a soma das partes, a unidade do organismo humano e a unidade do campo-organismo-ambiente total-inteiro. Ele considera a Gestalt-terapia como uma correção do erro da psicanálise de tratar os eventos psicológicos como fator isolado, separados do organismo e por basear sua teoria em associações e não holismo. Isso também diferencia a Gestalt-terapia da maioria das terapias comportamentais.

(Yontef, 1998; p.104)

O comportamento tem lugar num meio comportamental que o regula. O meio comportamental depende de dois grupos de condições, um inerente ao meio geográfico, outro ao organismo. O campo e o comportamento de um corpo são correlativos.

Como o campo determina o comportamento dos corpos, esse comportamento pode ser usado como indicador das propriedades do campo. O comportamento do corpo significa não

só o seu movimento em relação ao campo, mas refere-se igualmente às mudanças que o corpo sofrerá. De acordo com Koffka (1935, p.54), “quando descrevemos adequadamente nosso meio comportamental, temos de indicar não só os objetos que estão nele, mas também as propriedades dinâmicas desses objetos.”

O campo psicológico contém uma referência de como aquele indivíduo vê seu futuro e seu passado. O indivíduo não vê somente sua situação presente, pois tem expectativas, desejos, medos, devaneios em relação ao seu futuro. Sua maneira de ver seu próprio passado e o resto do mundo físico e social é individualizada e constitui o seu espaço de vida.

Um dos aspectos mais alardeados e menos compreendidos da Gestalt-terapia é sua ênfase no “agora”. A Teoria de Campo Fenomenológica localiza a experiência do percebido no tempo e no espaço “aqui-e-agora”. Isso significa que o processo de ter consciência (*aware*) sempre acontece no “aqui-e-agora”, embora o objeto da *awareness* possa estar no “ali” ou no “então”.

“De acordo com a teoria de campo, qualquer tipo de comportamento depende do campo total, incluindo a perspectiva de tempo naquele momento, mas não, também, de qualquer campo passado ou futuro e suas perspectivas de tempo.” (Lewin, 1965. p. 61)

A Teoria de Campo dá ênfase ao fato de que qualquer acontecimento é resultante de uma reunião de fatores. O reconhecimento da necessidade de uma representação dessa multiplicidade de fatores interdependentes é um passo em direção à Teoria de Campo. A Teoria de Campo se caracteriza melhor como o método de analisar relações casuais e de criar construções científicas.

Há muitos conceitos dinâmicos na Gestalt-terapia que podem ser adequadamente entendidos em termos de Teoria de Campo. Alguns deles são: campo organismo/ambiente; fronteira; construção fenomenológica de uma percepção; figura e fundo; e o próprio conceito de *self*.

Para Yontef (1998), a Teoria de Campo capacita a Gestalt-terapia a manter o foco na pessoa como agente ativo, tendo em mente as complexidades das relações do campo. O espaço vital, (entendido como um todo dinâmico, concreto e delimitado) se caracteriza por

construir uma rede de relações entre partes. A análise destas relações possibilita uma descrição explicativa dos eventos que ocorrem no espaço vital em questão, uma explicação sistêmica que se preocupa em descrever como um evento afeta e modifica o todo.

A Teoria de Campo é o tipo de pensamento científico que melhor funciona com o resto do sistema teórico da Gestalt-terapia. A Fenomenologia, o Existencialismo, a Dialógica e a atitude flexível com relação às opções clínicas da Gestalt-terapia são compatíveis com a Teoria de Campo. Além disso, a Teoria de Campo é a abordagem teórica que melhor pode incluir as temáticas intelectuais, sociais, culturais, políticas e sociológicas tratadas pela teoria da Gestalt-terapia.

Para Lewin (1965), a Teoria de Campo não é um sistema de Psicologia aplicável a um contexto específico, mas é um conjunto de conceitos por meio do qual a realidade psicológica pode ser representada e, uma vez representada, lida e trabalhada. Trata-se de um modelo psicológico de ver e analisar a realidade.

O conjunto de informações e postulados que forma a Teoria de Campo aponta para um novo paradigma para entender o ser humano de maneira integradora. Na concepção lewiniana, a pessoa não é vítima de si mesma, não é determinada *a priori* pelos seus instintos (psicanálise) ou por condicionamentos inevitáveis (behaviorismo), mas é responsável pelo seu destino, pela sua liberdade e passa a correr o risco de existir por conta própria (fenomenologia existencial). O comportamento é algo acessível, observável, percebido tal qual é, explicável sem metáforas, a partir do sujeito e da realidade na qual ocorre.

Como a teoria e a prática da Gestalt-terapia estão construídas sobre a importância de adquirir consciência do processo de *awareness*, a maneira como se pensa passa a desempenhar um papel importante. Ela é trazida em terapia, e tratada em teorizações e ensinamentos. Perls, Hefferline e Goodman (1997) comentam a necessidade de interação entre a maneira de pensar e a de estar inserido no mundo. Para estes autores, o que alguém pensa a respeito do mundo (incluindo sua orientação filosófica) em parte é uma função do caráter e vice-versa: o caráter é em parte uma função da nossa maneira de pensar. A Teoria de campo seria o instrumento que permite analisar o processo do pensamento. Essa teoria refere-se ao tempo, espaço e *awareness* fenomenológicos do observador. Ela enfatiza a totalidade das forças que formam uma totalidade integrada e determina as partes do campo. Na

abordagem de campo da Gestalt-terapia, tudo é visto como em termos de vir-a-ser: nada é estático. A realidade não é nem objetiva, nem arbitrária, mas é conjunta e contemporaneamente configurada pelo “que existe ali” e pelo organismo percebido.

Pode-se compreender a gestalt como decorrente do momento existencial em que surgiu e das influências que recebeu. A pergunta pelo comunicador mais consciente do seu papel de receptor do imaginário cultural e ao mesmo tempo fonte de informações pode convidar os indivíduos à reflexão para que desenvolvam suas potencialidades, escolhendo e agindo, ou apenas contribui para a adaptabilidade do homem ao meio, sem qualquer questionamento.

2.3 Origens da Gestalt-terapia

Em primeiro lugar, de acordo com Houaiss (2004) é necessário estabelecer que terapia consiste numa intervenção que trata de problemas psíquicos ou psicossomáticos em que o terapeuta e o paciente se comunicam. Desta forma, fica esclarecido que terapia e comunicação se inter relacionam.

Estabelecendo que uma das idéias centrais da gestalt é de que não existe self separado, fica claro que o terapeuta também é constituído pelo paciente. Isso significa que o self está sempre sendo construído. Entende-se terapia como o fortalecimento da pessoa como um ser no mundo, possibilitando o exercício da ressignificação como objetivo de buscar sua própria leitura. Isso tudo só acontece pela comunicação. Para confiar em si, o paciente tem de sentir-se acompanhado. Acredita-se na premissa de que o ser humano é potencialidade que se exerce a partir do contato. Temos oportunidade de crescer com nossas próprias experiências de contato, com nossas próprias vivências existenciais.

Esta também é a pergunta nesta tese a respeito da necessidade comunicativa de uma compreensão maior sobre as relações interpessoais para se entender uma comunicação contemporânea. Compreende-se que o mundo da percepção se baseia na interpretação, não em

fatos, porque só permite-se que entre na consciência o que está de acordo com os desejos de quem está percebendo. Não se pretende curar as relações, nem modificar uma história, senão buscar que cada pessoa aprenda a encarar abertamente as trocas do cotidiano, sabendo apoiar os princípios do aqui e agora, a concentração no contato, a consciência e a espontaneidade, descobrindo suas necessidades e interesses para chegar a um comportamento autodeterminado e autoresponsável.

Frederick S. Perl, criador da Gestalt-terapia, nasceu em Berlim no ano de 1893. Estudou medicina e a seguir fez formação psicanalítica, ainda como seguidor da psicanálise ortodoxa. Trabalhou em 1926 com o psicólogo gestáltico Kurt Goldstein. Adotou a concepção de Goldstein de que o homem deve ser entendido como um organismo integrado e não como uma série mecânica de unidades distintas. Durante anos de questionamentos à psicanálise, foi se aproximando passo a passo da Gestalt-terapia. Fritz Perls foi quem cunhou o conceito Gestalt-terapia, em trabalho conjunto com sua esposa Laura Perls, Ralph Hefferline e Paul Goodman.

Conforme referi anteriormente, procura-se explicitar nesta tese o indivíduo como produto e produtor de seu meio ambiente. Por isso precisa-se compreender cada ser humano no seu contexto social e no seu campo circundante. Assim, para entender as origens da Gestalt-terapia, torna-se necessário entender em que momento viveu Fritz Perls.

Segundo professor Dr Petzold²⁰, o moralismo alemão criou na época um clima de repressão que se centrava somente na racionalidade e que estava eliminando as emoções e os sentimentos. Era esse o clima vivido na Berlim onde Perls cresceu, foi educado e viveu. Ele teve contato direto com protagonistas importantes do cenário expressionista - que se originou na virada do século XX, em oposição ao determinismo, ao positivismo e à mentalidade burguesa.

Em Berlim, havia um escritor expressionista famoso e filósofo chamado Salomon Friedlaender. Fritz disse que sua obra filosófica “A indiferença criativa” teve um forte impacto em sua personalidade. Eles mantiveram discussões frequentes. Fritz sofreu

²⁰ Palestra proferida durante congresso realizado em Utrecht em junho de 1984 pelo professor Dr. Petzold, de acordo com o boletim da associação Irlandesa de Gestalt-terapia.

influências de Friedlaender, particularmente sobre dialética dos opostos, da teoria da identidade de Shelling, que era um dos pontos essenciais de que Friedlaender se ocupou.

Perls iniciou seu primeiro livro (em 1942) com uma citação sobre a indiferença criativa. Esta teoria afirma que o homem tem um centro dentro de si. Neste centro não há dualidade, assim o cartesianismo é superado. Esse centro chama-se de estado de indiferença. Perls falou sobre pré-diferença, que é um meio que Husserl denominou o mundo-da-vida e que posteriormente encontramos em Merleau-Ponty com o conceito de corpo fenomenal como uma parte do mundo-da-vida. É um meio de silêncio, um meio que ainda não está diferenciado (o mundo externo é diferenciado). Esse estado de indiferença, que se articula numa sensação de vazio, traz em si mesmo todas as possibilidades de ser, incluindo a possibilidade de diferenciação. Assim, diferenciação e indiferença devem ser compreendidas não como oposição. Este é o conceito de Perls para vazio fértil, cujo vazio produz criatividade.

Além de Friedlaender havia outro homem importante na época: Carl Gustav Landauer. Um dos teóricos mais importantes do socialismo anarquista, ele tinha um conceito de linguagem rica, que é a linguagem dos sentimentos. Esta mesma idéia em Merleau-Ponty, afirma da importância de ouvir o significado (o sentido) não-expresso que o ser está murmurando. A Gestalt-terapia procura devolver o contexto emocional à linguagem.

Entre as pessoas que Perls citava estão Dilthey (um dos fundadores da hermenêutica) e Henri Bergson. Buber o influenciou com o seu conceito de encontro - um conceito expressionista. Ele também era um teórico anarquista, um dos inspiradores da idéia de Kibbutz, e um dos admiradores de Landauer. Perls entendeu o conceito Eu-e-Tu: não é nem um conceito individualista e nem dualista, mas um conceito social. O Eu-e-Tu de Buber denomina o e como o espaço social, a realidade social. Outra fonte importante para Perls foi C. J. Smuts (filósofo sul-africano e fundador do holismo) com o conceito de personalidade como um todo. Para seu próprio crescimento a personalidade absorve uma variedade de experiências que transmuta e assimila criativamente para sua própria nutrição.

Petzold (1984) afirmou que o conceito de Bergson de *durée* nada mais é do que o *continuum* de *awareness* de Perls. O aqui e agora é a *durée* que não é desprovida de história, nem de futuro, a *durée* é o fluxo do tempo. *Durée* significa um ponto fluindo aqui- e-agora na

torrente do tempo que está avançando e, no mesmo momento em que avança, tem um horizonte de passado e de futuro. E isto é o que a Gestalt-terapia quer dizer quando diz que só o agora existe.

Perls dizia que em cada momento do agora está presente a totalidade do meu passado e a totalidade do meu futuro. Existe um artigo de Perls (de 1948) em que ele alude a Alfred Adler sua orientação para o futuro e alude a Freud sua orientação para o passado, ele queria falar que necessitamos de um conceito integrado de personalidade. Contribuíram para a Gestalt-terapia as obras de Gabriel Marcel para uma teoria da ética e de Paul Ricoeur para uma teoria do entendimento.

Como judeu, Perls teve que fugir em 1933 do nazismo. Foi com Laura Perls para a África do Sul onde, em 1934 fundou um Instituto de Psicanálise. Em 1947 apresentou o livro “O Ego, a Fome e a Agressão”, onde resumiu toda sua crítica à psicanálise, desenvolvendo uma nova forma de terapia. Este livro foi dedicado ao gestaltpsicólogo Max Wertheimer. A Psicologia da Gestalt forneceu a Perls um princípio organizador para a Gestalt-terapia como um enfoque integrativo. Padrões inteiros têm características que não podem ser garimpadas analisando-se as partes. A percepção é um processo ativo e não um resultado da estimulação passiva de órgãos dos sentidos. Os organismos possuem capacidade de percepção imediata no aqui-e-agora. A tarefa da pesquisa fenomenológica e da terapia é utilizar esta capacidade para adquirir um *insight* da estrutura do que está em estudo, ou seja, a percepção do que está acontecendo na terapia pode ser mais confiável do que a interpretação ou o dogma.

Em 1962, Perls fez uma viagem ao redor do mundo. Ficou dois meses num mosteiro budista, um mês num Kibbutz em Israel. Em 1964 radicou-se em Esalen, na Califórnia. Lá ensinou Gestalt-terapia por cinco anos. Em 1969, aos setenta e seis anos mudou-se para o Canadá, onde formou uma comunidade gestáltica, motivado pela convicção de que uma experiência de vida comunitária superaria qualquer tipo de terapia e também porque a situação política nos Estados Unidos na época da guerra no Vietnã era interpretada por Perls, como o advento de um fascismo norte-americano. Assim iniciou-se o Instituto de gestalt no Canadá.

Quando Perls faleceu em Chicago em 1970, numa das muitas palestras, estava preparando o livro “A Aborgadem Gestáltica e Testemunha Ocular em Terapia”.

A Gestalt-terapia, incentiva a formação flexível de *gestalten* sucessivas, adaptadas à relação sempre fluante do organismo com o meio, num ajustamento criador permanente. A Gestalt-terapia poderia ser definida como a arte da formação de boas formas. Os dois movimentos são uma forma de Teoria de Campo fenomenológica.

A abordagem gestáltica afirma que as partes nunca podem proporcionar uma real compreensão do todo. O todo é diferente da soma das partes, mas a Psicologia acadêmica da *gestalt* ocupou-se predominantemente das forças externas. O *gestalt*-terapeuta acrescentou às percepções externas estudadas pelos psicólogos da *gestalt* (Wertheimer, Koffka e Köhler) a percepção figural das *gestalten*²¹ que se formam no campo e nas relações entre o indivíduo e o meio, suas percepções dirigidas pelo mundo interno e de acordo com o movimento vivido. O mundo fenomenal é organizado pelas necessidades do indivíduo.

As necessidades energizam o comportamento e organizam-no nos níveis subjetivo-perceptivo e objetivo-motor. Há uma hierarquia de necessidades que continuamente se desenvolvem, organizam as figuras de experiência e desaparecem. Na Gestalt-terapia, descreve-se esse processo como formação e destruição progressivas de *gestalten* perceptivas e motoras.

O entendimento de um objeto só é possível em um determinado momento e em determinado espaço. O mesmo objeto em um espaço diferente e em outro momento adquire uma outra inteligibilidade e significação. As partes sofrem um domínio do todo.

A realidade da mais alta importância na Gestalt-terapia é a de como as pessoas vivem. A Psicologia da Gestalt vê as pessoas como únicas e totais, daí ser especialmente inadequado estudá-las com uma atitude reducionista. Contudo, a ênfase tem estado sobre aspectos como a percepção ou cognição, em vez de na pessoa como pessoa e na totalidade de sua experiência.

A Gestalt-terapia fundamenta-se no Existencialismo porque ele está próximo da Fenomenologia. Ela absorveu o que a maioria das terapias existenciais considera importante: o encontro existencial interpessoal. A Fenomenologia Existencial compreende a maneira singular como o ser humano pode experimentar-se entre os outros.

²¹ Gestalten – Em alemão, significa padrões de totalidade ou totalidades significativas. Fagan – Shepherd (1970).
Gestalten - Plural em alemão. Houaiss, 2004 p.1449

Perls (1997) segue o pensamento existencial que se preocupa com a natureza do ser-no-mundo, para assumir a responsabilidade por nossa existência em relação ao conceito de auto-regulação orgânica. A auto-regulação orgânica confia o bem-estar ao cuidado de um ser interno que se esforça inerentemente por ser saudável. Ela inclui três fenômenos: percepção, aceitação do que existe e necessidade dominante. Um encontro existencial visa a auto-atualização e a Gestalt-terapia considera todo o campo biopsicosocial, incluindo o organismo/ambiente, como importante.

“Pode ser considerado "existencial" tudo que diz respeito à forma como o homem experimenta sua existência, a assume, a orienta, a dirige. A noção de responsabilidade de cada pessoa que participa ativamente da construção de seu projeto existencial em sua relativa liberdade.” (Ginger, 1987. p. 36)

O existencialismo é visto como ética sustentada pela liberdade. A ação da liberdade é um ato consciente, uma *awareness*, uma escolha.

A Gestalt-terapia é fenomenológica por ser centrada na descrição subjetiva do sentimento (*awareness*) do indivíduo. É mais importante descrever que explicar: o “como” precede o “porquê”. O essencial é o processo que está se desenvolvendo aqui e agora.

Fenômeno é o que se torna luz, o que se apresenta. Traduzido para a gestalt, é aquilo que recebe significado, um sentido no mundo. Sem consciência não há mundo e, sem mundo, não há o nós. O sujeito só percebe e dá significado se há intencionalidade. A subjetividade vai se constituir a partir desse movimento.

Com esta posição fenomenológica, podemos justificar o "aqui e agora" da Gestalt-terapia. O presente é ao mesmo tempo o passado, o presente e o futuro. Neste momento estão experiências, o self, os projetos. O passado está no sujeito, na fala, na respiração, nos movimentos e na expressão. O passado é reestruturado em cada momento existencial, enquanto o futuro representa expectativas, metas, objetivos.

“Fenomenologia é fundamentalmente, um método de pensamento, enquanto o existencialismo é uma filosofia.” (Ginger, 1987. p. 34)

A Gestalt-terapia assume que o organismo e seu ambiente (que incluem outras pessoas) formam uma unidade indivisível: um não ocorre sem o outro. A troca se dá incessantemente entre organismo e ambiente circundante. Todas as áreas da vida vinculam a pessoa ao mundo. O mundo da Gestalt-terapia é um mundo movimentado, cheio de atividades com ações e transações constantes, um lugar em fluxo contínuo. Dentro desse fluxo, a experiência do *self* muda em tamanho e finalidade, dependendo do que esteja acontecendo. Mesmo a cognição não é meramente receptiva. O que é apresentado pelo ambiente é organizado e moldado pelo sujeito da percepção em “todos” com forma e estrutura que são subjetivamente estruturados. Estes todos são chamados de gestalten, e são criados pelas necessidades da pessoa. A formação de gestalten completas e abrangentes é a condição de saúde mental.

Um campo mediocrementemente organizado ainda está, apesar de tudo, organizado (forma). Na auto-regulação neurótica, certas forças são impedidas de exercer seu pleno efeito sobre o contato organísmico com o meio, mas não deixam de tomar sua forma. A Gestalt-terapia inclui a auto-percepção, a motivação e os aspectos motores do comportamento.

Pode-se considerar que a Gestalt-terapia germinou no espírito de Frederick Perls, na África do Sul. Quando imigrou em 1940 para a América do Norte com sua esposa Laura Perls, integraram-se a um grupo de intelectuais não-conformistas com o sistema vigente, entre eles o anarquista Paul Goodman, Isadore From, Paul Weisz e Ralf Hefferline.

Ainda de acordo com o Dr. Petzold, a Gestalt-terapia é, em sua própria essência, uma terapia européia. Os europeus reconhecem que as bases da Gestalt-terapia são herdadas da psicologia e filosofias alemãs. É por isso que foi muito pouco compreendida na América do Norte pois entre eles há um conhecimento insatisfatório sobre fenomenologia e um conhecimento mais insatisfatório ainda das fontes psicanalíticas de Fritz Perls. Talvez nunca tivessem lido Buber na íntegra, e o mais interessante é que Paul Goodman, um dos homens que escreveu o texto teórico mais importante da Gestalt-terapia, é pouco conhecido em sua obra psicológica, literária e filosófica.

Paul Goodman nasceu em 1911 em Greenwich Village, Nova York. Estudou literatura inglesa na universidade de Chicago, onde lecionou. No fim dos anos 40, fundou com Fritz Perls o *Institut For Gestalt-Therapy* (Nova York e Cleveland). Em 1945, por se negar a

prestar o serviço militar é condenado à prisão, onde escreveu um “Manifesto Anarquista”. Como escritor, sua obra abrange filosofia, política, pedagogia, trabalhos literários-científicos e romances. Seu principal mérito reside no fato de ter relacionado pontos de vista da Gestalt-terapia com questionamentos político-pedagógicos. Criticava em especial o sistema educacional americano. Ampliou os horizontes da Gestalt-terapia e da Gestalt-pedagogia, no que se refere ao inter-relacionamento da sociedade como um todo. Morreu em 1972.

2.4 Aplicabilidade da Gestalt-Terapia

A finalidade da Gestalt-terapia é habilitar o indivíduo a atuar baseado em toda informação possível e apreender não só os fatores importantes no campo externo, mas também a informação que venha do seu íntimo. A meta de tal procedimento é uma conscientização ininterrupta, com a aplicabilidade da fenomenologia na Gestalt-terapia. Por isso, qualquer decisão só pode ser produzida pela situação em que o evento ocorre. Assim, qualquer decisão existencial só pode ser tomada pela pessoa.

“Na Gestalt-terapia, entende-se que a realidade possui aquelas qualidades que estão na natureza, no universo físico, nas interações: em parte nos é dada, em parte é maleável.” (Latner, 1994, p.42)

A gestalt busca uma visão integradora, holística²², do ser humano, valorizando suas dimensões afetiva, intelectual, sensorial, social, espiritual, emocional e fisiológica. Para isso, nutriu-se inicialmente de duas correntes: a fenomenologia e o existencialismo.

²² Holística: Historicamente a palavra holismo foi criada em 1926 por um filósofo sul-africano, Jean Cristiaan Smuts, pioneiro do movimento contra o Apartheid da África do Sul, a palavra holismo quer dizer: força energética responsável pela existência dos conjunto – partícula, átomos, moléculas, o sistema mineral, vegetal, animal, o ser humano, a sociedade e o universo são todos sistemas em interação e tem segundo ele uma força que os une. Holística é uma visão que abrange ao mesmo tempo o todo e as partes. Segundo Koestler, há uma tendência entre os holistas a usar a palavra todo ou gestalt como algo completo em si mesmo. Mas todos e partes, neste sentido absoluto não existem em lugar nenhum, nem no domínio dos organismos vivos, nem nas organizações sociais. O que encontramos são estruturas intermediárias numa série de níveis em ordem ascendente de complexidade, cada qual possuem duas faces voltadas para direções opostas: A face voltada para os níveis inferiores é de um todo autônomo e aquela voltada para cima é a de uma parte dependente. Um conjunto de regras determina o aspecto fixo, invariável do sistema aberto em seu estado permanente, o equilíbrio dinâmico define seu padrão e estrutura, as limitações impostas não aniquilam os graus de liberdade do sistema por isso Koestler denominou Hólón. Ainda para Koestler o conceito Hólón constitui um ensaio sobre a Teoria Geral dos Sistemas de Ludwing Von Bertalanffy, o fundador dessa teoria que diz: “A

Da fenomenologia a gestalt se baseou nos seguintes conceitos:

- O como é mais importante do que o porquê.
- A percepção corporal da vivência imediata é essencial.
- O fundamental é o que se desenvolve e aparece no aqui e agora.
- O indivíduo é singular a partir da pluralidade.

Do existencialismo, a Gestalt-terapia tomou as seguintes noções:

- A vivência concreta está acima das abstrações. Prioriza-se o vivido.
- Cada experiência humana é singular e intransferível, cada existência é original.
- Toda pessoa é responsável por seu projeto existencial. Isso dá sentido à sua vida e cria a cada dia sua liberdade relativa.

Na ciência tradicional, o homem é um observador. Na visão da gestalt, o homem é participante e está comprometido. O enfoque gestáltico procura descobrir o como e o agora da conduta. O inconsciente traduzido por Perls descreve os aspectos não-disponíveis de potenciais da conduta ao invés dos presentes. Ao contrário da psicanálise, a terapia gestáltica põe o acento no aqui-e-agora, na consciência da experiência e das condutas variáveis. Muitas pessoas evitam a consciência não se permitem a autocrítica, por isso projetam ou adotam uma gama de outras formas de comportamento, com o objetivo de manter seu comportamento habitual. Este comportamento habitual procura a manutenção de seu *status quo*, o apoio ambiental por meio de manipulações em lugar de buscar seus próprios recursos.

Só quando se experimenta diretamente o aborrecimento ou o temor no presente descobre-se o que se procura evitar. A psicoterapia gestáltica dá muita importância a tom de voz, postura, gestos e expressão facial. Grande parte dos fatos significativos tem lugar nas trocas produzidas pelas comunicações não-verbais, cujas transcrições em palavras são difíceis e provocam a perda em boa parte de seu verdadeiro significado. Em gestalt, manifestações corporais voluntárias ou inconscientes (gestos, movimentos, tom de voz, postura, coloração da pele e respiração) são tomados como dados importantes do que ocorre internamente no indivíduo. A linguagem do corpo está enraizada no aqui e agora de maneira progressiva. Segue-se o caminho do dar-se conta, que vai desde o corpo até a palavra.

organização hierárquia por um lado e as características dos sistemas abertos por outros são princípios fundamentais da natureza viva.” (Koestler, 1981, p. 300 e 304).

Hólón: Derivado do grego Hólos (todo) com o sufixo “on” que como o próton ou o nêutron, sugere a idéia de partícula ou parte. Terminologia usada em vários ramos da ciência desde a biologia até a teoria da comunicação (Koestler, 1981, p. 47)

A Gestalt-terapia se ocupa do homem com suas características humanas e existenciais, em lugar de adequar o ser humano a um modelo. Ela se interessa pelos aspectos positivos da personalidade e do viver. Há valores surgidos de trocas com os demais que podem conduzir a uma vida com mais espontaneidade, consciência sensorial, liberdade de movimentos, responsabilidade e expressividade emocional, gerando o prazer, a desenvoltura, a flexibilidade nas relações interpessoais, o contato direto, a proximidade afetiva com as pessoas, a intimidade, a idoneidade, a presença de autonomia e de criatividade.

Na medida em que o ser humano amplia sua consciência, ele entra em contato com seus bloqueios e condutas adquiridas que o impedem de criar, de ser ele mesmo, ele amplia suas experiências. Na sua conduta, percebe-se de imediato um aumento da capacidade de viver. A Gestalt-terapia vê o indivíduo como um percebedor participante e ativo de si e de seu meio, com capacidade de responder por si mesmo, por suas ações, sentimentos, pensamentos, sem misturar responsabilidade com obrigação.

Para Perls (1997) responsabilizar-se não significa obrigar-se a algo, mas sim que cada qual pode responsabilizar-se por si mesmo, como produto e produtor de seu ambiente. É importante citar que Heidegger (1997) refere nossa capacidade do “compreender” e do “cuidar” como existencial do homem.

Somos parte do universo. Não estamos isolados dele, nós e o ambiente somos um só. Não podemos ver sem ter algo para ver. Não podemos respirar sem ar, não podemos viver sem formar parte da sociedade, de modo que não podemos conceber o organismo como se fosse capaz de funcionar isolado. Este organismo é uma soma viva de processos, de funções, que sempre se vinculam ao mundo que o possui. Esse organismo não dispõe de nenhum vocábulo que designe a energia criada. Bergson o chamou de *élan vital*, Freud de *libido* ou *instinto de morte*, havia para ele dois tipos de energia; Reich chamou de *orgone*; Karen Horney chamou de *eu real* ou *eu verdadeiro*; Carl Rogers como Goldstein, chamou de auto-realização; Perls chamou de *excitamento*, porque o termo coincide com seu aspecto fisiológico e se experimenta como ritmo, vibração, estremecimento. Mas ela não é criada, segundo Perls (1997), por seu próprio interesse, mas em relação com o mundo, o que coincide com o pensamento de Heidegger.

Excitamento = vida = ser. Por meio dele nos vinculamos com o mundo. A natureza não é destruidora, ela não desperdiça nada. Não criamos emoções só para descarregá-las, mas sim como recurso para nos relacionar com o meio. O organismo tem uma sabedoria para discernir e diferenciar energias básicas de quando se está irritado ou amável. A pessoa condicionada, sem consciência para identificar suas emoções, reflete um problema existencial comum a todos. O homem por ser produto e produtor da sociedade, converte-se a um conjunto de papéis carentes de emoções. A pessoa carente de emoções se assemelha a uma máquina. Quando não vivemos para o ser humano, transgridem-se as leis das máquinas. Elas devolverão seu golpe acertando naquelas pessoas que estão a seus serviços. Esta teoria de Perls remete às teorias de Heidegger sobre a técnica, que pretendemos desenvolver mais detalhadamente nesta tese.

Este impasse só pode ter solução encontrando-se um caminho aceitável para o indivíduo e para a sociedade: é devolvendo ao homem a “alma humana” e fazendo algo contrário a uma sociedade opressiva. Embora ela seja construção do homem, ele pode desgostar dela e buscar alternativas, não por ser um filantropo ou um reformador, mas por sentir-se vivo, mudando, sem esperar que alguém traga uma receita de como viver. O que Perls queria dizer é que o modo pronto de viver constitui um desperdício grande de tempo, de energia e da própria existência, pois com respeito ao excitamento, o que é implícito no nosso modo de vida nada tem a ver com a sociedade, mas com a maneira como regulamos nossa vida. Se a pessoa se identifica com a sociedade de modo consciente, ou se escolher permanecer fora dela, pode assumir sua escolha existencial, não por ter comportamento adaptado ou destrutivo, mas sim por buscar reorganizar-se. É aprender a escutar o próprio pensamento e diferenciar se é ele mesmo quem fala ou se são outras pessoas ou outros valores dentro dele. O grande despertar da consciência se encontra na atitude de suportar o aborrecimento e a frustração sem escapar deles.

O contato com o mundo é um ritmo às vezes uma confluência, uma unificação, outras vezes um isolamento. O organismo possui uma consciência inacabável, porém não produz muita energia intencional. Ao confiarmos na sabedoria do organismo causa surpresa ver onde chegará a capacidade funcional.

No encontro, deve-se estar atento às polaridades, pois toda a energia se diferencia em opostos, direita – esquerda, opressor – oprimido, sádico – masoquista. É preciso integrar os

opostos e ajustá-los até se chegar ao centro. Quando o perdemos, nos distanciamos do equilíbrio. A consciência última só se alcança quando se elimina o discurso pronto, o *a priori*, quando a intuição é tão intensa que a pessoa está verdadeiramente em posseção de seus sentidos, como na mente vazia da filosofia oriental, a que Perls chamava de vazio fértil.

O vazio estéril se converte em vazio fértil, a pessoa experimenta o vazio, o espaço do nada no seu ser físico, sente-se aflita e carente de algo, ela emprega seus próprios recursos para conseguir que seu vazio se torne substância.

Descobrimo sua experiência como sente, move, quando entra em contato e permite que o vazio exista, com o tempo descobre-se que o escuro cederá lugar para a luz e do vazio surge um mundo vivo. O indivíduo ao ver, tocar, sentir em sua viagem, o vazio que agora é fértil, começa a responder emocionalmente ao que percebe de forma transformada, com vitalidade e criatividade.

(Perls, 1982, p.75)

A primitiva inocência da sensação foi neutralizada pelas forças sociais. Estes acabaram dicotomizando a criança e o adulto por uma série de agregados que o adulto recebeu, não porque o modo da criança de sentir não seja relevante. Ao explorar sensações interiores, pode-se identificar elementos constitutivos das experiências cotidianas que formam a substância da vida. A aventura implícita da aceitabilidade ilimitada da experiência e as flutuações entre a experiência sintética e as partes elementais da existência oferecem uma atividade dinâmica e apaixonante, em contínua renovação de si mesma.

Para recuperar o processo dinâmico, é necessária uma minuciosa tarefa de mirar o objeto concreto de interesse. Isso representa experimentar o tempo em lugar de desperdiçá-lo. A consciência – awareness para os gestalt-terapeutas é a tomada de consciência do que acontece com cada pessoa através de seus sentimentos e do que acontece com seu meio.

Um gestalt-terapeuta tem sempre presente que qualquer interpretação do outro será também uma interpretação de si mesmo. Na realidade, a interpretação do outro é nossa resposta ao outro. Um gestalt-terapeuta acolhe e acredita que somente deste ouvir “puro” nasce o posicionamento face ao outro. É estar conectado com a intenção explícita que constitui a própria comunicação, vivenciando a relação com o outro e nela gerando significados comuns ou novos à medida que a relação avança. É importante ressaltar que este ouvir “puro” não se reduz a uma atividade passiva, mas é uma verdadeira interlocução, na qual o falar ao outro significa que o outro possa saber que está sendo ouvido e possa confirmar se foi realmente compreendido no que quis dizer.

Somente quando um gestalt-terapeuta entra na relação ele pode validar a fala do outro, possibilitando assim o surgimento de mais sentido. Este é o diálogo visto como forma de contato, de apreciar diferenças e semelhanças, de conectar e de separar - é o movimento entre. O diálogo inclui honrar, habitar e experienciar a fenomenologia. Buscar compreender o outro, revelando quem somos e mostrando a própria presença.

Um terapeuta não pode trabalhar sem lógica, sem organização do pensamento, sem “verdades”, mas pode rejeitar qualquer pensamento tido como inquestionável e absoluto. Fenomenologicamente falando, o importante é manter em reserva sua visão de mundo, para que o outro possa encontrar um espaço em que se explore ativamente como um ser-no-mundo. O gestalt-terapeuta compromete-se totalmente com o outro, sem perder o sentido da própria identidade nem perder contato com seus próprios limites. É uma experiência rica, com muitas trocas na vida do outro e na sua própria, apesar do risco de deixar em liberdade no mundo o próprio self. Se o terapeuta fracassa na tarefa de ministrar um lugar em que o outro encontre um meio distinto do que conhece, este não poderá evocar novas respostas: não haverá crescimento de ambas as partes.

Um gestalt-terapeuta não usa técnicas para conduzir seu comportamento diante do outro. Ele usa sua habilidade de profissional e experiência de vida, ele ama o outro na sua alteridade e não apenas em sua realidade de semelhante. O terapeuta cuida do ser, dá-lhe tempo, um espaço onde possa recolher-se e descansar. Seu espaço não se limita ao consultório, pois em qualquer canto do seu ser-aqui está contido o seu ser-lá e seu ser-então, e que seu tempo em qualquer momento do seu ser-agora, está presente no seu ser-ontem e no seu ser-amanhã.

Além de acreditar na capacidade do outro de escolher seu destino dentro do campo, acredita também que ele renunciou (ou tem renunciado ou está renunciando neste exato momento) ao seu próprio destino. Ele adota o destino dos outros por meios persuasórios (imposição, pressão, chantagem emocional) aos quais cedeu para não ser punido, abandonado, principalmente naquelas relações em que sua dependência era maior e portanto o exercício de seu livre-arbítrio ficou tolido.

A terapia estabelece a qualidade de contato como critério de saúde. Ela enfatiza a capacitação do indivíduo de colocar-se crítica e autonomamente em relação ao meio social. É

criar condições facilitadoras para o desenvolvimento das potencialidades humanas. A terapia visa ao fortalecimento da pessoa para que ela possa fazer a sua própria leitura do mundo, devolvendo-lhe a confiança como produtora de significados. Curar a si e à sociedade é estar consciente. A lei básica da vida é a auto-preservação e o crescimento. Não pode haver nenhuma renúncia de sua maneira de ser sem perda de vitalidade.

A Gestalt-terapia respeita fenomenologicamente o ser. Observa como a pessoa expressa seu ser, através da bagagem cultural do campo complexo que representa o homem no mundo, de suas relações interpessoais, dos conflitos intrapsíquicos de seu projeto de vida. Ao se expressar, o ser expressa o que está sendo: é o seu existir em movimento.

No próximo item, serão descritos os princípios básicos da gestalt-terapia, tidos como conceitos que expressam o ato comunicativo e a relação do indivíduo com o seu meio. Assim, será feito um breve resumo sobre o que significam contato, awareness e figura-fundo.

2.5 Princípios Básicos da Gestalt-Terapia

2.5.1 Contato

“Contato é primariamente a percepção e aceitação das novidades assimiláveis, mas também é sua rejeição.” (Polster & Polster, 1977 p.103)

Contato é processo comunicativo, uma vez que amplia a consciência de si e do meio como fonte de compreensão das atitudes humanas. Ele é aceito como o cerne da metodologia da gestalt, entendida como as experiências eu-outro, sujeito-objeto, interno-externo. O contato é a base fenomenológica desta abordagem. Experiência é contato, esta-se em contato por meio do corpo e das emoções. O contato é um aspecto essencial da formação de uma gestalt, é a natureza e a qualidade da forma como um sujeito se coloca em relação direta consigo, com

seu ambiente e com os processos com os quais se intercomunicam. Experimenta-se o mundo através dos cinco sentidos.

O limite no qual o indivíduo e o meio se tocam denomina-se “limite de contato”. Neste limite ocorre o intercâmbio vivo entre indivíduo e meio. Contato significa estar unido por meio da percepção a alguém ou algo fora de si. Contato é função do campo e obedece às leis que regem o campo. Toda a experiência do indivíduo pode sofrer alterações, conforme o campo em um dado momento.

“Contato significa estar unido por meio da percepção, a alguém ou a algo fora de si mesmo. Posso estar contigo unicamente se estou seguro de que tu és, não eu, de que existimos como entes separados um do outro.” (Perls, 1973 p.38)

A pessoa que experimenta verdadeiro contato, coopera. Sem contato se submete. Contato é o reconhecimento de, é o lidar com o outro, o diferente, o novo, o estranho. Não é um estado do qual possamos entrar ou sair, mas uma ação: eu faço contato entre o eu e o outro. Se esse *continuum* for interrompido por interferência externa ou bloqueado por gestalten fixa, a energia de uma gestalt nova torna-se impossível. É o que acontece com o retraimento - estar isolado²³ do mundo, porém em contato com sentimentos internos. Se recuo demais, fico isolado. Por outro lado se permaneço demais no exterior, termino em confluência²⁴. Para fazer um bom contato com o mundo, a pessoa precisa arriscar-se a expandir e descobrir suas próprias fronteiras²⁵. A fronteira entre o self e o ambiente deve ser permeável para permitir trocas, do contrário há perda de distinção entre o self e o outro. A isso Perls chamou de distúrbio de contato, que gera confluência ou isolamento.

“Quando o indivíduo não sente nenhuma barreira entre si e o meio, quando sente que ele próprio e o meio são um só, está em confluência com este meio. As partes e o todo são indistinguíveis entre si.” (Perls, 1973 p.51)

²³ Isolamento: Significa estar isolado do mundo porém em contato com sentimento internos. A pessoa retira-se do contato mostrando indiferença ou ansiedade. (Baungardner, 1982 p.35).

²⁴ Confluência: É um estado de não contato, de fusão por ausência de fronteira de contato. O self não pode ser identificado, impede qualquer confronto e qualquer contato verdadeiro. (Ginger, 1987 p.133).

²⁵ Fronteira de Contato: Contact Boundary, em inglês duas palavras diferentes designam fronteira: “Border” e “Boundary”, enquanto border refere-se à fronteira que pode ser transposta (como fronteira geográfica) Boundary refere-se à fronteira que não pode ser transposta (como fronteira de contato). A experiência se dá na fronteira entre o organismo e seu ambiente. As totalidades de experiências não incluem “tudo”, mas são estruturas unificadas definidas possíveis, é uma potencialidade que se dá na experiência como indício de alguma outra experiência. (Perls, 1977 p.41).

O contato é a apreciação das diferenças. Podemos amar e nos sentir amados quando somos confirmados até nas diferenças. Contato é o processo básico do relacionamento. Contatar é todo o processo de reconhecer o self e o outro pela movimentação em direção a contatar-se, fundir-se e também por separação e afastamento. O contato humano é um processo mútuo entre duas pessoas separadas movendo-se em ritmo de união e separação. A formação livre e contínua de uma gestalten é idêntica ao processo de crescimento. É feito o contato com a fronteira entre o eu e o outro, é onde existe excitação, interesse, curiosidade, medo ou hostilidade.

O relacionamento dialógico²⁶ é uma forma especializada desse contato mútuo. A forma de contato é fruto das combinações que se formaram ao longo dos anos como respostas aos estímulos de fora. O diálogo é o que emerge quando os sujeitos se encontram em contato de forma autêntica. O diálogo não é você mais eu, ele emerge da interação. No item 5.6, será explicado o método dialógico aplicado pela Gestalt-terapia.

Entre a pessoa e o resto do campo organismo/ambiente o contato também é obviamente relacional: É o que acontece entre a pessoa e o ambiente. Nosso senso de nós mesmos é relacional. Nós crescemos pelo que acontece entre pessoas, não por olhar internamente. O interior e o exterior são apenas “elaborações secundárias” ou diferenciações no campo organismo/ambiente.

(Yountef, 1998 p.145)

O estudo da maneira como uma pessoa atua é o estudo do que acontece na fronteira de contato entre o indivíduo e seu meio. É nessa fronteira de contato que os eventos psicológicos se sucedem. Os pensamentos, emoções, comportamentos e ações são o modo de encontro com esses eventos de fronteira.

Os contatos estão na fronteira assim toda a função interna foi também uma função de contato pois o organismo recebe todos os ajustamentos orgânicos ao longo da história filogenética. O sistema de ajustamentos conservativos herdados é a fisiologia. Naturalmente ela está integrada e funciona como um todo.

(Perls, 1973 p.205)

O homem saudável identifica sem esforço a necessidade dominante no momento. Ele sabe fazer escolhas para satisfazê-las e está disponível para a emergência de uma nova

²⁶ Dialógico: se refere ao fato de que nos tornamos e somos seres humanos como somos, porque estamos em relação com outros seres humanos, e temos a capacidade e o desejo de estabelecer relacionamentos significativos com os outros, ao mesmo tempo respeitando a singularidade do outro e a nossa. “A pessoa toma consciência de si como participante do ser, como um ser-com”. (Buber, 1974p.74).

necessidade: ele está sob o efeito de um fluxo permanente de formações e de dissoluções de gestalten, movimento ligado à hierarquia de suas necessidades, destacadas pelo surgimento de figuras.

De acordo com Polster (1979), o ciclo de contato distingue-se em oito etapas; emergência da necessidade, expressão, luta interna, definição, impasse, ponto culminante, iluminação e reconhecimento. O principal interesse nesta divisão é apenas localizar a fase do ciclo e detectar onde se produz um bloqueio, interrupção ou perturbação. O contato é um processo: as mentes não têm uma organização rija para que eventos iguais ocorram. Cada pessoa desenvolve um senso de quais eventos têm a força necessária para serem expressos e quais são manifestações suaves que ainda não estão prontas para nascer.

O contato é o sangue vital do crescimento, o meio de modificação da pessoa e das experiências que ela tem no mundo. A mudança é inseparável do contato, porque a apropriação da novidade assimilável ou a rejeição conseqüente do que não é assimilável levará inevitavelmente à mudança. O contato é incompatível com permanecer igual. Através do contato, a pessoa não precisa tentar mudar: a mudança simplesmente ocorre.

O contato não é uma qualidade da qual se esteja consciente, não mais do que a consciência que temos do senso de gravidade. Quando conversa, o sujeito tem consciência daquilo que está dizendo, vendo ou escutando, mas é improvável que imagine realizar contato. As funções sensoriais e motoras são potencialmente as funções através das quais o contato é feito. Porém, o contato é sempre mais do que a soma de todas as funções possíveis: ele é um todo. Ver e ouvir não é garantia de um bom contato. O que determina um bom contato é o *como* se vê ou se escuta.

O contato acontece pela interação entre objetos inanimados ou animados: ver uma árvore, escutar um som da natureza, o silêncio, recordações, imagens. O contato envolve não só o senso do próprio eu, mas também o senso de qualquer coisa que aparece na fronteira de contato e nela se funde. A habilidade existencial de discriminar o eu do não-eu transforma este paradoxo numa excitante experiência de escolha.

Resultados contraditórios decorrentes do cuidado de não interferir na liberdade de cada pessoa podem levar à perda do senso de definir o próprio espaço psicológico, enquanto

se acredita estar protegendo o outro e a si mesmo. A liberdade de uma pessoa não depende exclusivamente da permissão de outra. Porém o verdadeiro contato ocorre na comunicação real, produzindo verdadeira troca. Nela, o risco da perda de identidade ou de separação é inerente ao contato. Nisso reside a aventura e a arte do contato.

O contato é um relacionamento dinâmico. As fronteiras do ser humano são determinadas por toda a gama de experiências de vida e pela sua capacidade interior de assimilar uma experiência nova. A fronteira do eu é a fronteira daquilo que a pessoa pode contatar: é o contato possível, que inclui ações, idéias, pessoas, valores, ambientes, imagens, memórias que ela está propensa a se ligar, tanto com o mundo fora de si quanto com o mundo dentro de si mesma que um contato possa despertar. Inclui também o senso de quais riscos a pessoa quer assumir.

Para a maioria das pessoas, a necessidade de prever o resultado de suas ações impede-nas de ultrapassar barreiras do comportamento e chegar a melhores oportunidades. Mesmo que as pessoas se aventurassem num território desconhecido, elas poderiam perder a segurança e sentirem-se despreparadas para o mundo. Para um gestalt-terapeuta o respeito ao ser humano reside em não confrontá-lo, para não exceder os limites de sua experiência permissível. Pois ele poderá reagir à ameaça com a perda de contato. Além disso, o terapeuta não acredita que deva saber o que é melhor para um ser humano, pois entende que os indivíduos mostram uma grande variação na expansividade da sua fronteira-do-eu. No dizer de Heidegger (1997), seria sair da faticidade e criar ou recriar sua própria vida. Isso inclui o poder de reconhecer a adequação ao seu meio. Significa também que ele pode escolher pessoas, atividades, embora o poder de fazer contatos nunca seja inteiramente independente da escolha de ambiente ou da criação de novos ambientes.

O contato é vitalizante, a linguagem reconhece que o toque é um contato - ao ouvir ou ver algo o sujeito é sensibilizado. A descoberta de uma palavra bem empregada pode ser tão tocante quanto um contato físico e aprimora as comunicações. É a capacidade de ressonância de um comunicador que capacita um indivíduo a responder com contato.

A carga de interesse do indivíduo para o contato resultante de um engajamento com qualquer valor ou coisa interessante no momento. As funções de contato são vulneráveis à diminuição do impacto através do distanciamento pessoal, como a inércia ou o desinteresse.

Segundo Perls (1997), o “progresso” rápido tem o efeito penetrante de arrastar as pessoas a estilos de comportamento decorrentes das novas tecnologias, tanto para exigir que se acompanhe uma sociedade tecnocrata como para se afastar dela.

“O problema existencial para a maioria de nós, é quanto mais louca for a sociedade, mais agudo será o problema. Ela desumaniza as pessoas, converte-as em autômatos sem emoções e as pessoas sem emoções tornam-se máquinas.” (Perls in Fagan, 1980 p.51)

O princípio básico da gestalt-terapia é o de acentuar aquilo que existe, ao invés de modificar. Nada pode mudar sem que antes seja aceito. Depois disso, pode-se seguir o movimento natural da vida, cuja direção é a mudança.

De acordo com o pensamento de Latner (1994), o eu tem formas características de fazer contato com o processo em desenvolvimento. Quando se encontra no ponto zero, antes e depois da formação da gestalt, a experiência é de contato fluido e indiferenciado com o meio. Experimenta-se uma perda de nossa diferenciação quando a tranquilidade da noite ou o balanço das ondas do mar invadem o sujeito. Neste estado, sente-se que nós e as ondas somos uma coisa só. Neste momento, estamos em confluência com o que fazemos contato. A confluência é uma percepção da semelhança: experimenta-se a empatia com o ambiente. Neste ponto de encontro, o contato é tão real que é possível sentir a experiência do existir do outro.

Outra característica do contato normal semelhante à confluência é a projeção. No processo de criar uma gestalt para enfrentar uma necessidade presente, o sujeito é capaz de ver a realidade diferente do que é, mais próxima de seus desejos. Ao tratar de forma abstrata o campo e remodelá-lo de acordo com as necessidades, pode-se realizar obras de arte ou descobrimentos científicos. Esta atividade é essencial para todo pensamento criador, científico, artístico e prático. Ao estar consciente, recupera-se o tempo, a responsabilidade sobre as necessidades e sobre o que foi feito.

A introjeção é semelhante à confluência. Imitar, copiar, representar papéis são introjeções naturais. Elas consistem em tomar atitudes sem o processo de formação de uma gestalt. É aprender a memorizar sem assimilar, é o estado indiferenciado da criança. Uma introjeção sadia é representar um papel sabendo que está representando, é uma atuação

imaginativa de um ator. Desta forma, ampliam-se as possibilidades e experimentam-se novas formas de ser para assimilá-las.

A retroflexão é o chamado autocontrole, orientada mediante um espaço de vontade, canalizando as energias para um fim preciso. Um bom exemplo de retroflexão é aprender algo novo: só uma dedicação cuidadosa que aumente o controle pode levar ao sucesso. Retroflexão sadia seria disciplina.

Segundo Perls (1977), ninguém é auto-suficiente. O indivíduo só pode viver num campo circundante. O tipo de relação homem/meio determina o comportamento do ser humano. O estudo do modo como o ser humano atua no seu meio é o que ocorre na fronteira de contato entre o indivíduo e seu meio. É neste limite que ocorrem os eventos psicológicos: pensamento, ação, comportamento, emoção. Com essa perspectiva, organismo e meio se mantêm numa relação de reciprocidade. Assim, o contato não é bom nem mau: há pessoas que estão em contato contínuo com o outro, há os que são fugidios, há as pessoas que se sentem impelidas a manter contato com suas idéias fixas. Elas são tão perturbadas quanto os esquizofrênicos, se afastam completamente. Portanto, nem todo contato é saudável, nem toda fuga é doentia.

O contato e a fuga são opostos dialéticos. Eles são os meios de lidar na fronteira de contato com objetos do campo. Essa aceitação e rejeição ao meio são as funções mais importantes da personalidade global. São pontos positivos e negativos dos aspectos psicológicos pelos quais vivemos. Esta função é parte do próprio ritmo da vida.

Ainda de acordo com Perls (1981), a excitação é transformada em ações sensoriais e motoras. As emoções mobilizam os modos de satisfação das necessidades.

Para Ribeiro (1997), é pelo contato que a figura-fundo segue seu caminho de formação e destruição de novas gestalten, em um eterno renovar-se. O contato não aparece em uma elaboração intrapsíquica, como pensamento-vontade, mas fruto da relação dinâmica entre pessoa-mundo num dado campo.

Contato é o mundo enquanto experiência em um determinado momento. O contato é função do self. O self é resultante do contato com o organismo e com o momento, é o sistema

de contato no campo organismo/ambiente. O contato é o alimento permanente do self: podemos até dizer que self é contato e contato é self. Ainda para Ribeiro, não se pode pensar contato sem pensar em crescimento. Por intermédio do contato pode-se experienciar a própria existência e a do outro. Pode-se estar só ou em contato com o outro. Mesmo só, os outros estão junto, independente da vontade do indivíduo. Para o crescimento é preciso que se permita o fluxo do encontro com o outro, pois a vida sempre entende o contato como novas possibilidades.

2.5.2 Awareness

Encontramos em alguns livros de gestalt a palavra awareness, de origem inglesa que significa consciência. Porém, não apenas consciência no sentido intelectual do termo, isto é, não apenas uma atitude do sujeito separado do mundo. Awareness é um tipo de consciência que envolve a totalidade do organismo do sujeito, ou seja, a consciência do sujeito nos sentidos do afeto, da cognição, da ação e da intuição.

A awareness parte da idéia de uma consciência como produto necessário da relação entre o sujeito e o mundo - consciência no sentido do vivido. É aquilo de que temos consciência no contexto da “realidade”, consciência como capacidade de percepção do que se passa dentro e fora de si no momento presente, nos planos mental, corporal e emocional. A awareness compreende o conhecimento do ambiente, a responsabilidade pelas escolhas, o auto-conhecimento, a auto-aceitação e a capacidade de contato. Awareness é uma propriedade da gestalt e representa uma integração criativa do problema. Somente uma gestalt consciente (awareness) leva à mudança.

Awareness é uma forma de experienciar, é o processo de estar em contato vigilante com o evento mais importante do campo indivíduo/ambiente, com total apoio sensorio-motor, emocional, cognitivo e energético. Um continuum e sem interrupção de awareness leva a um “Ah”, a uma percepção imediata da unidade óbvia de elementos dispersos no campo. Totalidades significativas novas são criadas por contato da aware. A awareness é em si, a integração de um problema.

(Yontef, 1998 p. 215)

Todo ser humano tem alguma awareness, algum meio de experimentar o mundo e nele se orientar, mesmo que a awareness seja parcial. A awareness é eficaz apenas quando fundamentada pela necessidade atual do organismo. Se não houver energia, entusiasmo e emotividade na figura emergente, a ela não tem significado, poder ou impacto. A awareness é sempre “aqui e agora” e está sempre mudando, evoluindo e transcendendo. Ela é sensorial, não mágica, ela existe sempre no aqui e agora.

O passado existe como memória, arrependimento, tensão corporal, etc; o futuro não existe, exceto como fantasia, esperança, possibilidades, etc. A awareness é uma forma de experiência que pode ser definida aproximadamente como estar em contato com a própria existência, com aquilo que está sendo.

Na Gestalt-terapia enfatiza-se awareness no sentido de saber o que se está fazendo agora, na situação do momento, não confundindo este instante com o que era, poderia, ou deveria ser. Adota-se a postura de awareness do que é presente, energizando a figura de atenção de acordo com o interesse atual e com nossas preocupações mais importantes. A awareness é saber o que se está fazendo e como.

A awareness é um novo reunir-se. Ela exclui a visão de mundo imutável. Ela não é estática, mas sim um processo de orientação que se renova a cada instante e estabelece uma compreensão que vai muito além da aceitação de falácias repetitivas. Confia-se mais na awareness em evolução do que em qualquer idéia abstrata pré-estabelecida.

Como processo de conhecimento do próprio controle, a awareness é acompanhada de aceitação da escolha e responsabilidade pelo próprio sentimento e comportamento, por isso inclui auto-aceitação e auto-reconhecimento. À medida que a situação interna ou externa for impedida por alguma razão, a awareness poderá ser distorcida.

O mundo da percepção é o mundo do tempo, da mudança, dos inícios e dos fins. Ele se baseia na interpretação, não em fatos. O que a percepção vê e ouve parece real porque ela só permite que entre na consciência o que está de acordo com os desejos de quem está percebendo. Isso conduz a um mundo de ilusões, que precisa de defesas constantes. É importante lembrar que a projeção faz a percepção: olha-se antes para dentro, decide-se o tipo de mundo que se quer ver e então projeta-se este mundo lá fora, fazendo dele a “verdade” tal

como a vemos. Entende-se “verdade” apenas através de interpretações do que se vê, o mundo é distorcido pelas defesas pessoais. À medida que se aprende a rever a percepção, aprende-se a olhar para o que está além de auto-conceitos distorcidos, deixando-se de ser auto-referentes.

2.5.3 Figura e Fundo

Para compreender a idéia de figura e fundo, é necessário compreender o significado de percepção e estímulo, ou seja, tudo o que percebemos (consciente ou inconscientemente) causa estímulo. Sendo assim, a teoria da gestalt sugere que a maneira como um determinado estímulo é percebido irá desencadear não só o comportamento, mas o pensar desta pessoa. O que o indivíduo percebe (e como percebe) são dados importantes para a compreensão do sentido de Figura e Fundo.

Com base neste pressuposto, a percepção do evento como um estímulo é mediatizada pela forma como se interpreta este estímulo, ou seja, como se interpreta o evento. Se o estímulo for recebido por seu organismo como fundamental, este estímulo agirá como Figura, pois se tornará prioritário para o indivíduo. Mesmo que receba diversos estímulos momentaneamente, os outros eventos não se tornarão prioritários e, em alguns casos, nem sequer serão percebidos. Por exemplo: para um indivíduo com fome, o campo de percepção se concentra no sentir fome e no modo como esta será eliminada, mesmo que ao seu redor estejam ocorrendo eventos múltiplos. Já para um indivíduo saciado, estes eventos múltiplos (sons, movimentos,...) serão percebidos com maior interesse. Figura é o que emerge como interesse maior contra um fundo ou contexto do campo organismo/ambiente. A necessidade do organismo e as possibilidades plausíveis do ambiente são incorporadas e unificadas na figura. O processo de formação de figura-fundo é dinâmico: o organismo seleciona e desenvolve formas próprias de auto-conservação que, por um estímulo qualquer, virão à tona imprevisivelmente. Assim, na subjetividade da percepção, a escolha da figura-fundo pode ser consciente ou inconsciente.

O processo de formação de figura/fundo é um processo dinâmico no qual as urgências e recursos do campo progressivamente emprestam suas forças ao interesse, brilho e potência da figura dominante. Não tem sentido, pois lidar com qualquer comportamento psicológico fora de seu contexto sociocultural, biológico e físico.

(Perls, 1997 p. 46)

A figura-fundo foi descrita inicialmente por Köhler, Koffka e Wertheimer. Estes psicólogos gestaltistas falaram de figura-fundo em relação ao fenômeno da percepção e do conhecimento. Os terapeutas gestálticos se interessam pela relação da figura-fundo com todas as funções do organismo.

A psicologia acadêmica da Gestalt ocupa-se predominantemente de figuras externas, sobretudo as visuais e auditivas. É interessante assinalar que o psicólogo gestaltista acadêmico nunca tentou empregar os vários princípios da formação de gestalt (proximidade, a lei da boa continuidade, pregnância, semelhança, etc.) nas percepções orgânicas, na percepção dos sentidos próprios de cada um, suas emoções e sensações corporais. Na realidade nunca logrou integrar os fatos da motivação com os fatos da percepção. Foi esta a contribuição adicional de Frederick Perls para a psicologia da Gestalt.

(Fagan, 1980 p. 19)

Figura (gestalt) na awareness é uma percepção, imagem ou insight claros e vívidos. A necessidade do organismo e as possibilidades plausíveis do ambiente são incorporadas na figura. O processo de formação de figura – fundo é dinâmico: o organismo seleciona e desenvolve formas próprias de auto-conservação.

“A consciência espontânea da necessidade dominante e sua organização das funções de contato é a forma psicológica da auto-regulação orgânica.” (Perls 1997 p. 84)

A função do self é o processo figura – fundo nos contatos de fronteira no campo organismo/ambiente. Qualquer fenômeno observado nunca é uma realidade objetiva em si, mas uma inter-relação global entre o próprio fenômeno e seu meio, no caso o observador. Esta percepção personalizada da “realidade” exterior está sempre presente no cotidiano.

Quando a gestalttheorie nos diz que uma figura sobre o fundo é o dado sensível mais simples que podemos obter, isso não é um caráter contingente da percepção de fato, que nos deixaria livres, em uma análise ideal, para produzir a noção de impressão. Trata-se da própria definição do fenômeno perceptivo, daquilo sem o que um fenômeno não pode ser chamado de percepção. O “algo” perceptivo está sempre no meio de outra coisa, ela sempre faz parte de um “campo”.

(Merleau Ponty, 1994 p. 24)

Todos têm dificuldades de descrever o todo, porque cada um tem uma visão parcial da realidade. Para ter uma visão do todo, é necessário ir além da mente, uma vez que a mente é fragmentada, assim como as sensações. Figura é o que emerge de um fundo - é a percepção individualizada.

Toda percepção é seletivamente organizada de acordo com o universo cognitivo do indivíduo. O organismo vivo se rege por transações preferenciais na sua relação com o mundo exterior.

O organismo seleciona e desenvolve formas próprias de auto-conservação. Perls (1997) ressalta a potencialidade inerente no organismo para atualizar-se. O organismo é um sistema que está em equilíbrio e que deve funcionar adequadamente, e retira do meio o que precisa para sobreviver (ex: uma flor que, procurando o sol, se volta para um determinado lado no vaso). Qualquer desequilíbrio é experienciado como necessidade de ser corrigido.

Um homem considerado saudável no seu contato identifica a necessidade dominante no momento. Ele pode fazer escolhas e ficar satisfeito. Seu movimento é ligado à hierarquia de suas necessidades perante o aparecimento sucessivo das figuras. Zinker (1979) divide este ciclo de contato em: tomada de consciência, mobilização de energia, ação, contato, retração. Na busca de coerência, o homem dá sentido àquilo que poderia ter vários sentidos. Uma gestalt é um conjunto significativo, não necessariamente por si mesmo, mas sobretudo para quem escolhe.

A figura depende do fundo sobre o qual aparece, o fundo serve como uma estrutura ou moldura em que a figura está enquadrada ou suspensa e, por conseguinte, determina a figura. Quanto mais generalizamos nosso conceito de fundo, mais aplicações encontraremos para essa regra.
(Koffka, s/data p. 194)

A relação dinâmica entre figura e fundo pode ser interrompida, seja porque a figura se fixa (gestalten fixa²⁷) de forma demasiadamente intensa, de modo que novas figuras não podem entrar no campo; ou porque o fundo contém muitos objetos de interesse, desta forma não se pode fixar bem a figura.

²⁷ Gestalten fixa – Quando o eu inconscientemente se recusa a contatar com o exterior para se auto-protger, utilizando recursos internos chamados “sabedoria da resistência” por medo de repetir experiências dolorosas.

2.6 Gestalt-terapia: um Processo Dialógico de Comunicação

As palavras-princípio não exprimem algo que pudesse existir fora delas, mas uma vez proferidas elas fundamentam a existência. Se se diz tu profere-se também o eu da palavra-princípio eu-tu. Se se diz isso profere-se também o eu da palavra-princípio eu-isso. A palavra-princípio eu-tu só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A palavra-princípio eu-isso não pode jamais ser proferida pelo ser em sua totalidade.

(Buber, 1974 p.3)

Busca-se aqui descrever aspectos da relação dialógica do processo comunicacional.

Segundo Hycner (1995), uma relação dialógica é sempre um processo em andamento. Muito do sofrimento humano poderia ser diminuído se houvesse uma maior preocupação em estabelecer um diálogo comunicacional entre pessoas. Para Buber (1974, p.10), “Eu não experiencio o homem a quem digo tu. Eu entro em relação com ele no santuário da palavra-princípio. Somente quando saio daí, posso experienciá-lo novamente. A experiência é distanciamento do tu.”.

Para Neumann (1990, p.13) “A comunicação implica pensar, ter idéias, emitir juízos de valor.” A troca de informações entre as pessoas é o que se chama de comunicação. O dialógico é a exploração do entre, e o entre é paralelo à idéia da gestalt de que o todo (o âmbito do diálogo) é maior do que a soma das partes. Para o gestalt-terapeuta, todo processo dialógico é contato porém nem todo contato é processo dialógico. Nas palavras de Buber, é um encontro eu-isso.

Neumann questiona até que ponto a comunicação e seus processos buscam a liberdade do ser humano e sua aproximação eu-outro para uma integração na sociedade como sujeitos no mundo e na sua história. Para a comunicação entre pessoas encontrar caminhos de paz, é imprescindível que os valores comunitários estejam integrados ao processo de conscientização dos seus membros como agentes de transformação social.

Uma abordagem dialógica consagra a singularidade do indivíduo dentro do contexto do relacional. Há sempre tensão entre o quanto a pessoa precisa se ocupar de seus interesses individuais e o quanto necessita se ocupar das necessidades relacionais. O equilíbrio entre essas duas polaridades é, com frequência a chave do viver saudável.

(Hycner, 1995 p.31)

Buber (1974) nos diz que a experiência eu-tu é estar o mais presente possível do outro, com poucos objetivos direcionados para si mesmo. É uma experiência de apreciar a alteridade, a totalidade do outro, é uma experiência mútua de encontro. A perspectiva dialógica sustenta que a singularidade genuína nasce do relacionamento verdadeiro com os outros.

Nas palavras de Hycner (1995), os humanos raramente experienciam o outro lado, porque isso requer uma boa consciência do seu “centro”, assim como flexibilidade existencial e psicológica para poder estar do outro lado. Quem em algum momento experimentou estar do outro lado, talvez tenha experimentado o medo da perda de seu próprio self. No entanto, o importante na relação dialógica é perder o senso rígido do self para entrar na realidade do outro.

Hycner lembra Buber quando enfatiza que, uma vez recebido o “sim” - o pão sagrado vindo dos outros - nos tornamos capazes de qualificar nossa própria existência. Devido à necessidade desesperada de confirmação, podemos nos tornar “falsos eus” ou o que Buber chama de “parecer”. O homem que “parece” está preocupado com o que o outro pensa a seu respeito e exibe uma aparência planejada para parecer espontâneo, sincero ou o que precisar para obter a aprovação do outro. Esta aparência destrói a autenticidade da vida entre pessoas. Ceder a essa tendência é a verdadeira covardia, segundo Buber, resistir a ela é sua verdadeira coragem.

É necessário para o terapeuta sair das projeções e colocar entre parênteses (epochè²⁸), olhar para alguma coisa, uma pessoa, um acontecimento e suspender o juízo, não projetar temores, desejos, todos os pacotes da memória, ver com a maior clareza possível, a epochè constitui um momento importante para deixar de lado o próprio ponto de vista, ver as coisas em sua “outridade” irredutível a nossas percepções fragmentárias, é o começo de uma visão mais clara.

(Leloup, 1993 p.112)

Diante de um olhar menos contaminado, qualquer pessoa sente-se aceita, e esta é uma condição necessária para o caminho da autoconsciência. A pessoa mais próxima do seu eu real restitui a sua identidade e a sua liberdade.

²⁸ Epochè do grego epochè “restrição”, uma palavra usada pelos cétricos gregos para afirmar a “suspensão” da crença. (Inwood, 2002 p. 67)

Um gestalt-terapeuta nunca perde de vista que, como estamos sempre nos constituindo uns com os outros, o terapeuta também é constituído pelo paciente, assim como qualquer paciente só pode estar mudando se houver uma comunicação que restaure o senso de significado a dignidade desta pessoa através da disponibilidade de estar com ele em seu sofrimento ou em sua alegria. A sintonia emocional é um recurso para entrar em contato com o paciente. Seus sentimentos são uma janela do que é importante naquele momento. Através da sua sintonia e ressonância emocional, o terapeuta pode testemunhar o que se passa em sua vida. O paciente não se sente só quando em contato. Ao invés de tentar mudá-lo, ajuda-se ele a fazer sua inclusão no mundo dos significados. Ele entra em contato com sua existência e com qualquer mudança que aconteça através desse viver dialógico.

“Quando duas pessoas mostram e expressam seu ser verdadeiro numa atitude de mutualidade eu-tu, um fluxo livre de energia afetiva às vezes ocorre entre elas. Isto acontece quando ambas desistem de controlar uma à outra e permitem que o tu aconteça.” (Yontef, 1998 p.251)

A Gestalt-terapia baseia-se no existencialismo dialógico, isto é, no processo de contato/afastamento. O diálogo comunicacional pode incluir o encontro entre duas pessoas mesmo sem palavras. Na prática da Gestalt-terapia, o terapeuta sai do papel tradicional do ouvir passivo e interpretativo e mostra sua presença ativa. Nessa exploração fenomenológica, busca-se o que está acontecendo com o paciente, com o terapeuta e com os dois ao mesmo tempo, sem enfatizar o que seria, poderia ser, foi ou poderá ser. Como já vimos no item anterior sobre contato, ele é o processo de reconhecer o self e o outro pela movimentação em direção a conectar-se/fundir-se, e também por separação/afastamento.

O contato é o processo básico do relacionamento. Quando uma pessoa contata, ela se une e mantém a sua existência independente. Quando duas pessoas contatam, elas se unem temporariamente e mantém as suas identidades em separado. O relacionamento dialógico é uma forma especializada desse contatar mútuo, é o processo de duas pessoas separadas moverem-se em ritmo de união e separação.

Se utilizarmos os enfoques fenomenológico e dialógico, é possível que pessoas possam tomar consciência de seu processo presente, acreditando que a awareness possa aumentar, conduzindo ao crescimento e à auto-regulação orgânica no diálogo com o

mundo. Sem a intenção de ser agente de mudança, o terapeuta é um consultor de pesquisa fenomenológica e um facilitador do diálogo. Ele procura relacionar-se dialogicamente, possibilitando à pessoa que se auto-regule de acordo com suas necessidades. Segundo o que Beisser²⁹ diz sobre a teoria paradoxal da mudança: “a mudança ocorre quando a pessoa se converte no que está podendo ser e abandona a luta contra a própria resistência e o desejo de ser outra coisa”. Ao admitir que está sendo desta forma, ela pode criar o desejo subjacente ao completar a gestalt para dar um passo a novas necessidades e condutas. De acordo com Beisser, a sociedade tem um ritmo acelerado, com trocas constantes, por isso a terapia não pode preparar o homem para um mundo estático, mas com revisões constantes na sua capacidade de mudanças. A premissa é que não se deve parar em algum lugar com o fim de ter uma boa base para se mover. A pessoa se debate com o que é e com o que deveria ser com forças intrapsíquicas antagônicas. O terapeuta procura integrar essas duas forças, pedindo que aceite-se como está podendo ser neste momento.

“O terapeuta gestáltico concebe a mudança como uma possibilidade, quando ocorre o contrário, vale dizer, quando as estruturas são transformadas em processos, em tais circunstâncias o indivíduo está aberto a um intercâmbio participante com seu ambiente.” (Beisser in Fagan 1970 p.83)

Um gestalt-terapeuta acredita que o homem é um ser único e total, não fragmentado em duas ou mais partes opostas. Em seu estado natural, experimenta uma troca constante, fundamentada na transação dinâmica entre o self e o ambiente. O objetivo da terapia não é tanto desenvolver um bom caráter fixo, mas a capacidade de mover-se com os tempos, ainda que conservando uma certa estabilidade individual.

Importa saber que a pessoa está incrustada em uma sociedade, em transformações e com constantes informações, num sistema pluralista e multifacetado que a entrega a seus próprios recursos para encontrar estabilidade. Ela precisa, por isso, buscar um método que lhe permita mover-se de forma dinâmica e flexível, sem perder o seu centro.

Ainda de acordo com Beisser, é preciso encontrar uma mudança social, pois a mudança individual é o microcosmos do processo de mudança social. Os elementos

²⁹ Texto de Arnold Beisser publicado no livro de Fagan (1970).

antagônicos são ameaças à sociedade assim como ao indivíduo. A compartimentalização entre ricos/pobres, negros/brancos, empregador/empregado/ ou entre religiões, separada por barreiras geográficas e sociais, representa um perigo para a sobrevivência da humanidade. A teoria paradoxal da mudança é aplicável ao desenvolvimento comunitário e às organizações, pois estas são processos compatíveis com um marco democrático.

Paradoxal porque conflita com a descrença básica e generalizada no ser humano quando livre e aceito, bem como nas suas potencialidades, capacidades, descrença cultuada como um dos importantes pilares de nossa cultura dita civilizada. Talvez esse seja um dos preconceitos clássicos de mais difícil erradicação e até de identificação em nossas relações.

(Ribeiro, 1998 p.58)

Normalmente fixamo-nos em velhos padrões adquiridos, buscando segurança. Com isso nos desviamos do nosso fluxo interativo de nossa responsabilidade com o meio ambiente e com o outro. Para Peruzzo (1998), o homem não se constitui em simples objeto, mas é um ser complexo na essência de sua condição humana.

Ampliando cada vez mais possibilidades de relacionamento interpessoal é relevante o desenvolvimento de uma comunicação mais significativa na exploração do entre, estabelecendo diálogos que permitam-lhe, cada vez mais, uma aproximação com o outro.

Esta tese argumenta que o homem sendo produto do meio, precisa compreender-se num universo hermenêutico. Tal consciência é fundamental para o comunicador. Manter contato sempre atualizado com seu exterior e reflexões no seu interior permitem que seu agir esteja mais eticamente comprometido.

3 Visualidades em Martin Heidegger

3.1 O Fenômeno da Comunicação

A disposição afetiva não só abre o Dasein em sua condição de arrojado (audacioso) e em seu estar-consignado ao mundo já aberto sempre com seu ser, senão que ela mesma é o modo existencial de ser em que o Dasein se entrega constantemente ao “mundo” e se deixa afetar de tal modo por ele que de certa forma se esquivava de si mesmo.

(Heidegger, 1997 p. 163)

O fenômeno da comunicação deve ser compreendido num sentido ontologicamente amplo. A comunicação que informa acerca de algo é um caso particular. Entendida num sentido existencial fundamental, ela realiza o “compartir” comum da compreensão do co-estar.

A comunicação não é um transportar de vivências como opiniões ou desejos. A coexistência está essencialmente revelada na disposição afetiva no compreender comum. O co-estar é compartilhado explicitamente no discurso: ele já é previamente, ainda sem ser compartilhado.

Todo o discurso sobre algo tem por sua vez o caráter de expressar-se. No transmitir o Dasein se expressa não porque esteve encapsulado como algo interior, oposto a um fora, mas porque estar-no-mundo já significa estar fora. No entanto, a disposição afetiva (o estado de ânimo) do discurso afeta o estar-em. O momento construtivo do discurso é a notificação do estar-em, afetivamente disposto a falar num certo tom de voz, numa modulação do tempo do

discurso - são as diferentes maneiras de falar. A comunicação das possibilidades existenciais, pode se converter numa finalidade própria.

O discurso é a articulação em significações da compreensibilidade afetivamente disposta no estar-no-mundo. Seus momentos constitutivos referem-se à definição de discurso (aquele acerca do qual se discorre, o discursivamente dito enquanto tal, a comunicação, a notificação).

Existem discursos cuja a linguagem se conhece pela via empírica através de caracteres enraizados na constituição do ser do Dasein³⁰, que tornam ontologicamente possível a linguagem. Na forma lingüística fática de um determinado discurso, alguns desses momentos podem passar despercebidos.

Assim como a locução verbal se funda no discurso, também a percepção acústica se funda no escutar. O ato de escutar alguém é o existencial, é estar aberto ao outro, próprio do Dasein enquanto coestar. O escutar constitui inclusive a primeira e autêntica abertura do Dasein ao seu poder-ser mais próprio. O escutar uns aos outros é onde se configura o coestar, o que pode variar é o modo como se escuta: estar de acordo com o outro ou não, não querer ou não poder escutar, opor-se ou dar pouca importância. A resposta procede imediatamente à compreensão daquilo sobre o que recai o discurso e que está dividido no coestar.

Só se pode ouvir onde se dá a possibilidade existencial de falar e escutar. O puro ouvir por ouvir é uma privação do compreender de quem escuta. O falar e o escutar se fundem no compreender. Só quem já compreende pode escutar.

A comunicação segue o elo de um fundamental modo de ser do discurso. Em conexão com outros fenômenos, procura se fazer visível, em forma ontologicamente mais originária, à cotidianidade do Dasein.

Em relação a estes fenômenos, é importante advertir que a interpretação tem um propósito puramente ontológico, que está muito longe de uma crítica moralizante do Dasein cotidiano e de qualquer tipo de aspirações próprias de uma filosofia da cultura.

³⁰ A palavra Dasein significa literalmente “ser o aí” e por conseguinte se refere ao ser humano, aberto a si mesmo, ao mundo e aos demais seres humanos. A palavra Dasein significa literalmente existência, porém Heidegger a usa no sentido exclusivo de existência humana. Heidegger (1997).

A comunicação tem como finalidade mostrar o lugar ontológico do fenômeno dentro da constituição do ser do Dasein e preparar uma análise, seguindo o fio condutor de um modo de discurso em conexão com outros fenômenos. Ela tentará tornar visível a cotidianidade do Dasein em forma ontológica mais originária.

3.2 O Homem e a Técnica

A técnica moderna é social, adquirida para dar mais conforto ao indivíduo dentro de um sistema. A técnica é produtora da nossa maneira de morar na Terra.

Referindo-se a Heidegger, Buzzi (2000), afirma que a técnica organiza a sociedade moderna para produzir e construir: é o impulso tecnológico rumo à eficiência. Com isso reduz a Terra e os homens à matéria-prima (reservas).

A reserva não é revelada por um objeto que se coloca em oposição (separado e contrário a um sujeito), mas como uma extensão desse sujeito. O homem como Dasein existe fora de si mesmo no mundo. Por consequência, não pode se confrontar apenas consigo mesmo. Seja o que for que entra em contato com a humanidade tecnológica, acaba por tornar-se uma extensão de si próprio. Este é o perigo pressentido por Heidegger.

A imagem do mundo não é mera representação da realidade externa, mas a imagem do mundo torna-se a principal medida da humanidade para a realidade, ela torna-se a própria realidade. Exemplo: hoje é possível, com equipamento multimídia transportar-se para uma realidade virtual. Nesta esfera, é possível experimentar o curso de visões, dos barulhos e das sensações disponíveis através de simulações de computador. Este exemplo sintetiza a cultura tecnológica pós-moderna. Os fatos confundem-se com a ficção, a história com o drama, o descoberto com o fabricado. Heidegger quer dizer que reduzimos o mundo à representação que dele fazemos.

Através da criação de uma imagem do mundo, o sujeito começa a produzir sua própria realidade. Ele é confrontado com aquilo que redonda em solipsismo³¹ tecnológico. Não importa para onde se olhe, só encontramos reflexos de nós mesmos, assim a objetividade do mundo desaparece. Na perspectiva tecnológica, tudo que existe acaba por existir agora, devido ao fato de ser representado por sujeitos. O enquadrar coloca o mundo dentro do nosso alcance, tal como uma imagem muito próxima com o presente: tudo se torna vigiado, controlável, conectado e explicável. A recusa da proximidade marca um sentido perdido de afinidade com o mundo. A tecnologia separa os objetos no tempo e no espaço, distanciando os sujeitos do mundo.

À medida que a relação do sujeito com o mundo é mediada pela técnica cessamos de diferenciar distância e proximidade. Na ausência da distância, tudo se torna igual. Transforma-se a noite em dia e o dia numa inquietação que nos persegue como a manipulação genética de plantas e animais que acelera-se sem cessar. Com o desenrolar de cada dia que passa, aumenta a probabilidade de que ao olharmos bem para o alto, nos céus, ou para o fundo da natureza, as únicas impressões recebidas sejam aquelas feitas pelas mãos do homem.

Concordar com Heidegger que o ser humano é um ser-no-mundo pensante (um ser situado e limitado), significa compreender que a vitória suprema da humanidade tecnológica é verdadeiramente ilusória. A crença da penetração tecnológica ilimitada seria ilusória, por constituir uma alucinação de falsa onipresença.

Na medida em que a técnica torna tudo disponível, ela não conhece nada intocável, nem sagrado, e destrói o planeta sobre o qual está. Segundo Heidegger, a técnica é uma maneira de expor. O expor que domina a técnica moderna significa dispor no sentido de provocação. Heidegger agrupa todas as maneiras de controle técnico. O conceito contrário é o de produzir, no sentido do deixar acontecer. Não deixamos a natureza acontecer: nós a abordamos de modo que ela se anuncie em alguma forma comprovável por cálculo, e permaneça à nossa disposição como um sistema de informações.

A intervenção técnica transforma a natureza em uma provisão efetiva ou potencial, para que ela não desabe sobre nossa cabeça, é preciso assegurar de maneira planejada a provisão.

³¹ Solipsismo – Doutrina que admite só a existência do eu individual que pensa. (Mattos, 1957 p.348)

Técnica provoca mais técnica. As seqüências de técnicas só podem ser controladas por meios técnicos. [A natureza foi provocada pela técnica, que agora provoca a natureza a prosseguir com isso, sob pena de sucumbir.] Assim o ciclo se encerra num *circulus vitiosus* de esquecimento-do-ser.

O dispositivo é algo feito pelo ser humano. Porém foi perdida a liberdade em relação a ele: o dispositivo tornou-se o destino. Deve-se manejar de modo adequado a técnica, para ela não escapar ao domínio do homem. A essência da liberdade não está ligada à vontade ou à causalidade do querer humano. A liberdade é a região da sorte ou do destino que põe sempre em caminho o desocultamento.

Quanto mais intenso o indagar, mais se abirão caminhos, porque o perguntar é a compaixão do pensar. Todavia o reino tecnológico não seria por isso menos catastrófico, pois a ilusão poderá ser aceita como realidade.

A natureza e a liberdade humanas encontram-se ameaçadas. A humanidade pode ser despedaçada e aniquilar-se no vazio do nada. A maré crescente da revolução tecnológica poderá aprisionar o homem até o ponto em que o pensamento calculador poderá ser aceito como o único modo de pensar.

Não existe uma malignidade inerente à tecnologia, mas antes o mistério de sua essência. O enquadramento ameaça o homem com a possibilidade de lhe ser negado entrar num revelar mais original. A ameaça de perder a capacidade de encontrar um lar na Terra e uma moradia no pensamento perturba a consciência.

Redescobrir a casa terrena (enquanto ameaçada) assinala a superação restauradora da tecnologia. Este sentido redescoberto de santuário é principalmente evocado por Heidegger através da memória ou do pensamento evocativo. Ele não defende nem aceita uma retirada para um estado pré-tecnológico. Não podemos entender a técnica como obra do diabo, pois compreender o mundo desta forma seria determinismo. Heidegger solicita que respondamos à questão: o que devemos pensar em vez de o que deverá ser feito. Não é o que devemos pensar antes de agirmos. O pensamento deverá resgatar o sujeito dos modos de dominação possessiva. Ele não é contra a tecnologia e nem sugere qualquer resistência à ela. Condená-la seria ter vistas curtas. O importante é obter uma tecnologia alternativa, suave, adaptada aos

ciclos e processos naturais. O alerta é que, tal como as drogas, os instrumentos tecnológicos podem se tornar viciantes.

Embora os humanos sejam inerentemente construtores, é crucial compreender o perigo que reside nas nossas construções tecnológicas, para que elas não nos dominem. Renegá-las é desnecessário e fútil. Hoje vivemos a fragmentação do sujeito. Se antes havia um espelho, agora há uma TV que suscita a fragmentação do eu. Esta é a astúcia da técnica: onde não se pode mais falar do sujeito, não é mais uma característica individual. A multiplicação dos meios de comunicação pode estar ligada ao empobrecimento das comunicações pessoais.

Depois que o homem foi educado para a competição, esta virou base para o progresso e para a destruição. Houve então uma crise das relações sociais e individuais. A busca atual é por lucro e produção, não por sobrevivência. Com isso a técnica se sobrepôs à moral e à ética. O processo evolutivo converteu também o contato do ser humano em relações objetificadas. Em todo o humanismo atual, se ensinou a competição e se esqueceu a solidariedade.

Pensar a técnica é buscar um modo de comportamento humano adequado à técnica. O pensar é sempre pensar a essência - não é simplesmente a definição de algo, mas o que faz com que este algo seja. A essência da técnica não é algo técnico, mas o modo peculiar de descobrir a técnica. É metafísica, pois ela é sempre um mostrar o ente como ente desta ou daquela maneira.

Para Heidegger, a metafísica funda uma época, na medida em que fundamenta sua figura essencial mediante uma determinada concepção da verdade. Este fundamento domina todos os fenômenos que caracterizam uma época, configura a imagem do mundo e estabelece *a priori* o modo como as coisas aparecem. As coisas são vistas essencialmente como objetos de incumbência, sempre dispostas de acordo com seus possíveis usos.

A princípio é o homem o sujeito da provocação, mas porque ele se encontra impelido a provocar existencialmente. O homem é então encarregado e requerido pela técnica a cumprir sua função pré-designada.

A essência da técnica só pode estar naquilo que leva o homem a provocar para as coisas parecerem existenciais. Este fenômeno Heidegger denominou de imposição. Se a essência da técnica consiste nesta imposição como modo de desocultamento da realidade numa época,

então a idéia da história do ser é conceber a imposição como um destino. O ser se oculta, desocultando como imposição.

Na época da técnica, ocorre o obnubilamento da verdade do ser, que pensa em termos de valor. O esquecimento técnico do ser tem seu modo próprio de dar-se. Aparentemente, tudo é produto do homem e está a seu serviço. O homem está assim só consigo mesmo e com seu poder, mas reduzido à condição de objeto, pois a onipotência do pensamento técnico tende a expulsar outra forma possível de pensar.

Para Heidegger, a fase em que nos encontramos é do homem como produtor coletivo do pensamento, como planificação e previsão racional do trabalho, da linguagem como intercâmbio de informação e instrumento de manipulação, da arte como puro reduto estético. É um tempo de clausura de horizontes, de extrema penúria e indigência de pensamento. A técnica arranca e desprende da terra cada vez mais os homens. Só temos puras relações técnicas.

Heidegger (1997), estabelece este difícil diagnóstico: “o mundo atual está a caminho da perdição porque, fruto último de uma viciada concepção de desenvolvimento, deixou-se obnubilar pela técnica desumanizadora”.

Destaca-se Maffesoli (2001), quando sustenta que “ao olharmos as histórias humanas e se tivermos confiança no impulso vital, ele pode ser à base de qualquer estruturação individual e social e o desequilíbrio atual pode ser a garantia de um mais-ser em gestação”.

3.3 O Ser Si-Mesmo Cotidiano “A Gente”

Ser-no-mundo como ser-com e ser-si-mesmo: surge o “a gente”. O mundo do ser-aí desvela os entes que não apenas se distinguem inteiramente da totalidade dos “entes-envolventes”³² e das coisas, mas que também – estão no mundo onde, ao mesmo tempo, são

³² Entes – Palavra grega ou latina que hoje traduzimos por entes, não há tradução em português
Entes = as coisas que são agora. Os gregos usavam a palavra *on*, assim como nós falamos objetos. Ente em grego foi o conceito geral para objeto. Precisamos de uma palavra para falar de todas as coisas. Ser é sempre o ser de um ente. Heidegger (1997).

encontrados dentro-do-mundo; entes que são “no” mundo no modo de ser-no-mundo. Estes entes não são jamais meros objetos ou entes-envolventes; ao contrário, são como é o verdadeiro ser-aí que os desvela, são aí-também, e aí-com. O mundo dos ser-aí é um mundo-com. Ser-em é ser-com-outros. O ser-si-mesmo do Dasein (ser-aí) dentro do mundo é ser-aí-com. Como o ser-aí é ser-com, sua compreensão de ser implica, a compreensão dos outros.

Critelli (1981p.25), define esse estado como “a mundaneidade é a característica existencial do viver, e nela se fundamentam as várias maneiras específicas de viver.”

Heidegger parte da vida cotidiana para mostrar os fenômenos ônticos e seus aspectos ontológicos³³.

Ontologicamente, o resultado obtido foi a percepção de que o caráter do sujeito do próprio Dasein e do Dasein dos outros se determina existencialmente a partir de certas formas de ser. Os outros são encontrados como eles são, e são aquilo que eles fazem.

No que se tem empreendido com, para e contra os outros, aparece constantemente o cuidado pela diferença frente aos outros, seja pela preocupação de superar a diferença, seja quando busca alcançar o nível dos outros, seja empenhando-se em mantê-los submetidos quando em posição superior aos outros. Sem que ele perceba, o conviver está vinculado pelo cuidado desta distância. Dito existencialmente, o conviver tem o caráter de distanciamento (de afastamento). Este afastamento que pertence ao ser-com é de tal ordem que o ser-aí no cotidiano ser-com-os-outros encontra-se em submissão aos outros no seu conviver cotidiano. Ele não é ele mesmo: os outros lhe tomaram seu ser.

As possibilidades cotidianas do ser-aí, serão dispostas pelo arbítrio dos outros: porém, os outros não são determinados outros definidos. Pelo contrário, qualquer outro pode ser representante deles. O decisivo é este domínio inadvertido e indiscernível, que o Dasein já assumiu sem dar-se conta - o ser-aí como ser-com. Sendo cada qual igual ao outro, esta forma de conviver dissolve completamente o Dasein próprio no seu modo de ser “dos outros”.

³³ A expressão ôntico designa tudo que existe, a expressão ontológico designa o pensar curioso, espantado, assustado, sobre o fato de que eu existo e de que qualquer coisa exista. (Safranski, 2001 p. 190)

O “a gente” que não é nada determinado e que são todos (porém não como soma deles), prescreve o modo de ser da cotidianidade. O “a gente” tem seus modos próprios de ser, a tendência de estar-com que temos chamado distanciamento se funda no fato de que o conviver procura a mediocridade. Ela é um caráter existencial do “a gente”, por isso o “a gente” se move faticamente na mediocridade do que deve ser, do que se aceita, do que se rechaça, daquilo que se concede ou se nega o êxito.

Tudo que se sobressai cai no silêncio pelo nivelamento. Todo original torna-se banal da manhã à noite, como se fosse há muito tempo conhecido. Tudo que foi trabalhosamente conquistado se torna trivial. Todo o mistério perde sua força. A preocupação com a mediocridade revela uma nova e essencial tendência do Dasein, que chamaremos o nivelamento de todas as possibilidades do ser.

Distanciamento, mediocridade e nivelamento constituem modos de ser do “a gente”, o que conhecemos por “a publicidade”. Ela regula primeiramente toda a interpretação do mundo e do Dasein e tem razão em tudo. Isso não ocorre por uma particular relação do ser com as “coisas”, nem porque ela disponha de uma transparência do Dasein, mas porque é insensível a todas as diferenças de nível e autenticidade. A publicidade obscurece todas as coisas e apresenta o encoberto como algo familiar.

O “a gente” está em toda parte, porém de tal maneira que já sempre escapou de onde a existência precisa tomar uma decisão. Exatamente pela razão do “a gente” apresentar todos os julgamentos e decisões como propriedade sua, ele priva cada ser-aí de sua própria responsabilidade.

O “a gente” pode dar-se ao luxo de que constantemente se recorra a ele e pode responsabilizar-se por tudo com grande facilidade, porque não há ninguém que deva responder por algo. Sempre “tem sido” o “a gente”, sem dúvida pode-se dizer que não foi ninguém. Na cotidianidade do Dasein, a maior parte das coisas são feitas por alguém a quem nós temos que dizer que não foi ninguém. Assim, o “a gente” alivia o Dasein em sua cotidianidade e satisfaz constantemente os requerimentos do Dasein, mantendo seu tenaz domínio. Cada qual é o outro e ninguém é ele mesmo. O “a gente” que responde à pergunta de quem do Dasein cotidiano é o ninguém a que todo Dasein já se entregou.

Distanciamento, mediocridade, uniformidade, publicidade, alívio do ser e adequação formam a imediata “estabilidade” do Dasein. Nestes modos de ser, o si-mesmo do próprio Dasein e o si-mesmo do outro não se encontram e nem se perdem, senão no modo da dependência e da impropriedade.

Esta maneira de ser não significa uma depreciação da faticidade do Dasein, da mesma maneira como o “a gente” não indica um não-ser. Ao contrário: neste modo de ser, o Dasein é um *ens realissimum*, se por “realidade”³⁴ compreendermos um ser que tem um modo de ser do Dasein. Um ser que tem o caráter do ser-aí. Certamente o “a gente”, da mesma maneira que o Dasein em geral não tem o modo de ser do que esta-aí. Quanto mais abertamente se mostra o “a gente” mais inacessível e oculto ele se torna. Porém, isso não quer dizer que ele não seja coisa alguma.

Numa visão ôntico-ontológica imparcial, o “a gente” se revela como o sujeito mais real da cotidianidade. Ainda que ele não seja acessível como o é uma pedra que está-aí, isso não decide acerca do seu modo de ser. Não podemos decretar que o “a gente” não seja nada nem que se deva obedecer à opinião de que o fenômeno não tem interpretação quando o explicamos, por exemplo, como consequência do estar-aí de vários sujeitos reunidos. Pelo contrário, a elaboração dos conceitos de ser deve reger-se por estes fenômenos irrecusáveis.

O “a gente” não é também uma espécie de “sujeito universal”, pairando sobre muitos singulares. A esta concepção, só podemos chegar quando o ser dos “sujeitos” é compreendido de uma maneira que não corresponde ao modo de ser do Dasein, e os sujeitos mesmos são pensados como casos que estão-aí de uma espécie que também estaria-aí. Através desta aproximação, a única possibilidade ontológica que nos resta é a de compreender (como espécie ou gênero) tudo que não é um acontecimento. O “a gente” não é a espécie de cada Dasein, nem se pode encontrá-lo como uma propriedade permanente neste ente.

O “a gente” é um existencial e pertence, como fenômeno originário, à estrutura positiva do Dasein. Ele próprio apresenta várias possibilidades de tornar-se concreto enquanto

³⁴ Para a tradição ocidental “realidade” é um conceito que corresponde a algo objetivado e independente de mim que pode ser mensurado, confirmado, é um termo correspondente a verdade. Para Heidegger “realidade” é o contexto dos significados e das referências com que nos relacionamos (Critelli 1996, p.92)

algo característico do Dasein. A força e a explicitação de seu domínio podem variar historicamente.

O mundo circumundano, em suas características próprias, é um mundo que conduz o homem em suas situações de existência. Um mundo que, caracteriza-se pelo cada ser-aí de uma condição de existência para outra. Nestes termos, o universo do “a gente” é um educador. As escolas, as igrejas, os meios de comunicação de massa, os núcleos de serviço social, os centros de tratamento psiquiátrico são aqueles organismos que o “a gente” reconhece como encarregados “públicos” daquilo que podemos chamar educação em suas especificações. Isso quer significar que o educar encontra seu fundamento no inautêntico.

Ser no modo do “a gente” é apenas um dos modos, embora o mais básico possível para o homem. Heidegger, ao mesmo tempo que apresenta a inautenticidade do modo de ser cotidiano, nos fala também da possibilidade da autenticidade, não como uma extirpação do “a gente”, mas como uma modificação existencial de ser nele, apesar e a partir dele.

O si mesmo do Dasein cotidiano é o *um-mesmo* (a gente mesmo), que nós distinguimos do si-mesmo *próprio*, quer dizer, do *si-mesmo* assumido expressamente. Cada Dasein está disperso no “a gente” e precisa chegar a encontrar-se. Esta dispersão caracteriza o “sujeito” desse modo de ser que chamamos familiar a si mesmo enquanto um-mesmo “a gente”. Isso significa que ele não busca a interpretação imediata do mundo e do estar-no-mundo. O um-mesmo “a gente” (que é aquele por mor do qual o Dasein cotidianamente é) articula o contexto remissional da significatividade. O mundo do Dasein deixa em liberdade o ente que comparece em função de uma totalidade de referências familiares ao “a gente”, e dentro dos limites impostos pela mediocridade deste. O Dasein fático está de imediato no mundo descoberto de modo medíocre. Imediatamente eu não “sou eu”, no sentido do próprio si-mesmo, mas sou os outros na maneira do “a gente”. Imediatamente o Dasein é o “a gente” e em geral permanece como tal. Quando o Dasein abre para si mesmo seu modo próprio de ser, esta descoberta do “mundo” e esta abertura do Dasein sempre conduzem a um apartar dos encobrimentos e obscurecimentos: é como uma quebra das dissimulações com as quais o Dasein se fecha sobre si.

Com a interpretação do ser-com e do ser-si-mesmo no “a gente”, a pergunta do quem é o ser-aí na cotidianidade do ser-com-os-outros está respondida. Estas considerações nos

trazem uma compreensão concreta da constituição fundamental do Dasein. O ser-no-mundo se faz visível em sua cotidianidade e mediocridade. O Dasein cotidiano retira a interpretação pré-ontológica do seu ser, do modo de ser que pertence ao “a gente”. A interpretação ontológica segue, portanto, esta tendência interpretativa e compreende o Dasein desde o mundo, encontrando-o ali adiante como um ente intramundano. Não só isto, a ontologia do Dasein que nos é próxima deixa-se mostrar em termos do “mundo”, também no sentido de ser em função do qual estes “sujeitos” são compreendidos. O fenômeno mesmo do mundo é passado por alto nessa absorção no mundo. Seu lugar é tomado pelos entes que estão aí dentro do mundo: as coisas. O ser do ente que coexiste é concebido como um estar-aí.

Desta forma, ao exhibir-se o fenômeno positivo do modo imediato do estar-aí-no-mundo cotidiano, possibilita-se a penetração nas raízes da falsa interpretação ontológica desta estrutura do ser. Ela mesma é a que imediatamente erra com respeito a si e se encobre a si mesma. Existe ontologicamente um abismo que separa a “mesmidade do si mesmo existindo autenticamente” da identidade do “eu” que se mantém si mesmo através de suas múltiplas experiências. O cotidiano ser-com-os-outros é o modo de ser como os outros, o modo do “ninguém”, da inautenticidade, do “a gente”. Assim, é no espaço da inautenticidade que a educação se desdobra. O ser-com-os-outros cotidiano é o lugar do “público”, onde tudo é para todos indistintamente. Somos como os outros são, fazemos aquilo que se faz, preocupamo-nos com o que “a gente” se preocupa, onde estamos familiarmente habituados ao “afastamento” de nossas próprias responsabilidades e de nosso próprio ser. Esse ser-com-os-outros cotidiano é o lugar do nivelamento ou “uniformidade”, onde tudo é de todos, sempre à mercê do arbítrio do “a gente”.

Se o ser do ser-no-mundo-com-os-outros cotidiano (que parecia acercar-se ontologicamente ao puro estar-aí), é distinto deste, menos ainda poderá conceber-se como um estar-aí o ser do si-próprio. O modo próprio de ser-si-mesmo não consiste num estado excepcional de um sujeito, despreendido do “a gente”, senão que é uma modificação do “a gente”, entendido como um existencial essencial.

Porém o caráter da mesmidade do si-mesmo fica separado por um abismo ontológico da identidade do eu, que se mantém invariável através da multiplicidade das vivências e experiências.

3.4 Decaída e a Condição de Arrojado

A decaída é o confortar-se como “a gente” se comporta, é um tipo de verdade. O “a gente” é o teste de interesse para ser verdadeiro ou não verdadeiro.

Heidegger (1997 p.198), explicita o significado da decaída – A absorção do Dasein nesta decaída é a fuga do Dasein diante de si mesmo. O Dasein é um ser que vira as costas para si mesmo, se desvia de si próprio. Na decaída, o Dasein foge de si mesmo. Esta fuga pode permitir alcançar o ser do Dasein por uma investigação metódica. O pressuposto (que é a própria fuga que não seria possível) é que vai desencadear a abertura.

Há uma distinção entre o fenômeno decaída e o fenômeno do medo. O medo se trata quando alguém teme, é um recuo diante de algo que aparece como temível, do estar-aí ou da coexistência, é o recuo do Dasein de algo que tem um caráter intramundano. Na decaída, o Dasein não só não recua diante do ente intramundano, mas busca o ente intramundano: a cotidianidade.

A decaída e o medo só são possíveis diante do que Heidegger chama de sentidos. Aquilo que tememos não é um ente intramundano, é uma ameaça que parece não provir de nenhum lugar, e mesmo assim nos angustiamos. Na própria angústia, o mundo mesmo nos enfrenta e é apenas por nos depararmos com ele.

Para Rivera (1997, p.209), dizer que nada nos angustia não é algo no mundo: nos angustiamos por algo, não só ante algo. É o estar no mundo enquanto tal, é a condição singular do Dasein que o atormenta. A angústia retira-lhe a cotidianidade do refúgio. É confrontar-se com sua condição de estar-no-mundo pelo seu aspecto de possibilidade.

O Dasein se isola do mundo no sentido de não se confrontar com qualquer ente intramundano, mas se confronta consigo mesmo (isolado, porém imerso no mundo). Estar no

mundo é esta familiaridade que a angústia rouba do Dasein. Perdemos a sensação do mundo como lugar agradável. Nos descobrimos ontológicos, existencialmente condenados a angústia. Não podemos nos livrar desta incômoda sensação.

Fugindo de si, o sujeito busca o conforto da mídia e da publicidade, busca a impessoalidade como conforto. Cada qual é o outro e ninguém é si mesmo. O Dasein já se entregou em estar entre os outros, mas esta negação nunca é completa. Na tese de Heidegger, ante o quê angustia e o porquê da angústia, aparece o conceito de liberdade. Muitas vezes se vê a angústia como confrontação com a liberdade.

Para a metafísica, o conhecimento é resultado de uma separação da insegurança do existir. Para a fenomenologia, é exatamente a aceitação dessa insegurança que permite o conhecimento. Enquanto a metafísica instaura a possibilidade do conhecimento sobre a segurança da precisão metodológica do conceito, a fenomenologia o instaura sobre a angústia. Enquanto a metafísica fala de forma lógica do ser, a fenomenologia fala dos modos infundáveis de ser. Desta maneira, a relatividade não é vista pela fenomenologia como um problema a ser superado, mas como uma condição que os entes têm de se manifestar.

Céu e Terra pertencem-se mutuamente. Todos os elementos da natureza, à medida que aparecem revelados e abrigados nessa pertença, também dela compartilham. No caso do homem, esse modo de pertença em que se cria uma inexorável integração é impossível; a vida humana está em perpétuo deslocamento. Viver como homem é jamais alcançar qualquer fixidez.

Do ponto de vista ontológico (ou seja, das condições em que a vida é dada ao homem), isso quer dizer que habitamos um mundo que nos é inóspito. O mundo não consegue nos abrigar e acolher da mesma maneira como faz com os elementos naturais. Mesmo o mundo artificial criado sobre o mundo natural, para assim podermos morar nele, não oferece garantias de fixação. Ser-no-mundo como homens é habitar esta e nesta inospitalidade.

Heidegger denomina angústia esta experiência de inospitalidade do mundo, do nada em que se desfez ou ocultou o sentido que ser fazia para nós, e da mais plena liberdade em que somos lançados independentemente de nosso próprio arbítrio.

Fundado na angústia, é que se abre para o homem toda sua possibilidade de uma pertença “confiada”. É um viver sem perfeita entrega ou confiança. A experiência humana da vida é, originariamente, a experiência da fluidez constante, da mutabilidade, da inospitabilidade do mundo, da liberdade; a segurança não está em parte alguma. E isto não é uma deficiência do existir como homens, mas sua condição, quase como sua natureza.

Segundo Heidegger (1997), reflexão é a coragem de questionar o axioma de nossas verdades e o âmbito de nossos próprios fins. É o sentido de ser- no-mundo, como homens, cuidando expressamente de habitar o mundo e interagindo com os outros, o que provoca o pensar fenomenológico.

4 Metodologia

4.1 Caminhos Metodológicos - o que é Fenomenologia

Este capítulo busca esclarecer o que é fenomenologia na visão de Martin Heidegger e Merleau-Ponty, explicitando o que é e como se aplica o método fenomenológico no caminho da investigação científica. Posteriormente em que consiste a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger e o círculo hermenêutico deste filósofo juntamente com Hans-Georg Gadamer. De acordo com Souza (2004), a fenomenologia tem se firmado como o mais importante movimento filosófico do século XX, não somente pelas contribuições de filósofos e pensadores como Edmund Husserl, Max Scheler, Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer, Emmanuel Levinas, Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Michel Foucault, Jacques Derrida entre outros, mas pelas influências deste movimento em escolas contemporâneas, tais como o existencialismo, a hermenêutica, o estruturalismo, a teoria crítica e o desconstrucionismo.

A realidade é entendida como cheia de possibilidades, mas é apenas uma e detém consigo todas as possibilidades que se abrem através de uma única porta. Para Barros (1994 p. 88), a realidade é inelutavelmente mutável a cada instante, e cada instante é soberano, senhor de infinitas possibilidades. Existe apenas uma passagem, o “agora”, o único limite, o limiar em que tudo se abre. Ele retrata a realidade como uma prisão de infinitas possibilidades e o agora como sua única porta.

A palavra fenomenologia se compõe de dois termos: fenômeno e logos. Fenômeno deriva do verbo grego *pháinesthai*, que significa manifestar-se, é aquilo que se manifesta em si mesmo: o que aparece e, no seu “aparecimento”, se oferece e se desvenda. Fenômeno é o puro aparecer do que aparece, quer dizer o que se mostra o patente, é dizer aquele em que algo pode fazer-se visível em si mesmo (por ele mesmo) em alemão *na ihm selbst*. Fenomenologia significa discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra por si mesmo. Pela expressão fenômeno deve reter-se o seguinte: o-que-se-mostra-em-si-mesmo.

Fenômenos são então a totalidade do que há na luz do dia ou que pode ser trazido à luz, o que os gregos identificaram pura e simplesmente com os ente.

O ente pode mostrar-se desde si mesmo de diversas maneiras, cada vez segundo a forma de acesso a ele, se inclui a possibilidade de que o ente se mostre como o que ele não é em si mesmo, mas o que está podendo ser no momento. No mostrar-se, este ente “parece”. Tal mostrar-se chamamos de parecer. Exemplo: uma pessoa pode mostra-se fria e distante como ajuste criativo para se auto-protoger, e parecer insensível. Neste caso, o que aparece não reflete o seu verdadeiro self, mas sim um comportamento defensivo de um falso self, ou o self possível.

Assim em grego a expressão fenômeno tem a significação daquilo que aparece, o aparente, a aparência, quer dizer um bem que parece tal – porém em realidade nem sempre é o que pretende ou representa ser.

Logos significa *discurso, palavra*. Discursar significa tornar manifesto aquilo que se fala. O discurso traz aquilo que se fala para fora do seu esconderijo e o torna visível.

O logos é um mostrar, um fazer ver. Ele se manifesta na forma de olhar. Não é individual, exclusivo de um individuo, ainda que seja o individuo concreto quem olha e vê. Seu olhar é composto por todo o referencial das relações significativas do mundo em que habita.

De acordo com Heidegger (1997), manifestar-se pode ser um não mostrar-se, assim manifestar-se não é um mostrar-se no sentido do fenômeno. Sem dúvida, manifestar-se só é possível ao mostrar-se algo. Porém, este mostrar-se com possibilidade de manifestar-se não é

o manifestar-se mesmo. Manifestar-se é anunciar-se por meio de algo que se mostra. Emprega-se então o termo manifestar-se em dois sentidos.

Quando algo se “manifesta”, quer dizer aquilo do qual algo se anuncia, não se mostra. E quando se diz que não é a mesma “manifestação”, a palavra manifestação tem o sentido de mostrar-se. Porém esse mostrar-se pertence essencialmente àquilo em que algo se anuncia. Por conseguinte, os fenômenos não são jamais manifestações, porém toda manifestação está necessitada de fenômeno.

Duas significações:

1- O manifestar-se no sentido do anunciar-se com um mostrar-se. O anunciante mesmo, no seu mostrar denuncia algo que não se mostra.

2- O manifestar-se como termo para o fenômeno em seu sentido autêntico, é dizer como se mostra.

Fenômeno é o mostrar-se em si mesmo. Manifestação e aparência se fundem de diferentes maneiras no fenômeno.

Heidegger (1997) considera que a compreensão da Fenomenologia depende unicamente de apreendê-la como possibilidade. É por isso que a Fenomenologia não deve ser considerada acabada. O seu inacabamento e o contínuo prosseguimento de sua marcha são inevitáveis, pois ela pretende desvendar a razão e o mundo e estes não são um problema, mas constituem um mistério.

“A fenomenologia busca as essências na existência... para ela o mundo está sempre “aí” antes da reflexão, como uma presença inalienável e cujo esforço está em encontrar esse contato ingênuo com o mundo para lhe dar um status filosófico”. (Merleau Ponty, 1971, p.5)

A fenomenologia pode ser entendida, segundo Stein (1996, p.95), como tendo um discurso apofântico³⁵ que deixa ver por si mesmo o que se manifesta. “Neste sentido a fenomenologia se conduz pela base da linguagem, pela base do discurso, pela análise do nível

³⁵ Apofântico – É o como do discurso, a compreensão teórica. O como hermenêutico funda o como apofântico. Heidegger (1997).

lógico semântico”. Ela não pára frente ao paredão da consciência ou do mundo dos conceitos, juízos, percepções, recordações e imagens. Suspende a tese deste mundo e dirige a atenção para a doação originária: deixa aparecer... Ela trata do que se esconde sob o logos, mas que o logos sempre oculta - temos então o elemento hermenêutico.

A fenomenologia não tem um objeto determinado de pesquisa como a biologia e a sociologia. Ela apenas é um método que tem por objetivo o estudo dos fenômenos e diz que estes devem ser tratados de modo descritivo. É uma descrição que mostra a coisa do fenômeno. Que coisa merece o nome de fenômeno em sentido próprio? Trata-se evidentemente de alguma coisa que permanece escondida em relação ao que se manifesta. O que está escondido não é nem este e nem aquele ente e nem qualquer outro que não tenha aparecido, mas simplesmente o ser dos entes³⁶. Assim, a fenomenologia é a indagação do ser que desde sempre está aí no fenômeno dos entes e dos objetos que constituem o mundo. No ser está a coisa da fenomenologia. O fenômeno-ente que constitui o ponto de partida para a indagação do ser é o homem-no-mundo. O homem é o fenômeno do ser, seu anunciador e intérprete³⁷. A fenomenologia mostra-se *hermenêutica* ou *analítica da existência*. Sua tarefa consiste em analisar a existência no ser.

A existência é uma abertura à percepção e compreensão e como ela se apresenta. Tal abertura é a condição a liberdade humana, pois é ela que proporciona a amplitude das possibilidades de escolha, no decorrer da existência.

A compreensão existencialista³⁸ do ser conota um movimento de *transcendência*. Isso significa que o fim para o qual o homem vai está no mundo. A transcendência pode ser definida como um estar-no-mundo³⁹. O mundo pode então ser entendido como projeto das possíveis atitudes e ações do homem.

³⁶ Ser dos entes – O ser é aquilo que determina o ente. Ser de um ente. O sentido do ser é mais abrangente do que o ser de um certo ente. A palavra ser, tem o sentido de = existe = identidade = cópula = essência. Heidegger (1997).

³⁷ Interpretação: Em alemão, Auslegung - Significa exposição, explicitação, explicação do compreender. Heidegger (1997).

³⁸ Compreender: Em alemão, Verstehen – esta palavra como explica Heidegger não tem o sentido que habitualmente lhe damos, não significa um ato intelectual pelo qual captamos uma significação ou sentido de uma coisa complexa. Compreender aqui é um ato que se identifica com o ser mesmo do Dasein, é um saber de si mesmo, é experimentar o próprio ser como possibilidade existencial. Heidegger (1997).

³⁹ Estar no Mundo – não significa estar colocado dentro do espaço universal, estar-no-mundo é dizer habitar no mundo. Heidegger (1997).

No projeto do mundo, o homem se compreende como liberdade, por isso o mundo representa sua transcendência. Só a liberdade pode conseguir que o homem exista e se realize no mundo. O homem consiste na abertura do possível. Sua existência é procura e encontro. A experiência (do sensível ao espiritual) mostra como somos seres percorrendo um caminho estreito que se perde na procura. De acordo com Stein (1996), o pouco do vinho encontrado nos faz cálices sedentos de mais procura, e o que nos direciona para a procura é o pensamento. Na experiência humana, o pensamento se mostra como poder de procura e poder de estar junto ao que encontra.

No desejo de querer explicar a realidade e na errância de objetivar e/ou subjetivar tudo, no esforço de decidir o certo e o errado, na luta por assegurar, em esquemas de segurança, o chão em que vivemos e o mundo que construímos, será que já não perdemos o interesse pela realidade?

A realidade é compreendida numa perspectiva “historial” e, assim sendo, ao escolher tenho, por suporte, um conhecimento que se encontra relacionado ao que já aconteceu e está acontecendo, mas, também, à imprevisibilidade do que poderá vir a acontecer. Mesmo chegando a acordos intersubjetivos para o estabelecimento da verdade, o ser humano não chega a ter a certeza de conhecer verdadeiramente a realidade ou de ter feito a melhor escolha, assim como não tem a garantia de concretizá-la conforme projetou.

(Forghieri, 1993 p.48).

Para Heidegger (1997), a fenomenologia não está à procura de nenhuma verdade *a priori*. O ser está no *como* os entes aparecem, e esta aparência nada tem a ver com a tangibilidade das coisas. O ser só pode ser apanhado no âmbito da existência.

Ser e existência coincidem. Tudo o que aparece para o homem, aparece-lhe através de sua condição de ser-no-mundo. O homem não se percebe como algo fora de si mesmo, mas através de si mesmo, porque é ele quem realiza o ser. Ser, para o homem, é a sua possibilidade desde seu nascer até seu morrer. Por maiores que sejam as suas conquistas para melhorar sua condição de vida, o homem não conseguirá vencer a sua condição básica de ser finito, de ter de se defrontar com a morte.

Através de sua própria possibilidade, o homem reconhece três aspectos: o ser como sua *propriedade*: não cuidar do ser é deixar de ser como homem; o ser como *facticidade*: ele

não escolhe sua condição de humanidade, ele é lançado, não escolhe onde, em que lugar e tempo; o ser como *projeção*: ser é vir-a-ser, e o seu fim é dado pelo horizonte do morrer.

Ser é uma possibilidade existencial. O destinar-se é o que é buscado pela fenomenologia existencial. O destinar-se do ser pode ser entendido como o sentido do ser.

Ser aparece para o homem como sentido de seu próprio ser-no-mundo.

4.2 Método Fenomenológico

Dando continuidade ao proposto como caminhos metodológicos para este trabalho, procura-se descrever método fenomenológico, fundamentado basicamente em Heidegger e Merleau-Ponty. A fenomenologia é um método que ensina a ir em direção às próprias coisas. Com isso, ela pretende ser ontologia, porque indica um movimento para a coisa, um ultrapassar da consciência para a transcendência da coisa. A lógica deixa ouvir nas categorias a ordem do pensamento. A fenomenologia deixa ouvir a ordem das próprias coisas.

A expressão “fenomenologia” significa primeiramente uma concepção metodológica: não caracteriza o porquê, mas o como dos objetos.

Quanto mais genuinamente opere uma concepção metodológica e, quanto mais amplamente determine o curso (andamento) fundamental de uma ciência, tanto mais originariamente estará arraigada na confrontação com as coisas mesmas, e mais se distanciará do que chamamos uma manipulação técnica, como as que aparecem inclusive nas disciplinas teóricas.

O termo fenomenologia expressa uma máxima que pode ser formulada assim “pelas coisas mesmo”. Efetivamente se trata de “algo óbvio” e esta coisa óbvia queremos ver de perto. A fenomenologia seria a ciência dos fenômenos.

Recordando o que foi escrito no início deste capítulo, a expressão fenomenologia consta de duas partes: fenômeno e logos.

Logos para Heidegger (1997) significa fundamentalmente fazer ver mediante a linguagem, assim *logos* é um mostrar. O *logos* é um fazer ver, por isso pode ser verdadeiro ou falso. No sentido grego, o *logos* é a simples percepção de algo. Esta percepção só é possível por ela e para ela e neste sentido a percepção é sempre verdadeira. O que está ali é fundamento de toda a possível interpretação e discussão.

Ainda para Heidegger (1997), fazer ver desde si mesmo aquilo que se mostra e fazer ver tal como se mostra desde si mesmo é o sentido formal da investigação que se autodenomina fenomenologia. Ciência dos fenômenos quer dizer: um modo tal de captar os objetos que tudo o que se discuta acerca deles deve ser tratado com clara expressão do que aparece (evidenciação) e se justifica (legitimação).

O caráter da descrição no sentido específico de *logos*, só poderá fixar-se a partir da coisa que deve ser “descrita” e determinada cientificamente no modo de comparecer próprio dos fenômenos. Fenomenologia seria todo o demonstrar do *ente* tal como se mostra em si mesmo.

Os modos como podem estar encobertos os fenômenos são múltiplos. Em primeiro lugar, um fenômeno pode estar encoberto no sentido de que ainda não foi descoberto, e isso quer dizer; alguma vez esteve descoberto e voltou a cair no encobrimento. Este encobrimento pode chegar a ser total, porém regularmente ocorre que o que antes esteve descoberto continua visível, ainda que só em aparência. Este encobrimento é uma dissimulação, o que é mais perigoso, porque há possibilidade de engano (exemplo: uma pessoa que diz coisas bonitas, mas expressa no tom de voz, nos gestos, uma dissimulação). O encobrimento tem dupla possibilidade, mesmo o encobrimento como dissimulação ou ocultamento. Há encobrimientos fortuitos e necessários. Pelo modo como está descoberto o descoberto, se está descoberto na linguagem, não há garantia de que, ao ler e compreender, reproduziremos o ato descobridor originário. Neste caso, o encobrimento é uma possibilidade necessária e não uma possibilidade fortuita.

O ponto de partida da análise, o acesso ao fenômeno e o penetrar através dos encobrimentos dominantes requerem uma particular precaução metodológica. Descrever fenomenologicamente o “mundo” significa mostrar em conceitos categoriais o ser do *ente* que *está ai dentro do mundo*.

Segundo Merleau-Ponty (1994) a investigação fenomenológica caracteriza-se por um inevitável inacabamento. Este inacabamento não é um defeito, como podem pensar os positivistas de todos os matizes; ao contrário, realiza a vontade expressa de buscar o sentido do fenômeno, do mundo, da história e da existência em estado nascente. A fenomenologia representa a possibilidade de um conhecimento que avança ciente de que a realidade não se dá em seu “ser puro”.

Em que consiste a metodologia do discurso fenomenológico? Merleau-Ponty (1996) repõe num único movimento dois elementos indissociáveis: a essência na existência. No primeiro momento, Merleau-Ponty afirma que a fenomenologia é o estudo das essências, essência da percepção, essência da consciência. Assim, a fenomenologia é:

1. o estudo das essências.
2. todos os problemas vistos fenomenologicamente voltam a definir as essências.
3. uma fenomenologia que repõe as essências na existência.
4. uma filosofia que só compreende o homem e o mundo a partir da sua faticidade.

As essências não são conceitos mentais. A busca das essências é completada graças à intencionalidade que possibilita a descrição da experiência de vida, elas se manifestam como relações orgânicas, redes do vivido, projeções ou idealidades⁴⁰ da faticidade, e não como entidades ideais ou conceitos abstratos, vazios e sem o preenchimento da intuição. É a faticidade do conviver o estar-uns-com-os-outros. O verdadeiro objeto da fenomenologia não é a essência, mas a essência que se mostra na existência estreitamente ligada ao mundo. Isso é, tem necessidade do campo da idealidade para reconhecer e conquistar a faticidade da existência do homem e do mundo.

⁴⁰ Idealidades – articulações de idéias e coisas. Merleau-Ponty (1996).

Para Heidegger (1997), faticidade indica que a “disposição” é como um existencial da constituição do “aí” do “ser-aí”. É o estar lançado no mundo com os outros, é o ser entregue à responsabilidade. É um caráter ontológico do ser-aí assumido na existência, embora desde o início reprimido. Compreende-se porque o “mundo”, a “consciência”, o “homem”, antes de serem significações, e significações tardias porque resultantes da reflexão ou do conhecimento científico, são o que são.

A faticidade que a fenomenologia de Merleau-Ponty (1994) procura é a experiência e a consciência de nós mesmos, antes de ser objetivada pelas significações da linguagem científica. Um pensamento que assim se conduz só pode pensar as essências na existência, e buscar o conhecimento do homem e do mundo a partir da faticidade, isto é, um constante movimento dialético entre a reflexão e o irrefletido.

Não se faz fenomenologia simplesmente citando passagens de textos de fenomenólogos ou usando indiscriminadamente suas categorias. Não é nos textos, mas em nós mesmos que encontramos “a unidade da fenomenologia” e seu “verdadeiro sentido”. O que o fenomenólogo deve fazer é “descrever” e não explicar nem analisar.

A ciência é construída sobre o mundo vivido. Ela só pode ser vista enquanto expressão segunda, enquanto resultado da experiência no mundo. O homem não é apenas um ser da Sociologia, da Psicologia, da História que lhe atribuem valores e significados. Ele também não é seus antecedentes, seu meio físico e social: ele é a união de tudo isso, a fonte vivente, uma consciência com os caracteres que o sustentam.

As relações entre sujeito e o mundo são rigorosamente bilaterais, não surgem da análise reflexiva como pensava Descartes(1596-1650), que funda o mundo no cogito, nem surge da explicação científica como em Emmanuel Kant (1724 – 1804) filósofo alemão, que busca no sujeito as condições de possibilidade do conhecimento objetivo. O mundo está aí, antes de qualquer análise que qualquer um possa fazer dele.

A atividade descrita nos leva naturalmente ao problema da reprodução fenomenológica vista por Merleau-Ponty (1994). O vivido exige um novo modo de entender o processo da redução, processo no qual a descrição tem anterioridade. O outro e o eu são um só mundo no conhecimento anterior à reflexão. A relação paradoxal entre o eu e o outro

(demonstrado no estudo da percepção e do corpo⁴¹) precisa ser resolvida, sem reduzir a existência ou a do outro à consciência do existir.

Para Merleau-Ponty (1994), o mundo precisa ser compreendido como paradoxal, por isso a redução é a impossibilidade de uma redução completa. O fenomenólogo sabe que, devido ao caráter paradoxal dialético e de permanente devir da realidade, ele como cientista é um principiante perpétuo. A descrição perspectiva é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam.

A descrição fenomenológica não busca as experiências pessoais, como as ciências em geral. Seu ponto de partida nunca é subjetivo, mas a intersubjetividade. Descrição, redução e reflexão constituem a armação essencial do método fenomenológico. Finalmente deve-se reafirmar que não existe um, mas diversos métodos fenomenológicos.

Habitualmente é entendido por método um procedimento canônico, do tipo da seqüência: problemas e hipóteses, definição e variáveis, teoria explicativa, manipulação e medidas; tratamento estatístico. Tal procedimento não constitui o modo de investigação fenomenológica.

A fenomenologia se ocupa do *como* da investigação daquilo que se mostra por si mesmo, envolve “ir à coisa mesma” para a qual é necessário exercitar-se. Assim situar um fenômeno num horizonte, consiste na tentativa deste exercício. Entretanto, como a própria investigação fenomenológica no seu interrogar já constitui-se uma preocupação permanente, como fazer para interrogar-se metodologicamente? A proposta para o interrogar-se a partir dos estudos feitos na formação como Gestalt-terapeuta foi:

1. **O que é** – Representa a maneira significativa de ver, compreender e interpretar, implicitamente assumida por quem pergunta. Aponta também na direção da região ou horizonte de onde se espera que surja a resposta.

⁴¹ Corpo – A nova abordagem do corpo, em oposição às psicologias empíricas, que consideravam o corpo como um mosaico de seqüências causais independentes, Merleau-Ponty apresenta a visão fenomenológica do corpo, afirmando-o como fenômeno. Pelo corpo fenomenal compreendemos o mundo em que vivemos e nos compreendemos como seres existenciais, como seres em compromisso e convivência com as coisas e os outros. O corpo é, pois um fenômeno, é uma unidade de significação, manifesta-se de maneira imediata e direta, não acabada, numa relação de engajamento com o mundo, formando ambos uma Estrutura ou Forma. Esta Estrutura implica que o corpo não esteja apenas junto ao eu, mas que o eu seja este corpo, numa vivência engajada de corpo e consciência. Corpo como Forma é a influência da psicologia da gestalt em Merleau-Ponty (1996).

2. **Isto** – Isto é algo presente no foco do horizonte. Esta tese traz a indagação: o que é isto? Um comportamento reflexo? Um resultante da cultura do homem? Uma condição da existência? Uma influência dos meios de comunicação? Um condicionamento?
3. **Representação ou símbolo** – É o que articula os dois componentes anteriores. Uma figura desenhada, uma palavra escrita ou falada comportam corporeidade e idealidade, isto é, articulam idéias e coisas.

Do exercício da pergunta dependerá o rumo a ser seguido na trajetória de explicitação desencadeada à procura de novos significados.

A trajetória de explicitação significativa não é um caminho suave, nem contínuo. Envolve passar de um nível para outro com o pensamento, sem segurança ou certeza da chegada a uma meta predeterminada, mas apenas uma tentativa. Isto evoca o sentido que a palavra grega *methodos* originalmente expressa.

Ninguém contesta o fato de controlar os preconceitos do nosso próprio presente a ponto de não interpretarmos mal os testemunhos do passado, é um objetivo válido, mas obviamente que este controle não realiza plenamente a tarefa de compreender o passado e suas transições. Os preconceitos não são forçosamente injustificados e errados, afim de distorcerem inevitavelmente a verdade. Na realidade, a historicidade da nossa existência implica que os preconceitos, na acepção literal do termo, constituam a orientação inicial de toda a nossa capacidade de sentir. Os preconceitos são orientações da nossa abertura em relação ao mundo.

A natureza da experiência hermenêutica não reside no fato de algo ser exterior e pretender a admissão, pelo contrário, somos dominados por algo e precisamente através dele despertamos para o novo, o diferente.”

(Bleicher, 1980 pp. 185-188)

No Anexo C, ao descrever a origem mítico-etimológica da Hermenêutica, pretende-se através de Hermes representar o movimento, a passagem, as transições. Nada é estático no mundo dos homens. Este mundo de devir deixa uma história que embora traduza valores de um momento vivido, só se obterá compreensão após algum tempo e ainda sem esquecer que o olhar será o momento cultural em que estamos vivendo. No próximo item, inicia-se a descrição da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger.

4.3 A Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger

A teoria hermenêutica de Heidegger (1997) é chamada por ele de fenomenologia hermenêutica. Ela descreve o ser humano como ser-no-mundo que desde sempre já se compreende no mundo, mas só se compreende a si mesmo no mundo porque já antecipou sempre uma compreensão do ser, sendo a compreensão uma totalidade.

Antes de Heidegger, a hermenêutica era entendida como o compreender textos. Para ele, o compreender trouxe a possibilidade de compreensão do mundo que é a própria transcendência. Este mundo ao mesmo tempo é nossa projeção, o que ele chamou de estrutura da circularidade: na medida em que já sempre somos mundo, ao mesmo tempo projetamos mundo.

A expressão “hermenêutica” se deriva, diz Heidegger, do verbo grego *hermeneuein*. Este se liga ao substantivo *hermeneus*. O substantivo pode ser juntado, através de um jogo mental, com o nome do deus Hermes. Hermes é o mensageiro dos deuses. Cabe a ele trazer a mensagem do destino, originariamente o termo grego situa-se num contexto religioso, com o sentido de proclamação derivado do nome de Hermes, o mensageiro dos deuses, a quem se atribuía a inversão da linguagem.

Hermeneusen é aquela exposição que comunica à medida que tem possibilidades de escutar uma mensagem. O hermenêutico não é primeiramente a explicação, mas antes disso, ele já traz uma mensagem e a comunicação. Segundo Heidegger (1997), trata-se de levar o ser do ente a se manifestar - é claro que não ao modo da metafísica - mas de tal maneira que o próprio ser se manifeste como fenômeno.

A origem etimológica da palavra hermenêutica pode apresentar vários sentidos afins: exprimir, proclamar, interpretar, traduzir. Todos eles se polarizam em torno do significado fundamental de “induzir à compreensão”, de “fazer compreender” algo por meio das palavras, de transferir o sentido da expressão de uma língua para outra.

No mito de Hermes, ele era a forma divina de nomear a linguagem. Hermes, deus da linguagem, como na hermenêutica, a linguagem, além de ser condição e caminho, é instauradora de sentido, mais que uma simples possibilidade descritiva das coisas.

Hermes transmitia as mensagens dos deuses aos mortais. Ele não só as anunciava, mas agia também como “intérprete”, tornando as palavras inteligíveis e significativas. A hermenêutica tem duas tarefas: determinar o conteúdo do significado exato de uma palavra, frase, texto e descobrir as instruções contidas em formas simbólicas.

A possibilidade de Hermes de não dizer a “verdade por inteiro” é um componente fundamental da hermenêutica. É impossível saber o que é a verdade, o deus Hermes já apontara a impossibilidade de identificar a certeza com a verdade e a impossibilidade de expressá-la por inteiro, ou seja, como um acontecimento sempre parcial da totalidade.

Segundo Heidegger (1997), método fenomenológico é um método pelo qual devemos dar sempre conta de dois aspectos da investigação: o aspecto da singularidade que é a primeira parte da palavra, e o aspecto da universalidade que é o aspecto do logos, da logia. Então fenomenologia já contém esta idéia de uma espécie de análise constante dos aspectos da singularidade e da universalidade. Enquanto logia, a fenomenologia trata do logos, do discurso, da manifestação. Por isso, a fenomenologia se conduz pela base da linguagem, pela base do discurso, pela análise do nível lógico-semântico. Fenomenologia trata do fenômeno, o método fenomenológico trata daquilo que se esconde sob o logos, que é a singularidade que tenta se expressar no logos, mas que o logos sempre oculta - é o elemento hermenêutico.

Na fenomenologia já está sempre presente a compreensão enquanto um elemento lógico da comunicação, e a compreensão enquanto um elemento fundante do processo do discurso que chamava o compreender no segundo sentido.

A compreensão do ser em Heidegger nada mais é do que a compreensão do sentido do ser, isto é, a compreensão da totalidade não é mais a de um ser determinado: é a compreensão do ser enquanto compreensão do que é.

Não podemos compreender nada sem compreender a totalidade, enquanto compreendemos a totalidade, nos compreendemos. Nós temos o sentido da própria existência. Por isso diz Heidegger, que o homem se compreende enquanto compreende o ser. Compreende o ser quando se compreende a si mesmo. Há uma circularidade. Quer dizer, o compreender-se a si mesmo, seria o universo apofântico, e o compreender do ser, seria o universo hermenêutico.

(Stein 1996 p.57)

A partir desta compreensão, Heidegger define o que é compreender. A compreensão desta totalidade implica em dar-se conta de que o compreender (que sempre parecia ser apenas uma alteração da mente) é constitutivo da própria condição humana. Portanto, ser humano é compreender. Ele só se faz pela compreensão, ele só se dá pela compreensão.

Compreender é o existencial do próprio poder-ser do Dasein, de tal maneira que, em si mesmo, esse ser se abre e revela seu próprio ser. O Dasein compreende-se sempre a partir de suas possibilidades. O Dasein nunca é mais do que de fato é, porque faz essencialmente parte de sua faticidade o poder-ser. Por outro lado o Dasein, enquanto ser possível, nunca é menos, isto é, aquilo que ele, em seu poder-ser, ainda não é, ele o é existencialmente.

O Dasein, enquanto compreender, projeta seu ser para possibilidades. Isso significa também um poder-ser. O projetar-se do compreender para Heidegger tem a possibilidade própria de se aperfeiçoar. Esse aperfeiçoamento do compreender denomina-se “interpretação”. Nesta, a compreensão se apropria daquilo que compreende. A interpretação não é a tomada de consciência do compreendido, mas a elaboração das possibilidades projetadas no compreender.

Por isso Heidegger (1997, p.168) afirma: "Compreender é o existencial do próprio poder-ser, do ser-aí. De tal maneira que este ser revela, em si mesmo o lugar em que ele se dá. Portanto, compreender é um existencial". Ele diz que o compreender é uma estrutura do Dasein, é uma estrutura do ser-aí, é uma estrutura do homem, e que é preciso entender a estrutura do compreender. Existencial é uma categoria pela qual o homem se constitui. O homem tem muitos existenciais, a faticidade, a possibilidade, a compreensão são alguns desses existenciais.

Heidegger põe na estrutura do compreender essa questão do poder ser, de tal maneira que o poder-ser para Heidegger é ao mesmo tempo interpretação. Na medida em que o compreender se explica, ele é interpretado de tal maneira que o interpretar é o expor, é o desdobrar das próprias possibilidades. Nesse sentido, Heidegger irá dizer que o homem é um ser para possibilidades.

Antes, a hermenêutica era a compreensão de textos. Compreender determinados universos culturais era no fundo um interpretar que tratava de objetos. Após Heidegger o compreender se constitui como totalidade, porque é um compreender no mundo, não de um mundo como um continente de conteúdos, mas de um mundo que é a própria transcendência. Este mundo ao mesmo tempo somos nós e projetamos sobre tudo o que deve se dar. Assim vai se formar a chamada estrutura da circularidade, isto quer dizer, na medida em que já sempre somos mundo, ao mesmo tempo projetamos mundo. Estamos envolvidos com os objetos do mundo e descrevemos o mundo no qual se dão os objetos.

Por isso, para Heidegger nunca se dá uma compreensão pura; sempre se dá uma compreensão ligada às condições e ao modo de ser-no-mundo. Não há compreensão do homem na linguagem, sem compreensão do ser, ou compreensão da totalidade. Compreender plenamente algo não é pleno, porque lidamos com uma carga histórica que nos limita. Somos limitados por uma história que está atrás de nós.

Stein (1996) referindo-se a Heidegger, escreve que nossa limitação do compreender nos remete a uma história da qual não conseguimos acompanhar nem como indivíduos, nem como grupos. Sempre chegamos tarde, só depois de sermos fato concreto determinado pela história, pela cultura. Só a partir daí é que compreendemos, logo nosso compreender nunca é transparência.

Se na linguagem descobrimos o vetor universal de racionalidade, nela podemos também distinguir tipos de expressão desta racionalidade como, por exemplo, a formal-discursiva e a hermenêutica. No universo das ciências humanas, existem múltiplas ciências que utilizam a interpretação ou a hermenêutica como instrumento de justificação e, portanto, como um instrumento de racionalidade. O importante é descobrir onde a filosofia pode usar a hermenêutica, onde a ciência pode utilizar a hermenêutica para dar conta de sua racionalidade. A filosofia fala do mundo, as ciências falam de dentro do próprio mundo, elas se movimentam falando de objetos dentro do mundo. Quem fala sobre o mundo trata de algo que não se limita e sempre que alguém fala de algo dentro do mundo fala de algo que se limita.

Heidegger (1997) irá designar duas modalidades. O como hermenêutico: é o como do mundo prático, em que nós já sempre compreendemos as coisas, e o como apofântico, que é o como do discurso. Há sempre no homem uma ambigüidade fundamental, e por isso é que

estamos condenados à hermenêutica. Tanto na palavra sentido, como na palavra significado, está implícita a idéia da linguagem como um todo. Se precisamos do sentido e do significado para conhecer, isso significa que precisamos da linguagem para poder conhecer.

Todo o saber se dá através da linguagem. O ser humano, desde sempre, falou dentro de uma história determinada. Ele sempre aparece dentro de uma determinada cultura, dentro de uma determinada história, dentro de um determinado contexto. Não há compreensão do homem na linguagem sem compreensão do ser ou da totalidade.

Esse processo hermenêutico é o processo no qual nos damos conta de que só sobrevivemos objetificando coisas pelo compreender e falando destas coisas através da linguagem no nível lógico-semântico. Ao mesmo tempo, este nível tem uma base hermenêutica, uma base fática, pois somos um-ser-no-mundo e não apenas descrevemos coisas no mundo. Heidegger chamará esta hermenêutica de hermenêutica da faticidade. A fenomenologia hermenêutica de Heidegger segue a correspondência entre a vida e o conhecimento do próprio indivíduo. Ele afirma que a vida só é basicamente acessível no Dasein. A ontologia do Dasein conduz à ciência da interpretação daquilo que é a “hermenêutica” do Dasein. Como o Dasein se caracteriza pela sua compreensão do ser, o sentido do ser só pode ser interpretado a partir desta compreensão prévia.

Heidegger suscita a questão da possibilidade da compreensão em geral, respondendo que se pode verificar qualquer aquisição de conhecimento seguindo apenas os ditames do “circulo hermenêutico” que começa com a antecipação projetante do sentido e prossegue com a articulação dialógico-dialética de sujeito e objeto.

4.4 Método Hermenêutico como Caminho da Investigação Científica.

Quando na moderna investigação sobre o comportamento, o investigador descobre estruturas que determinam também seu próprio

comportamento de uma maneira herdada pela história de seu próprio grupo humano, quem sabe não aprenderá também algo sobre si mesmo, porém precisamente porque está se olhando com olhos distintos dos que olha com sua práxis e autoconsciência.

(Gadamer, 1984 p.643)

A idéia de método tem um sentido diferente em hermenêutica. No método hermenêutico a relação entre sujeito e objeto baseia-se na circularidade. Existe um compromisso entre sujeito e objeto no universo hermenêutico: mostrar que a relação sujeito e objeto tem um fundamento que acompanha o ser-no-mundo.

Só falamos sobre a linguagem de dentro da linguagem. Esta é a questão central da hermenêutica, porque o sentido aparece na forma de estrutura da linguagem. A palavra sentido é uma espécie de código fundamental da hermenêutica. No momento em que perguntamos pelo sentido da estrutura, perguntamos por algo sobre o mundo, e não algo no mundo. A filosofia trata do mundo nas estruturas, a ciência das estruturas no mundo. Para Gadamer (1984 p.326), “A compreensão é o modo de ser do estar aí enquanto que este poder ser é possibilidades, compreender é um caráter ôntico, original da vida humana mesma. Compreensão é um compreender-se”.

O compreender não existiria se não compreendesse o contexto. Essa é a grande questão: pensar as condições de possibilidade de uma relação entre sujeito e objeto, na qual sujeito e objeto não se separam inteiramente. Compreender significa uma qualidade para comunicar, dizendo algo compreensível e compreendendo aquilo que é dito. É um modo de existir.

Este é o lado da comunicação que é produzida pelo discurso. Mas se não houvesse uma comunicação anterior a esse discurso, não haveria comunicação possível pela linguagem, que só aparece quando se produz a comunicação pela linguagem.

Existem dois modos de compreender: o compreender de uma proposição e o compreender anterior que é já sempre o saber como se está no mundo: é a posse prévia do sentido. Heidegger (1997) cita o logos da compreensão da linguagem que se comunica (logos apofântico) e o logos no qual se dá o sentido que sustenta a linguagem, compreender enquanto somos um modo de compreender, (logos hermenêutico).

A hermenêutica teve como novidade abrir o mundo onde se dá uma compreensão que não se reduz ao universo lógico-semântico, mas que não o dispensa. Podemos utilizar a lógica e a semântica para compreender melhor o que ocorre no universo da hermenêutica. No entanto, sempre que utilizamos o discurso no nível lógico-semântico, estamos pressupondo algo mais profundo, visto que ela estuda a estrutura do sentido. Se invertermos os termos e estudarmos o sentido da estrutura, perguntamos: por que o sentido só aparece na estrutura? Por que o sentido humano toma formas estruturais?

Desde sempre entramos num universo que tem sentido. O sentido é algo no qual nós nos movemos, que em boa parte já nos é dado. Não sabemos, no entanto, qual é a verdade deste universo. Há coisas dizíveis, mas não verdadeiras. A hermenêutica conquista um espaço do discurso humano que não é mais comparado com algo; a hermenêutica representa o desenvolvimento, a ponta da tradição humanista. Ela começa a criação de metáforas postas a partir do universo humano. O ser humano sendo o mínimo do máximo não era Deus e sendo o máximo do mínimo não era só natureza biológica, portanto o mínimo do máximo e o máximo do mínimo são uma espécie de reino do meio.

A hermenêutica é esta incômoda verdade que se assenta entre as duas cadeiras, quer dizer, não é nem uma verdade empírica, nem uma verdade absoluta - é uma verdade que se estabelece dentro das condições humanas do discurso e da linguagem. De acordo com Gadamer (1984, p. 538), “A verdade que nos conta a ciência é por sua vez relativa a um determinado comportamento frente ao mundo e não pode por isso pretender ser tudo”.

Estabelecer a racionalidade de uma verdade e de um discurso que não pode ser provado nem empiricamente, nem através de um fundamento último - esta é a tarefa da hermenêutica. É aquilo que se dá na fluidez da própria história, da própria cultura.

Heidegger (1997), mostra em Ser e Tempo como o cientista de modo algum está livre de sua condição de ser-no-mundo. Não saberemos compreender se já não tivermos um certo modo de compreender o nosso modo de ser-no-mundo. Heidegger diz que, para entendermos a nós mesmos, temos que entender os outros. A interpretação acrítica é aquela em que alguém observa um fato histórico determinado e o interpreta na linguagem popular, sem nenhum instrumento. Essa é a interpretação que fazemos todos os dias. Segundo Gadamer (1984, p.467), “todo o compreender é interpretar, e toda interpretação se desenvolve em meio a uma

linguagem que pretende deixar falar ao objeto e ao mesmo tempo a linguagem própria de seu intérprete”.

Quando usamos os instrumentos disponíveis, fazemos uma interpretação metódico-sistemática que é o campo das ciências propriamente humanas. A interpretação pode ser produto da inveja, do ciúme, do rancor, do ressentimento, da má-fé, de preconceitos étnicos, de experiências negativas. O sentido é garantido pelo próprio processo do pensamento humano.

A metáfora predominante nos anos vinte do século passado é a da construção do sentido. Esta construção se contrapõe a uma desconstrução que consiste em olhar para elementos que permitam o aparecimento de determinadas situações concretas na cultura humana. A reconstrução passou a ser usada então em lugar de interpretação; isto é reconstruir através de processos interpretativos o texto e dar-lhe uma forma contemporânea. Investigação hermenêutica vem a ser uma espécie de lugar que cada investigador atinge, a partir dela, poder fazer uma avaliação do campo temático.

Falamos da consciência histórica, mas essa consciência histórica é propriamente a consciência crítica. É aquela que não está inteiramente de acordo com o seu tempo, cuja situação hermenêutica nunca está parada. É uma consciência que procura dar conta das mudanças e saber que essas mudanças são produzidas em boa parte pelas circunstâncias presentes, que essas mudanças são entravadas por circunstâncias históricas passadas e muitas vezes entravadas por causa dos falsos projetos.

Nas ciências humanas, pela visão hermenêutica, as etapas vão se transformando. Aquele fato produziu outros fatos, influenciou pesquisadores, grupos, pessoas e sempre haverá uma relação a ser estabelecida com o que ocorreu na história. Podemos fazer uma interpretação do ponto de vista histórico se quisermos localizar algo dentro de um contexto histórico determinado que também é tema.

De acordo com Stein (1996), não há grau zero no início da investigação. Já sempre estamos confrontados como indivíduos situados historicamente dentro de uma determinada cultura, de uma determinada corrente. Assim procuramos autores também situados em suas tendências. Isto faz parte do desenvolvimento da própria situação hermenêutica.

Ainda segundo Stein, há três caminhos fundamentais para investigação na área de ciências humanas:

1° Método hermenêutico enquanto história das idéias. A partir de uma rede de conceitos, consegue-se desenvolver uma compreensão melhor do objeto, portanto, uma espécie de história conceitual. É importante reconhecer que a informação sobre tudo que é possível no contexto da história das idéias é extremamente limitada.

Sem que se assimile um discurso determinado, um material lingüístico importante, fica prejudicada a análise do objeto.

2° Aspecto do método é o conhecimento da tradição epistemológica. É a análise do contexto da descoberta e do contexto da justificação.

3° Aspecto do método é o caminho da especulação. Este movimento se distingue de todas as pretensões lógico-analíticas. Muitas vezes os textos das ciências humanas são mais ensaios que teses. Métodos e não-métodos se misturam criativamente em textos de ciências humanas. Isso acontece como uma forma de dar conta da complexidade dos fatos sociais.

A situação hermenêutica é a consciência de que o investigador na área de humanas está pré-vinculado ao seu objeto. O desenvolvimento de suas análises depende da sua capacidade de autocontrole, do método que utiliza, dos procedimentos de avanço no reconhecimento do seu comportamento e do objeto da investigação. Situação hermenêutica impõe como consequência a consciência de que todo trabalho científico é um caminho de investigação.

O caminho da investigação vai guiar a aproximação dos textos, representa a consciência do estudioso do caminho daquilo que tem como projeto de pesquisar. Esses passos podem ser descritos em três posturas, ainda de acordo com Stein:

1° Podemos transpor a linguagem do autor para nossa própria linguagem.

2° Podemos partilhar o próprio sistema lingüístico. Quando, no texto do autor, aparecem determinados termos que até então escapavam ao leitor na análise sistemática do objeto, incorporamos esses elementos novos ao texto que lemos.

3° Podemos abandonar termos já introduzidos no nosso trabalho sistemático quando surgir uma contradição entre a terminologia do autor em questão e a nossa terminologia. Isto se o modo como o autor fala e analisa nos convence.

A grande questão no confronto da nossa linguagem com a linguagem do texto é podermos situar os textos em seus contextos. O empenho da comunicação, a seriedade em criar nascem da consciência que cada um tem de seus procedimentos comuns dentro de um paradigma determinado nas ciências humanas.

A única maneira de estarmos mergulhados nessa linguagem com responsabilidade é procurarmos produzir uma visão crítica, sem destruir esta espécie de totalidade que se introduz no funcionamento semântico dos nossos discursos, cuja articulação interna sempre será uma articulação entre linguagem e objeto.

As ciências humanas são certamente campos de pesquisa mais complexos. É por isso que temos que ter um cuidado muito especial, nesta área humana. Um conjunto de paradigmas é a casa onde habitam os nossos conceitos. A investigação hermenêutica exige muito mais consciência do que qualquer outra investigação.

4.5 Círculo Hermenêutico em Martin Heidegger e Hans Georg Gadamer

A palavra interpretadora tem sempre algo de acidental enquanto que está motivada pela pergunta hermenêutica, não só no sentido da instância pedagógica a que se limitou a interpretação na época da ilustração, senão também porque a compreensão é sempre um verdadeiro acontecer.

Mal hermeneuta é o que crê que pode ou deve ficar em a última palavra.

(Gadamer, 1984 p.480 e p.683)

A preocupação fundamental da hermenêutica é com a compreensão que deriva do verbo “compreender”, que significa “tomar junto”, “abranger com”.

Segundo Gadamer (1984), a regra hermenêutica de que o todo deve estender-se desde o individual e o individual desde o todo constitui um movimento circular.

De acordo com Bleicher (1980, p.27), F.Schleimacher foi o primeiro que desenvolveu explicitamente a concepção de “círculo hermenêutico”, local onde se move toda a compreensão. O desenvolvimento da sua hermenêutica é a filosofia transcendental e o romantismo. Segundo ele, a lei hermenêutica é de que todo o pensamento do autor tem de estar relacionado com o sujeito ativo e organicamente desenvolvido: a relação entre individualidade e totalidade tornou-se o foco da hermenêutica romântica.

De acordo com Stein (1996), Heidegger foi um crítico da tradição do dualismo cartesiano, da relação consciência-mundo, da relação sujeito-objeto. Toda a sua obra “Ser e Tempo” se desenvolveu na direção de uma nova questão do método. Heidegger traçou um novo caminho para a Filosofia e justificou o círculo hermenêutico como lei básica da compreensão. O círculo deixa de ser simplesmente metodológico (hermenêutica como arte, ou até ciência universal de compreensão do sentido) e passa a ser ontológico (hermenêutica como modo de constituição do sentido por um sujeito inserido numa tradição), Heidegger introduziu o sujeito que compreende, que toma sempre consigo o todo do seu mundo, a partir do qual realiza a projeção do sentido que somente se abre no conteúdo individual.

Em vez de consciência, a idéia do círculo da compreensão propõe uma hermenêutica do ser-aí. É a compreensão do ser-no-mundo, já sempre jogado no mundo e historicamente determinado que faz do conhecimento um modo derivado da constituição ontológica do ser-aí. O círculo hermenêutico pressupõe a abertura fundamental às pessoas e está em constante movimento. Na circularidade, ocorre uma experiência que é sempre irrepetível e que, não cabendo em conceitos, não pode ser retida, voluntária ou racionalmente.

Uma pesquisa sobre o círculo hermenêutico deve estar consciente da provisoriedade de sua determinação no curso da pesquisa histórica. Entre o que procuramos saber e já sabemos ocorre uma circularidade.

Gadamer (1984), desenvolveu a noção do círculo hermenêutico para combater a ingenuidade do historicismo. Ele mostrou como se deveria compreender verdadeiramente a ciência da história- não como ciência no sentido moderno, mas como um acontecimento, como uma experiência.

Heidegger e Gadamer, preocupados com as condições de possibilidade e com o acontecer do sentido (e não apenas com as condições de possibilidade do conhecimento) conceberam o círculo hermenêutico ontologicamente. Desde então, ele não pode mais ser considerado um meio para chegar a um fim, um instrumento do conhecimento. É ontológico porque o sujeito está sempre implicado no ato de conhecer e de pensar.

O círculo hermenêutico pode ser concebido como um *enquanto* instaurador de sentido. Cada revisão do projeto pode desembocar em um novo projeto de sentido, em que outros projetos em questão podem contribuir para uma reelaboração até fixar a unidade do sentido. No círculo hermenêutico, uma compreensão guiada por uma intenção metodológica não buscará confirmar simplesmente suas antecipações, mas tentará tomar consciência delas para controlá-las e obter assim a reta compreensão a partir das coisas mesmas. É um movimento circular entre as parte e todo, linguagem e coisa, sujeito e objeto.

Do ponto de vista do círculo hermenêutico, não existe uma interpretação única. Nesta circularidade, o sentido acontece e é explicitado, não extraído simplesmente, interessa mais a busca do saber que o encontro final de algo, mais a pergunta (que abre novas possibilidades de conhecer e de pensar) que a resposta. O círculo hermenêutico permite explicitar e mostrar a impossibilidade do retorno ao ponto inicial, ileso das marcas do tempo e do espaço. Por isso, entrar de maneira correta nele significa mostrar os próprios pressupostos, explicitando a compreensão de si e do mundo que se carrega e que é anterior ao conhecimento tematizado, ao dito, à ciência.

O círculo hermenêutico pode ser chamado da “boa circularidade”. Já sempre compreendemos enquanto compreendemos o todo, enquanto compreendemos o todo já

sempre nos compreendemos. É impossível separar o sujeito do objeto porque estamos mergulhados nos fatos históricos. Entender o círculo como vicioso significa vê-lo unilateralmente, pois a pré-compreensão é condição, não empecilho para a abertura. Precisa continuar aberta para uma compreensão daquilo que não está indicado pela pré-compreensão anterior, não podendo ser esperado e nem previsto a partir dela, e que não se insere nela, mas a ultrapassa e assim a amplia, abrindo novos horizontes. Trata-se de um círculo aberto em que ocorre uma fusão de horizontes.

O importante não é sair do círculo, mas entrar nele de modo adequado. O círculo da compreensão pertence à estrutura do sentido⁴², cujo fenômeno tem suas raízes na constituição existencial do Dasein enquanto compreensão que interpreta. Na lógica, o círculo vicioso ocorre quando se propõe aprioristicamente que deve ser provado. Já no círculo hermenêutico a pré-compreensão constitui-se numa via de acesso à coisa, à totalidade. Quando posta em questão, é uma condição da possibilidade de compreensão que abre e instaura o sentido.

Analisando a questão do círculo hermenêutico, Heidegger (1997) nos diz que a compreensão diz sempre respeito à totalidade do ser-no-mundo. Em todo o compreender do mundo está também compreendida a existência e vice-versa. Assim, toda interpretação movimenta-se na pré-estrutura já caracterizada. Toda a interpretação já precisa ter compreendido o que deve ser interpretado.

Existe a dificuldade de mostrar a identidade da hermenêutica enquanto experiência que se explicita pelo círculo e corporifica-se na imagem do fogo de artifício. Esta imagem é brilhante porque o fogo de artifício aparece e desaparece na escuridão, sem a consistência dos objetos próprios das ciências.

A face ambígua e relativa da hermenêutica é seu “tendão de Aquiles” para quem se move apenas no terreno da racionalidade. A hermenêutica é um modo de ser apropriado e coerente ao saber humano. Nesse sentido, a obra humana assemelha-se ao trabalho de Sísifo⁴³, uma possibilidade finita do homem finito.

⁴² Conjunto de totalidade de sentimentos do homem, antes de entender qualquer coisa.

⁴³ O mito de Sísifo, como todos os mitos ainda presentes, expressa uma experiência fundamental da existência humana, um aspecto da vida e do ser humano. Uma das sete filhas de Atlas e Plêione, Mérope casou-se com Sísifo, filho de Éolo e neto de Hélen, reinou em Corinto depois que Medéia se retirou. Diz-se que havia acorrentado a morte e a reteve

O pré-conceito, a pré-compreensão, podem ser retificados, ratificados ou ampliados, e o processo filosófico comporta uma circularidade inelutável que não é viciosa, porque não pretende esconder ou simplesmente confirmar os pré-julgamentos e pré-concepções, mas trazê-los à luz, no confronto com o real (sujeito-mundo), corrigindo-os ou alargando seus horizontes. Não é vicioso porque a hermenêutica não trata de problemas estritamente lógicos, mas está as voltas com a totalidade de sentido da existência humana. Não é possível romper com o círculo hermenêutico, pois no conhecimento não alcançamos um grau zero, nem partimos de uma *tábula rasa*.

A hermenêutica não exclui as ciências. Reconhece-as em sua validade, mostrando também seus limites, seu estreitamento e seus próprios pressupostos ontológicos. A única constante da hermenêutica é a infinitude do movimento, é o jogo do devir. Gadamer no diz (1984, p.481), “Nossas possibilidades de conhecimento parecem muito mais individuais que as possibilidades expressivas que a linguagem põe à nossa disposição”.

até que Marte libertou-a a pedido de Plutão. Homero explica que Sísifo acorrentara a morte porque evitava a guerra e até trabalhava para manter a paz entre seus vizinhos e era também o mais sensato e o mais prudente dos mortais. Por ter revelado o rapto de Egina, filha do rio Asopo por Júpiter em troca de conseguir água para a cidade de Corinto, seu castigo foi ser condenado ao inferno e a rolar sem cessar uma enorme pedra até o alto da montanha; chegando ao cume, a pedra logo desce por seu próprio peso e ele é obrigado de imediato a subi-la novamente, num trabalho que não lhe dá nenhum descanso (Commelin, 1997).

Na vida humana, nunca se pode realmente levar algo ao seu final, porque a vida é justamente o afluxo contínuo de tudo enquanto vivemos. O mito diz: Seu castigo é não poder desistir. A força consiste neste manter-se em pé por si mesmo, nesta não desistência, em não se deixar representar constantemente por um outro homem ou por um deus que domine o seu destino. A responsabilidade por si mesmo, ainda que sem perspectiva de qualquer êxito por mais imutável que seja o destino, o homem tem a possibilidade de mudar algo nele; ele tem de fazer o possível. (Kast, 1997 p.34, 44)

5 Comunicação na Contemporaneidade: caminhos construídos a partir de uma pré-reflexão

Considera-se pertinente estabelecer a união dos aspectos abordados nesta tese. Eles constroem um caminho para compreender como seria a Comunicação Contemporânea permeada pela Fenomenologia, Gestalt-terapia e Hermenêutica.

Os meios de comunicação não podem ser compreendidos como meros instrumentos de transmissão. Sua importância reside na consciência de uma dimensão histórica, nas práticas sociais em que o indivíduo está inserido, na relação dialógico-comunicativa. Trata-se de uma relação com o mundo, transformando-o e dando-lhe sentido.

De acordo com Guimarães (2002, p. 34), “os meios de comunicação de massa se tornaram gigantescas empresas e passam pelo mesmo processo de concentração e de globalização por que passam as empresas dos demais setores industriais e de serviços”.

Desta forma os meios de comunicação tornam-se defensores das visões de mundo geradas por estruturas hegemônicas. Assim, eles entretêm, atraem e desviam a atenção do grande público para notícias sobre esportes, aventuras, crime, violência, aberrações, sexo, música, vida íntima de personalidades. Tais meios desenvolvem uma campanha permanente (mas sutil) de descrédito de toda atividade política - que passa a ser apresentada como corrupta e inútil para a sociedade.

Guimarães (2002), ainda afirma que as técnicas de publicidade, o rápido desenvolvimento tecnológico da mídia e a modificação dos hábitos sociais trazidos pela televisão aumentaram a influência do poder econômico sobre a política e transformaram os debates políticos em programas de auditório e em marketing de produtos, sem confronto real de idéias.

Sob o ponto de vista econômico, a mídia que atinge grande audiência está organizada como grande empresa com finalidade lucrativa. Por isso, a principal característica da democracia no mundo atual é a influência do poder econômico sobre o político.

Como refere Ramonet (2004), se a imprensa, rádio e televisão nos dizem que alguma coisa é verdadeira, ela fica estabelecida como verdadeira, mesmo que seja falsa, porque verdadeiro passa a ser o que o conjunto da mídia acredita como tal. O único meio de escape que um cidadão pode ter é confrontar os diferentes discursos dos meios de comunicação. Porém se todos falam igual, só nos resta admitir esse discurso como único.

Ainda segundo Ramonet (2004), os que transmitem a notícia têm grande responsabilidade mas não são só eles os únicos responsáveis. Os cidadãos também têm obrigação de serem ativos e não passivos na busca de informações. Salienta-se a importância da auto-consciência tanto do comunicador quanto do cidadão, para que eles não sejam reprodutores inconscientes do sistema. Assim, a informação não se torna uma mercadoria, mas sim é relevante em sua função cívica. Ramonet (2004), alerta que a informação continua sendo uma atividade produtiva, impossível de se realizar sem esforço. Ela exige uma verdadeira mobilização intelectual e é uma disciplina cívica, cujo objetivo é formar cidadãos. Só assim a comunicação poderá ir ao encontro daqueles indivíduos que desejam aprimorar sua compreensão para agir democraticamente.

Quando se fala em desenvolvimento da personalidade, procura-se entender o termo personalidade como o sistema de atitudes adotadas nas relações interpessoais. Todas estas informações requerem comunicação. Na formação da personalidade, os fatores sociais e culturais são essenciais. Muitas vezes, mantemos valores introjetados que nem mais estão disponíveis à consciência. As pessoas interromperam temporariamente a ligação consciente com os seus sentimentos. Assim, acabaram perdendo o próprio senso de poder e de responsabilidade por suas vidas, pelo seu meio, atendendo a necessidades impostas

socialmente. Esta tese defende que a criança precisa aprender com o adulto a ser um indivíduo, não um conformista.

Muito cedo no desenvolvimento do indivíduo, numerosos programas aprendidos dominam seu comportamento. Para Goswami (2000, p.229), “as respostas quânticas não-condicionadas estão disponíveis para novas experiências criativas, especialmente como resposta a estímulos não aprendidos ainda. Se esta potência criativa deixa de ser usada, a hierarquia dos componentes do cérebro-mente torna-se uma hierarquia simples de programas aprendidos. É a isso que chamamos ego. Evidentemente, o ego é o nosso self clássico. Nesse estágio, a incerteza criativa sobre “quem é que escolhe” em uma experiência consciente é eliminada; assume-se um self separado, individual, que escolhe e que tem livre-arbítrio. Alegamos possuir livre-arbítrio e com isso disfarçamos nossa assumida limitação”. Ainda de acordo com Goswami (2000, p. 243), “o self no nível do processo primário da consciência como potência criativa e versátil da mente quântica não desaparece. No nível secundário, obtemos respostas condicionadas sob forma de pensamento e sentimento, mas o livre-arbítrio no nível secundário consiste na capacidade de dizer não a respostas condicionadas e aprendidas”.

No relacionamento interpessoal, salienta-se a importância de compreender os outros na sua singularidade e de tomar consciência de que estamos partilhando valores quando comunicamos. É interessante conscientizar-se que os modelos de relacionamento privilegiam o individualismo, a eficiência desumanizadora e a competitividade como valores.

O impulso vital do homem (através da auto-regulação orgânica) quer reverter o desequilíbrio atual, buscando um ambiente que corresponda às suas necessidades mais primárias. Para que essas necessidades sejam atendidas o indivíduo tem de ser visto como único pelo seu semelhante.

O respeito por si mesmo pode trazer o respeito genuíno pelos outros. Sua disciplina será auto-disciplina, uma vez que participou das escolhas e descobriu que o mundo é um lugar de mudanças fantásticas. O indivíduo não está mais previamente constrangido a fazer interpretações de modelos fixos. Não somos apenas sujeitos que assimilam a informação massificada oferecida, mas indivíduos produzidos por movimentos culturais e processos históricos involuntários.

Podemos pensar que o certo, o atual é sermos como os outros querem que sejamos. Contribuem para isso os meios de comunicação, os valores coletados nas tramas de nossas vivências através da comunicação, da leitura do imaginário cultural. Porém, esta pressão do meio foi apenas um apelo: quem na realidade cedeu foi o indivíduo. Foi ele quem escolheu em favor dos outros ou das circunstâncias.

Em Gestalt-terapia acredita-se que todos têm um sábio interior que causa inquietação quanto aos valores de jogos de poder que em certo nível distanciam o sujeito das reais necessidades humanas, como nos diz Maturana (2001), o funcionamento de nosso sistema nervoso é basicamente colaborativo e solidário. Segundo Walter⁴⁴, “este fluxo vital, que busca a liberdade como o ar, não pode ser apreendido pela razão lógica”. Por estar cada vez mais submetida aos valores que nos distanciam do humano (competitividade e individualismo), a comunicação contemporânea interfere nas relações que mantemos uns com os outros e retira do indivíduo a capacidade de exercer a condução de sua própria vida.

A história da comunicação humana tem uma evolução notável, dentro de cada mente. Há uma história majestosa, cheia de drama, comoção, paixão, humor, inteligência, fantasia e fatos. Reflexos da história do universo, arquétipos, compreensão hermenêutica, todos foram possíveis pelo legado da comunicação.

Quando se relaciona a comunicação, linguagem e hermenêutica, entende-se que não há contradição entre o social e o meio. As informações trazidas pelos meios de comunicação geram indivíduos produzidos pelos movimentos sociais. A linguagem é um modo pelo qual o significado e o ser das coisas podem ser trazidos à tona. O desvelado passa pela linguagem para ter qualquer realidade. A função comunicativa da linguagem tem uma prioridade sobre sua função de conservação, pois sem a primeira, a segunda não se efetiva. É por tal comunicação que os homens se humanizam, tornam-se comuns em sua humanidade. A palavra acolhe, guarda, conserva e expõe o ser. Fora das palavras, as coisas podem até mesmo estarem aí, mas não são o que são e como são.

A sociedade referencia valores. O sujeito não está sózinho porque os outros fazem parte dele. O coletivo determina quais situações devem aparecer ou se manter. A sociedade é um

⁴⁴ Palestra apresentada na Conferência Internacional da Associação de Gestalt-terapia em Montreal por Walter Ferreira da Rosa Ribeiro em agosto de 2002 (pesquisador em Gestalt-terapia).

conjunto estruturado de homens que, para manter-se estruturada, impõe toda uma série de mecanismos, entre elas instituições destinadas à transmissão de pautas de condutas. A necessidade de manter a vida social é o que origina o sistema de controle e fundamenta muitas das mensagens que hoje constituem a chamada “comunicação de massa”. A teia da comunicação é facilitadora para o indivíduo sentir-se incluído na sociedade. Os meios de comunicação dão velocidade a esse movimento, mas as mídias podem ser entendidas como parte da interação humana. É óbvio que a sociedade não pode reclamar valores solidários se não os modela, mas cabe ao homem querer modificar esses condicionamentos que não são coerentes com suas necessidades.

A linguagem tem uma série de palavras para expressar fenômenos atuais: coação, violência, persuasão, propaganda. Entretanto, na maioria das vezes o que se informa aos indivíduos são documentários da realidade, que incidem sobre a conduta individual e coletiva de forma indireta. A linguagem determina a veracidade ou falsidade das proposições. É o ser se comunicando mais consciente até da sua inconsciência. Identifica-se com fatores do campo, com o imaginário cultural que rege comportamentos que nem mesmo ele entende.

Para Joly (1996), o imaginário remete a valores (produzidos por uma determinada cultura) que unem o antigo e o contemporâneo. Assim, a comunicação contemporânea não pode ser vista independente do seu passado. De acordo com Maffesoli (1997), o imaginário ultrapassa o indivíduo que impregna o coletivo, não sendo a imagem que produz o imaginário.

A oportunidade que é lançada na leitura do imaginário cultural, diante de características sócio-existenciais é de que o indivíduo se identifique pensando como o grupo, sendo igual a “todo mundo”, como foi explicitado no fenômeno “a gente” de Heidegger. Isto não permite que ele assuma seu diferencial existencial. Não se prepara hoje indivíduos que possam assumir a condução de suas próprias vidas. O modo do homem habitar o mundo é realizando o mundo, os outros e a si mesmo.

Um dos aportes fundamentais da Gestalt-terapia é a superação da dicotomia indivíduo-sociedade. Conceber a gestalt como uma arte do contato significa buscar a comunicação num nível de consciência acurada e saber que quem comunica é gerador de significados. A gestalt, nesta tese, precisa ser vista como uma das possibilidades de abertura de consciência para que o comunicador assuma que o organismo e o ambiente formam uma unidade indivisível e que

as trocas com os demais podem conduzir à vida com mais consciência, liberdade de movimentos e criatividade. A gestalt fortalece a pessoa, para que ela possa fazer sua própria leitura do mundo. Aqui reside a importância da comunicação contemporânea. O comunicador pode integrar as várias ciências psicologia, sociologia, filosofia. Isso facilita que ele se compreenda no mundo com sua bagagem cultural, desvelando o campo complexo que representa o homem em suas relações interpessoais.

É importante não descuidar da interdisciplinaridade. A educação atual inverteu seus valores: o ensino privado priorizou o econômico em detrimento da troca de experiências, da possibilidade de realização e motivação para aprender, de trocas solidárias e de humanização. Educadores e alunos são vítimas da estrutura do mercado - perdeu-se o sentido da educação. Respeitando a interdisciplinaridade, o ensino permite que o discípulo compreenda a complexidade das relações ecológico-sociais para si e para os demais.

Na linguagem gestáltica, contato é processo comunicativo, awareness é a consciência do que se comunica e figura/fundo representa as escolhas possíveis com responsabilidade. A gestalt não pretende curar, nem modificar uma história, senão responsabilizar a pessoa pelo que está ocorrendo.

Um gestalt-terapeuta entende que cada fala inclui necessariamente uma leitura, uma compreensão de mundo, uma interpretação. O homem não cria o real, ele o recebe como presença. O mais importante é que o indivíduo não se contente com sua linguagem primária, sem questionamentos. Ele pode ir além da experiência dos acontecimentos que o condicionam, para chegar a uma interpretação criadora de sentido. Toda interpretação pressupõe hábitos mentais inadvertidos. Buscar a autoconsciência não é livrar-se de todos os julgamentos e opiniões ou negar suas próprias experiências, mas é estar aberto e receptivo aos acontecimentos. Isso também não pressupõe neutralidade, mas sim a apropriação seletiva das próprias opiniões. Para Heidegger (1997), a interpretação não é a tomada de consciência do compreendido, mas a elaboração das possibilidades projetadas no compreender.

A verdade originária não tem sua morada original na proposição, mas na possibilidade intrínseca da abertura do comportamento. A abertura que mantém o comportamento, aquilo que torna possível a conformidade, se funda na liberdade. A essência da verdade é a liberdade...a liberdade é a própria essência da verdade.

(Heidegger, 1979 p. 136 e 137)

Uma generalização de traços torna-se comum a todos os cidadãos. Os condicionamentos interromperam temporariamente a ligação do indivíduo com os seus sentimentos. Com isso, os sujeitos acabaram perdendo o próprio senso de poder e de responsabilidade por suas vidas. O desvelado tem de ser visto e ouvido por outros para ganhar consolidação: o outro é a possibilidade deste algo mostrar-se. Cada vez que algo é trazido à luz por alguém, este alguém nasce junto com aquilo que compreendeu. Quem compreende algo é sempre um novo si mesmo a partir de cada novo desvelamento. O que implica a realização de algo é, ao mesmo tempo sua realização.

Feita a compreensão fenomenológica da existência, com sua ontológica pluralidade e singularidade, cria-se uma imensa distância da compreensão metafísica em relação à subjetividade. Sendo o homem singular e plural, cada um é, o portador e o realizador da história de todos os homens.

Habitar o mundo e construí-lo, tratar de si mesmo em sua singularidade e pluralidade é o que Heidegger chama de cuidado. Nada poderia aparecer se não existissem receptores de aparências. O homem percebe que tem que dar conta de ser, ele precisa tomar o ser para si como algo que tem que cuidar; põe o ser sob seus cuidados.

O modo de o homem habitar o mundo é realizando o mundo, os outros e a si mesmo. Em cada gesto de alguém, rearticula-se o gesto de toda a humanidade como possibilidade. Mesmo que se trate do modo de ver de um indivíduo, este olhar é pluralidade. É importante entender a comunicação contemporânea desta forma. As palavras, a fala, os objetos têm a função de conservar o sentido, os modos de se habitar o mundo, de ser uns-com-os-outros e simultaneamente o de comunicar. Dada esta possibilidade comunicativa, as coisas podem ser apreendidas em sua objetividade.

Para Heidegger, redescobrir a casa terrena não é voltar a um estado pré-tecnológico, mas sim usar o nosso potencial de indagar para resgatar reflexões sobre os vícios da tecnologia. Os meios de comunicação contribuíram para o empobrecimento das comunicações pessoais. Falta

diálogo e o homem não encontra mais tempo para a reflexão. O desenvolvimento da tecnociência é um fenômeno que tem a particularidade de ser uma construção social e, ao mesmo tempo, ser o fator dominante da mudança social. A esse respeito Ginger (1987), assinala que a única forma de superar os efeitos da despersonalização, solidão e anonimato que provocam os avanços tecnológicos é incrementar o calor humano em encontros autênticos.

Definir a si mesmo como alguém que está podendo ser é uma das principais chaves para buscar entender a sua atitude existencial. Explorações fenomenológicas existenciais revelam que as pessoas vivem num contexto de crenças não explicitadas, uma vez que as pessoas existem em relação.

A hermenêutica apresentou um novo universo e uma nova consciência do lugar do homem na cultura e na história. Na busca de compreensão da realidade por trás da comunicação humana, se insere o método fenomenológico e hermenêutico. A comunicação torna os indivíduos conhecedores e conhecidos. A hermenêutica permite compreender as diversas expressões contemporâneas, assim como as da comunicação. O conceito de mundo é compreendido como modo-de-ser do Dasein e como conjunto de estruturas prévias que permitem o modo de ser compreensivo. Nas ciências humanas, através da hermenêutica, sabe-se que as etapas vão se transformando - um fato produz outros fatos que influenciam grupos, pessoas, pesquisadores.

Compreender fenomenologia como hermenêutica significa expressar o que não é dito, mas que se mostra no que aparece. É buscar o conhecimento sobre as condições humanas e sobre a comunicação contemporânea que se compartilha com os outros. Compreender como viver inclui mais do que compreender o mundo em que vivemos compreender é compreender o próprio ser-no-mundo.

Lembrando as questões-problema desta tese, as respostas encontradas foram...

1 - Que papéis desempenham a comunicação, o comunicador, a influência dos meios de comunicação, a cultura em que estamos inseridos, pelas relações interpessoais, pelos valores que nos antecederam e que vivemos atualmente?

O papel da comunicação apresenta-se com clareza; o comunicador, os meios de comunicação, todos são necessários e de fundamental importância para os homens, pois é a mediação das relações interpessoais que permite aos homens identificarem-se ou não com os outros.

2 - Quais valores estamos semeando para o futuro?

Os meios de comunicação são muito potentes. Utilizá-los apenas para perpetuar valores hegemônicos sem possibilitar reflexões é um desperdício. Eles podem servir para alertar sobre problemas que hoje perturbam a humanidade, como a falta de solidariedade, desumanização, competição, gerando responsabilidades que facilitem ao homem não desviar-se de suas reais necessidades do compartilhar.

Um acontecimento normalmente está centrado sobre o que ocorreu e não sobre o por que ocorreu, ou de suas causas mais profundas. Para Perls (1997), quanto mais o indivíduo se sente acuado, mais fica resistente e mais se defende. Porém a falta de confiança em si mesmo, no outro e no mundo foi uma construção necessária para sua sobrevivência.

3 - O futuro depende da consciência social hoje?

O papel da comunicação se torna cada vez mais importante na corrida para a evolução de uma nova consciência. É preciso ter claro quais acontecimentos são considerados interessantes para serem transformados em notícias e qual imagem do mundo é fornecida pelos informativos. A consciência necessária do comunicador já é um passo importante para vir ao encontro das raízes da solidariedade.

É necessário entender também comunicador como uma pessoa que atua em várias áreas e que estabelece relações tipo professor-aluno, cliente-terapeuta, Relações Públicas e seus públicos, empregador e empregados, pais e filhos e assim por diante.

4 - Os preconceitos e condicionamentos podem ser vistos como abertura à reflexão e assim despertar o comunicador para uma nova forma de perceber?

Cada ser humano pode exercitar seus preconceitos e condicionamentos e encontrar novas formas de ver. É necessário conhecer não só o sistema de valores, de representações do imaginário coletivo, mas compreender as distorções inconscientes que representam a realidade social, penalizando determinados aspectos em favor de outros. Perceber que certas expectativas não são do público, mas do grupo que decide ou não bloquear informações.

Sabe-se que muitos comunicadores têm em sua formação uma consciência ampliada de seu papel social. Coerentes com seu modo de pensar, permitem que pessoas possam encontrar em suas palavras iluminação para pensamentos que estavam em forma embrionária.

5 - É possível a proposição de uma comunicação contemporânea que contemple a Fenomenologia permeada pela Hermenêutica e pela Gestalt-terapia?

Qualquer indivíduo que tenha a responsabilidade de comunicar para outros seres humanos pode (através desta proposta comunicativa permeada pela Gestalt-terapia, Fenomenologia e Hermenêutica) compreender-se no mundo, compreendendo os outros. Por compreender os outros poderá compreender-se mais amplamente.

Se adotássemos uma visão cartesiana, a única forma de conhecer seria através da projeção. Olhar no nível epistemológico da fenomenologia é o contrário, há controvérsia e não espera-se uma concordância. O que se entende por projeção é semelhança. Quando a pessoa não pode ver diferente é porque só assim sente-se segura, mas isso impede o crescimento. A resistência pode dizer o que é real e o que não é, mas ela não pode dizer o que há no mundo. Se estou à procura de algo, o mundo já está descoberto, ainda que eu não saiba precisamente o que ele contém. A pré-compreensão é condição, não um empecilho para a abertura.

Um fenômeno não pode estar somente dentro, ele está constantemente encontrando o fora, tem sempre um objeto e o eu traz algo para este objeto. É a integração entre interior e exterior, conforme foi dito o ser humano está encrustado no meio.

É necessário estudar os fenômenos pertinentes a esta área na sua essência, assumindo compromisso com a característica fundamental da singularidade do homem. É relevante uma

proposta de comunicação contemporânea que amplie a consciência de si e do meio como fonte de compreensão das atitudes humanas.

O dialógico é o que acontece fenomenologicamente entre as pessoas. A relação é parte do mundo que dá margem a esta figura em particular. Tudo aquilo que você sente, age tem a ver com o campo onde você está. Todo fenômeno psicológico decorre de um campo de intersubjetividade. O campo inter-humano em que se vive é o que faz o humano, é poder compartilhar emoções com outro ser humano. Os objetos culturais, por exemplo, deixam de ser o que são e como são em certa época, eles se modificam. Assim também ocorre com a comunicação. Conta-se com ela para se conhecer as coisas como elas aparecem.

Sartre (1997, p.402), sustenta que “é impossível realizar um mundo no qual eu não seja e que fosse puro objeto de contemplação. Mas ao contrário, é preciso que me perca no mundo, para que o mundo exista e eu possa transcendê-lo”. É a tentativa de buscar ver de um modo mais abrangente, de sair do círculo vicioso.

Viver é em si mesmo uma arte, é a mais difícil e complexa arte praticada pelo homem. Na arte de viver, o homem é simultaneamente artista e objeto de sua arte, ele é o escultor.

Há uma preocupação do homem com a sociedade. A violência está aí e assusta a todos. As pessoas acusam-se, procuram culpados. É preciso dar um passo a mais e perguntar o que é possível fazer além de se proteger ou fugir. Se forem acrescentadas a isso as formas de comunicação que tornam o nosso mundo uma aldeia global, e que veiculam a mensagem de que cada um deve procurar a solução de seus problemas, fica fácil imaginar o quadro final: um mundo enlouquecido pelo individualismo, pelo assalto à natureza, pela violência. As pessoas se deprimem e se conformam com sua falta de direitos, na medida direta em que seus direitos lhes são recusados. Ainda lhes fazem acreditar que são doentes e que precisam curar-se, responsabilizando-as por serem diferentes, anormais. Se não conseguem emprego é por serem incapazes, se têm pânico é porque são desajustadas.

Há um desamparo subjetivo, daí a importância de se pensar a comunicação como um campo de estudo em interação permanente com outras disciplinas.

Hoje presencia-se uma quantidade insuportável de informações que não interessam a ninguém. Ideologias políticas e econômicas, fundamentalismos dos mais diversos tipos,

relatos da vida alheia, relatos de falsos milagres, promessas inúteis, propaganda de coisas que as pessoas não querem nem podem comprar, que pouco tem a ver com os interesses vitais.

Por isso, a autora desta tese propõe ao comunicador uma reflexão crítica. Seu papel não pode ser considerado como algo pronto, acabado, mas sempre por fazer. Trata-se de assimilar pela consciência a própria contaminação pelos valores do imaginário cultural. Isso vai se traduzir na modéstia de repensar valores constantemente, mesmo que os conflitos para o comunicador possam ocorrer ainda no âmbito do comportamento individual, na escolha de valores. O fato de trabalharem para um mercado capitalista e de seus salários estarem ligados ao sucesso empresarial da veiculação pode ser visto como adaptação real ao meio. É importante salientar que a objetividade jornalística não pede isenção total de convicções e preconceitos, mas clareza de intenções e equilíbrio.

Com o desenvolvimento de uma consciência mais ampliada, pode-se assumir escolhas coerentes com reais necessidades humanas. Para se construir um projeto alternativo de sociedade nas condições contemporâneas, é necessário levar em conta a dimensão subjetiva e a existência do inconsciente.

Assim, para entender a comunicação contemporânea, uma proposta para o comunicador seria: desenvolver capacidade de assumir responsabilidade por si mesmo, na acepção de sentir-se como força ativa e responsável por sua vida, capaz de tomar decisões e de arcar com as conseqüências, isto é, habilitar-se a estabelecer sua própria hierarquia de valores e aplicá-la à sua vida real. Se não estiver certo quanto ao significado dos seus ideais, ele corre o perigo de substituir uma velha imagem idealizada por outra. Todas as certezas subtraem algo de sua capacidade para enfrentar a vida e seus acontecimentos. Safranski (2000), refere que a expressão ôntico designa tudo o que existe. A expressão ontológico designa o pensar curioso, espantado sobre o fato de que qualquer coisa exista. Quando o pensar vivo se congela naquilo que uma vez se pensou, quando o passado triunfa sobre o presente e o futuro é o momento do pensado aprisionar o pensar.

A comunicação contemporânea seria o campo definido pelo que ocorre aqui e agora, a realidade construída momento a momento. Assim como o “fundo” contém muitas figuras possíveis, é o indivíduo quem organiza um complexo campo experiencial para si. O indivíduo

regula qual será o primeiro plano, uma vez que só um fenômeno por vez pode ocupar o primeiro plano.

Só depois de adquirir uma consciência mais ampla (não separatividade entre o eu e o outro e seu meio), e com isso obter o sentido do controle, é que se pode “perder o controle” para viver em estado de receptividade, ou seja, com capacidade de dialogar intensamente consigo e com o mundo como possibilidade de crescimento. A consciência sempre deixa espaço para a novidade incondicionada. Esse fato torna possível o livre-arbítrio. Se o ser humano pode observar o sistema social que ele cria com seu comportamento, e este o desagrada, ele pode tornar-se fonte de mudança. Do contrário, perde contato com seus sentimentos acerca do que seria melhor para ele e para seu meio.

De acordo com Morin (1996), os sistemas humanos são dotados de uma capacidade de aprendizado superior, não do tipo meramente reativo, mas sobretudo proativo, sendo esta a causa do progresso científico, com a passagem de um estado menos evoluído a um estado mais evoluído. Como toda a sociedade se realiza na conduta dos indivíduos que a compõem, haverá mudança social genuína em uma sociedade somente se houver mudança genuína na conduta de seus membros. Toda mudança social é uma mudança cultural. A liberdade de escolha é tanto maior quanto mais ampla for a abertura do ser humano à percepção de sua vivência no mundo.

Por conta do egoísmo, deixa-se de lado a oportunidade de experimentar coisas novas, ouvir verdadeiramente, conhecer pessoas e lugares diferentes. Os indivíduos se sentem seguros do alto da torre controladora de sua equivocada fortificação, porque pensam que ser eu mesmo é ser irredutível em seus princípios e aspirações, enquanto ser eu mesmo nasce de uma atitude humilde de abertura.

O campo cultural dá continuidade à vida da espécie humana, que transcende a vida pessoal. O self é uma relação entre experiência consciente e ambiente físico imediato. É interessante observar como, na maturidade do self, assim como foi necessário ao indivíduo realizar a sua inserção na vida social, será também fundamental que ele possa contribuir para a herança cultural da humanidade, realizando-se através dos filhos, da arte, da ciência, da religião, da história, da ação política, da profissão. O que importa não é tanto a vida singular e pessoal, mas a vida do homem e seu legado através das gerações.

O ser humano é universal, mas também individual: é uma entidade que contém todos os indivíduos humanos. Os dois registros, o do singular e o do coletivo, são aspectos fundamentais na realização do si-mesmo. Pela ação criativa no mundo, o homem colabora com a durabilidade do mundo e com o processo histórico da sociedade. Os objetos culturais atravessam o tempo e permitem que se “dialogue” com os seres humanos de outras épocas, para o contínuo relacionar-se com os mistérios da vida e da morte. A liberdade de escolha é tanto maior quanto mais ampla for a abertura do ser humano à percepção de sua vivência no mundo.

O futuro no mundo depende da evolução de uma nova consciência, global, que entenda as divergências crescentes que caracterizam o mundo contemporâneo. A informação deve atingir as pessoas no que elas precisam verdadeiramente se orientar. Não é suficiente dar atenção imediata apenas aos elementos sensacionalistas da informação, às catástrofes, a guerras ou ao que os políticos estão fazendo. Há necessidade de informação mais pertinente para atingir a corrente principal da população - adultos, jovens, velhos, pessoas de todas as idades.

Comunicação contemporânea pode ser entendida como a possibilidade de que cada profissional da área de Comunicação possui para modificar o conteúdo do processo comunicativo, abrindo um canal de comunicação para que as pessoas tenham acesso à realidade. É a possibilidade das pessoas exercitarem a introspecção e se conscientizarem do modo como vivenciam as situações do seu dia-a-dia, tendo uma visão mais concreta da vida. Ao não praticarem uma reflexão mais profunda e não se conscientizarem de seu próprio potencial e limitações, elas acabam mantendo uma visão reduzida das circunstâncias e não vislumbram seu poder de ação diante delas.

Na vida diária, é de fundamental importância estar aberto às surpresas, ao novo. Assim, teremos sempre um sentimento de descoberta da própria vida, favorecido pela comunicação. Não se pretende designar este caminho como única proposta de compreensão da comunicação contemporânea, nem este estudo como única articulação metodológica possível, mas é esta a linguagem fenomenológica que reflete um modo de estar no mundo. O investigador na área de humanas sabe que muitas vezes os textos são mais ensaios que assertivas, por saber que eles expressam apenas seu modo de ver e entender.

Desta maneira, esta tese não se esgota em si mesma, mas considera-se que os problemas formulados no início da investigação foram respondidos ao longo dos capítulos. Assim como há, também, a percepção de que foi possível atingir os objetivos propostos para buscar um modo de compreender a comunicação contemporânea a partir do entendimento deste olhar possível e singular.

6 Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Introducción al Existencialismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- AMATUZZI, Mauro Martins. *O resgate da fala autêntica*. São Paulo: Papyrus, 1977.
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas SP: Papyrus, 1993.
- AZEVEDO, Fernando de. *Pequeno dicionário Latino-Português*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1952.
- BARBERO, Jesus Martins. *De los médios a la mediaciones*. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.
- BARROS, Paulo. *Narciso, A Bruxa, O Terapeuta Elefante e Outras Histórias Psi*. São Paulo: Summus, 1994.
- BERGER, Christa. *A teoria da comunicação in LEVACOU, Marília et al... Tendências da Comunicação*. Porto Alegre: LP&M, 1998, p. 130 – 142.

- BERLO, David K. *O processo da comunicação, introdução à teoria e à prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BLEICHER, Josef. *Hermenêutica Contemporânea*. Lisboa: ed. 70, 1980.
- BOCHENSKI, I.M. *A filosofia contemporânea ocidental*. São Paulo: Zerder, 1962.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Moraes, 1974.
- BUROW, Olaf-Axel. *Gestaltpedagogia, um Caminho para a Escola e a Educação*. São Paulo: Summus, 1985.
- BUZZI, Arcângelo R. *Introdução ao pensar. O ser, o Conhecido, a Linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CALINESCU, Matei. *Cinco caras de la Modernidad*. Madrid: Tecnos, 1991.
- CASSIRER, Ernest. *Filosofia de las formas simbólicas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998, volume II e III.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo: Paz e Terra S/A, 1986.
- CRITELLI, Dulce Mára. *Analítica do Sentido*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- COMMELIN, P. *Mitologia Grega e Romana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DAMÁSIO, Antônio. *O Erro de Descartes. Emoção, Razão e o Cérebro Humano*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- _____ . *O Mistério da Consciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

- DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FADIMAN, James, Frager, Robert. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harbra, 2002.
- FAGAN – SHEPHERD – *Teoría y Técnica de la Psicoterapia Guestáltica*. Buenos Aires: Amorrortu, 1970.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Revisitando as Psicologias. Da Epistemologia à Ética das Práticas e Discursos Psicológicos*. São Paulo: Educ, 1996.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. *Psicologia fenomenológica. Fundamentos, métodos e pesquisas*. São Paulo: Pioneira, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Extensão e Comunicação?* São Paulo: Paz e terra, 1969.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas técnicas para o trabalho científico*. Porto Alegre: by Pedro Augusto Furasté, 1993.
- GADAMER, Hans-Georg. *Mis Años de Aprendizaje*. Barcelona: Herder, 1977.
- _____ . *Verdad y Método. Fundamentos de una Hermenéutica Filosófica*. Salamanca: Sígueme, 1984.
- GARCIA, Ramon Rodriguez. *Heidegger e la Crisis de la Época Moderna*. Madrid: Cincel, 1987.
- GINGER, Serge; GINGER, Anne. *Gestalt, uma terapia do contato*. São Paulo: Summus, 1987.

- GLEISER, Marcelo. *A Dança do Universo. Dos Mitos de Criação ao Big-Bang*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- GOLDSTEIN, Kurt. *La Naturaleza Humana a la Luz de la Psicopatologia*. Buenos Aires: Paidós, 1961.
- GOMES FILHO, João. *Gestalt do Objeto: Sistema de Leitura Visual*. São Paulo: Escrituras, 2000.
- GOSWAMI, Amit. *A janela visionária*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- _____ . *O universo autoconsciente*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2000.
- GUARESCHI, Pedrinho. *Sociologia Crítica. Alternativas de Mudança*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.
- GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. *Quinhentos anos de Periferia*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP e A editora, 2002.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 2001.
- HEIDBREder, Edna. *Psicologias do Século XX*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- HEIDEGGER, Martin. *Conferencias y Artículos*. Barcelona: Grafos, 1994.
- _____ . *Da Experiência do Pensar*. Porto Alegre: Globo, 1969.

- _____ . *Ser y Tiempo*. Santiago do Chile: Editorial Universitária, 1997.
Tradução de Jorge Eduardo Rivera.
- _____ . *Sobre a essência da verdade*. São Paulo: Abril, 1979.
- _____ . *Sobre o Problema do Ser, O Caminho do Campo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- _____ . *Todos Nós...Ninguém. Um Enfoque Fenomenológico do Social*. São Paulo: Moraes, 1981.
- _____ . *Introdução à Metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2004.
- HORNEY, Karen. *Nossos conflitos interiores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- HYCNER, Richard. *De pessoa a pessoa. Psicoterapia dialógica*. São Paulo: Summus, 1991.
- _____; JACOBS, Lynne. *Relação e cura em gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1997.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- IONESCU, Serban. *Quatorze Abordagens de Psicopatologia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- JOLY, Martine. *Introdução à Análise da Imagem*. Campinas: Papyrus, 1996.

- JULIANO, Jean Clark. *A Arte de Restaurar Histórias. O Diálogo Criativo no Caminho Pessoal*. São Paulo: Summus, 1999.
- KAST, Verena. *Sísifo. A mesma pedra-um novo caminho*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- KOESTLER, Arthur. *O Fantasma da Máquina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- _____ . *Jano*. São Paulo: Melhoramentos, 1981.
- KOFFKA, Kurt. *Princípios de Psicologia da Gestalt*. São Paulo: Cultrix.
- KÖHLER, Wolfgang. *Psicologia da Gestalt*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1968.
- LATNER, Joel. *Fundamentos de la Gestalt*. Santiago do Chile: Quatro Vientos Editorial, 1994.
- LEAKEY, Richard. *A Origem da Espécie Humana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- LELOUP, Jean-Yves. *Cuidar do Ser. Fílon e os Terapeutas de Alexandria*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Descobrimos a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1967.
- LEWIN, Kurt. *Teoria de campo em ciência social*. São Paulo: Pioneira, 1965.
- LEXIKON, Herder. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- LINDZEY, Hall. *Teorias da Personalidade I e II*. São Paulo: EPU, 1984.

- LOURENÇO, Eduardo. *A Europa e a questão do Imaginário*. Lisboa: Fim do Século, 1999.
- LUIJPEN, .W. *Introdução à Fenomenologia Existencial*. São Paulo: Editora Pedagógica e universitária, 1993.
- LYOTARD, Jean-François. *A Fenomenologia*. Lisboa: Ed.70, 1999.
- MACLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- MAFFESOLI, Michel *A conquista do presente*. Natal: Argos, 2001.
- _____ . *A Transfiguração do Política. A tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- _____ . *A violência totalitária, ensaio de antropologia política*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- _____ . *O eterno instante. O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. Lisboa : Instituto Piaget, 2001.
- _____ . *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MALRIEU, Philippe. *A construção do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, s/data.
- MATTELART, Armand. *Comunicação Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MATURANA, Humberto. *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

- _____ . *Emoções e linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *A estrutura do Comportamento*. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.
- _____ . *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.
- _____ . *As relações com o outro*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1984.
- _____ . *Cuerpo y Alma*. Buenos Aires: Imprimatur, 1964.
- _____ . *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____ . *O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas*. São Paulo: Papyrus, 1990.
- _____ . *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MILLER, Alice. *El Saber Proscrito*. Barcelona: Tusquets, 1992.
- _____ . *La llave Perdida*. Barcelona: Tusquets, 1991.
- _____ . *O Drama da Criança bem Dotada*. São Paulo: Summus, 1994.
- _____ . *Por Tu Proprio Bien*. Barcelona: Tusquets, 1992.
- MILLER, Michael Vincent. *O Terrorismo Íntimo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- _____. *A relação dos saberes, o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. *Método III. O conhecimento do conhecimento / I*. Portugal: Europa – América Ltda, 1996.
- _____. *O método IV. As idéias-Habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- _____. *O Método V. A humanidade da humanidade, a identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- _____. *O Método VI. Ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- _____. *O paradigma Perdido, a natureza humana*. Portugal: Publicações Europa - América Ltda, 2000.
- _____. *O problema epistemológico da complexidade*. Portugal: Publicações Europa-América Ltda, s/data, Edição n° 6038 / 6481.
- _____. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- MOUSTAKAS, Clark E. *Descobrendo o eu e o outro*. Belo Horizonte: crescer, 1995.
- NARANJO, Claudio. *Gestalt Sin Fronteras*. Buenos Aires: Era Naciente, 1993.
- NEUMANN, Laurício. *Educação e Comunicação Alternativa*. Petrópolis: Vozes, 1991.

- OSMAR, Barbosa. *Grande Dicionário de Sinônimos e Antônimos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- PELIZZOLI, Marcelo Luiz. *Lévinas, a reconstrução da subjetividade*. Porto Alegre: Edpucrs, 2002.
- PENTEADO, José Roberto Witaker. *A técnica da comunicação humana*. São Paulo: Pioneira, 1982.
- PERLS, Frederick A *Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____ . *Ego, Fome e Agressão*. São Paulo: Summus, 2002.
- _____ . *Terapia Gestalt. Teoria y Práctica*. México: Concepto, 1982.
- _____ . *The Gestalt Approach*. Palo Alto: Science and Behavior Books, 1973.
- _____; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. *Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus, 1997.
- PERUZZO, Cecília Maria Krohling. *Comunicação nos movimentos populares*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- POLSTER, Erving & POLSTER, Miriam. *Gestalt-Terapia Integrada*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- POWELL, S. J. John. *As estações do coração*. São Paulo: Loyola, 2000.

- _____; BRADY, Loretta. *Arrancar Máscaras! Abandonar Papeis!* São Paulo: Ed. Loyola, 1989.
- RAHDE, Maria Beatriz Furtado. *Imagem, estética moderna e pós-moderna*. Porto Alegre: Edpucrs, 2000.
- RAMONET, Ignácio. *A Tirania da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- REARDON, Kathleen K. *La persuasión en la comunicación: teoría y contexto*. Barcelona: Paidós, 1991.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. *Gestalt-Terapia Refazendo um Caminho*. São Paulo: Summus, 1985.
- _____. *O ciclo de contato. Temas básicos na abordagem gestáltica*. São Paulo: SUMMUS, 1997.
- RIBEIRO, Walter. *Existência – essência: desafios teóricos e práticos das psicoterapias relacionais*. São Paulo: SUMMUS, 1998.
- ROGERS, Carl R. *Tornar-se Pessoa*. Lisboa: Moraes Editores, 1970.
- ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica Filosófica*. Porto Alegre: Unisinos, 2002.
- ROSENZWEIG, Franz. *El Nuevo Pensamiento*. Madri: Visor Dis, 1989.
- SAFRA, Gilberto. *A face estética do self. Teoria e Clínica*. São Paulo: Unimarco, 1999.
- SAFRANSKI, Rüdger. *Heidegger, um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o Nada*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Hermenêutica, arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SCHÜLER, Donaldo. *Heráclito e seu (dis) curso*. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- SEGUIN, C. A. *Existencialismo y Psiquiatria*. Buenos Aires: Paidós, 1960.
- SFEZ, Lucien. *Crítica da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2000.
- SIMMEL, Georg *Sociologia I e II. Estudos sobre las formas de socialización*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.
- SIMÕES, Roberto Porto. *Relações Públicas: Função Política*. São Paulo: Summus, 1995.
- SOUZA, Ricardo Timm de. *As fontes do humanismo Latino. Volume 2 A condição humana no pensamento filosófico contemporâneo*. Porto Alegre: Edpucrs, 2004.
- _____ . *Ética como fundamento uma introdução à ética contemporânea*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.
- _____ . *Existência em decisão, uma introdução ao pensamento de Franz Rosenzweig*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____ . *O Tempo e a Máquina do Tempo. Estudos de Filosofia e Pós-modernidade*. Porto Alegre: Edpucrs, 1998.
- _____ . *Sentido e Alteridade. Dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre: Edpucrs, 2000.

- _____, OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de. *Fenomenologia Hoje. Existência, Ser e Sentido no Alvorecer do Século XXI*. Porto Alegre: Edpucrs, 2001.
- STEIN, Ernildo. *A caminho de uma fundamentação pós-metafísica*. Porto Alegre: Edpucrs, 1997.
- _____. *A questão do método na filosofia, um estudo do modelo Heideggeriano*. Porto Alegre: Movimento, 1983.
- _____. *Aproximações sobre hermenêutica*. Porto Alegre: Edpucrs, 1996.
- _____. *As fontes do humanismo latino, volume 2, a condição humana no pensamento filosófico contemporâneo*. Porto Alegre: Edpucrs, 2004.
- _____. *Compreensão e Finitude. Estrutura e Movimento da Interrogação Heideggeriana*. Ijuí: Unijui, 2001.
- _____. *Diferença e metafísica, ensaio sobre a desconstrução*. Porto Alegre: Edpucrs, 2000.
- _____. *Seis estudos sobre ser e tempo (Martin Heidegger)*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- TELLEGEN, Therese A. *Gestalt e Grupos*. São Paulo: Summus, 1984.
- TUGENDAHAT, Ernst. *Dialógo em Leticia*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- _____. *Lições sobre Ética*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- TZU, Chuang. *Escritos Básicos*. São Paulo: Cultrix, 1964.

- VATTIMO, Gianni. *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- _____ . *O fim da modernidade. Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. *O corpo fala, a linguagem silenciosa da Comunicação não-verbal*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- WILEY, Norbert. *O Self Semiotico*. São Paulo: Loyola, 1996.
- WOLF, Fred Alan. *A Conexão entre Mente e Matéria*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- _____; TOBEN, Bob. *Espaço-Tempo e Além, em conversa com físicos teóricos*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- YONTEF, Gary M. *Processo, Diálogo e Awareness, Ensaios em Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus, 1998.
- ZINKER, Joseph. *A Busca da Elegância em Psicoterapia*. São Paulo: Summus, 2001.
- _____ . *El Proceso Creativo en la Terapia Gestaltica*. Buenos Aires: Paidós, 1977.

ARTIGOS EM REVISTAS OU PERIÓDICOS

- JORNAL CORREIO DO POVO. *25% das meninas sofrem incesto*. Geral. Porto Alegre: Empresa Jornalística Caldas Júnior, 06 de setembro de 2006.
- GALLI, Loeci Maria Pagano. *Auto conhecimento como habilidade profissional para o Relações Públicas: um enfoque da Gestalt-terapia*. Porto Alegre: dissertação Mestrado, PUCRS, 2000.
- _____ . *O auto conhecimento em busca de realização pessoal e profissional: um enfoque da Gestalt-terapia*. Revista do VII encontro Goiano da Abordagem Gestáltica. O campo criativo os grupos humanos nas Áreas: clínica, hospitalar, educacional e organizacional. Goiânia: Instituto de Treinamento e Pesquisa em gestalt-terapia. 2001, p. 147 a 158.
- VERITAS. *Revista de Filosofia*. Porto Alegre: Edpucrs, v. 44 nº 1. março de 1999.
- VIVER MENTE E CÉREBRO. *Coleção Memória da Psicanálise*. São Paulo: Ediouro. nº 5. 2006.

7 ANEXOS

Anexo A1 Complexo de Édipo segundo Winnicott

Winnicott num texto autobiográfico de 1967, rejeita a regra básica da metodologia freudiana, a que exige a interpretação do material transferencial á luz do Complexo de Édipo ou de regressões aos pontos de fixação pré-genitais. Ele protesta contra a referência à regressão universal com base na satisfação/frustração do id no triângulo edípico. Qualquer anormalidade esteva primariamente no ambiente e só secundariamente na reação da criança. Alertou para a importância decisiva na etiologia de distúrbios psíquicos o ambiente facilitador, o amadurecimento emocional, e não o desenvolvimento sexual.

Qualquer distúrbio decorre em razões de falhas ambientais ocorridas em diferentes fases do processo de amadurecimento da criança.

O lugar do conceito de pulsão é ocupado pela necessidade do indivíduo humano de ser, de continuar crescendo e de ser si-mesmo, as necessidades e instintos podem ser englobadas sob o título de urgências em gestalt contato-figura-fundo, em Heidegger decorrência do ser-no-ser caracterizada pela urgencialidade, em vez de pela pulsionalidade.

Para Winnicott a abordagem ortodoxa do ser humano não cedem nenhum lugar para a experiência cultural, trata-se de um fenômeno que não acontece no aparelho psíquico, mas no espaço potencial, uma área entre a mãe e o filho que não é nem externa e nem intrapsíquica, o mundo acha-se lá para o relacionamento apenas à medida que é obviamente

percebido. Fala-se de relacionamento entre pessoas e mesmo sobre coisas que não são meros objetos externos objetivamente percebidos como os de uso cotidiano. No início da vida o bebê não é um sujeito, pois nem existe como indivíduo. A criança precisa chegar a existir antes de poder dependente executar operação mental (desejar, projetar, pensar, atuar, etc.).

Mesmo adulto escapam cotidianamente da condição de sujeito, pois na maioria das vezes, cuidam dos problemas das suas vidas apoiados em sua identidade primária, adquirida muito cedo.

Winnicott limitou o uso do conceito de inconsciência freudiano à descrição de excitações instintuais e fantasias correspondentes reprimidas. Trata-se de fatos objetivos da vida psíquica de algo que foi reprimido por ser inaceitável à consciência, mas que tende a se tornar consciente. O inconsciente winnicottiano consiste do não-acontecido (mas que precisa acontecer) e do “desacontecido” mas que precisava continuar sendo, algo que pode escapar à recordação ou à elaboração simbólica.

Anexo A2 Complexo de Édipo segundo Alice Miller

Anexo B 25% das Meninas Sofrem Incesto

Edição Correio do Povo, 6 de setembro de 2006, pg 7 (quarta-feira).

Refere dado divulgado durante seminário na capital em que se discutiu saídas para acabar com a violência refere que uma em cada quatro meninas e um entre seis meninos sofrem incesto no RS. Os abusos sexuais cometidos por familiares raramente são denunciados e costumam se prolongar, sustentados por rede de chantagens e ameaças.

Além do assunto ser pouco abordado, outras dificuldades impedem que o ciclo de abusos tenha fim. A tendência é de que a criança tente esquecer o que aconteceu. A criança fica cercada de um silêncio aprisionante segundo a psicanalista Graça Pizá, da Clínica Psicanalítica da Violência, do Rio de Janeiro.

Anexo C Origem Mítico-Etimológica da Hermenêutica.

O mito reflete a posição que os seres humanos ocupam na sociedade e também a relação dos homens com a natureza e relações dos homens entre si.

Segundo Commelin (1997 p.VII), “A mitologia é evidentemente uma série de mentiras. Mas essas mentiras foram durante longos séculos, motivo de crença. Elas tiveram, no espírito dos gregos e latinos, o valor de dogmas e de realidades”.

O mito fornece modelos para a conduta humana, conferindo significação e valor à existência.

Para Eliade, (1998, p.11), o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. Ele conta uma história sagrada; relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, narra façanhas dos entes sobrenaturais. O mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma “história verdadeira”, porque sempre se refere a realidades. O mito da origem da morte é “verdadeiro” porque é provado pela mortalidade do homem.

O mito é um ingrediente vital da civilização humana; ele é uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente. Não é uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma codificação da religião primitiva e da sabedoria prática.

O mito está como uma forma impressa para o homem, uma espécie de arquétipo da humanidade. O mito é algo vivo, criativo, produz e é criador de sentido. Neste trabalho, ele está representando um aspecto da vida e do ser humano. Através desta imagem, pode-se buscar uma autocompreensão como um-ser-no-mundo. Portanto, ele pode expressar uma experiência existencial fundamental. Fica aqui o convite para entrar neste universo do mito acima descrito.

Mercúrio era filho de Júpiter e Maia, filha de Atlas. Os gregos chamavam-no Hermes isto é, intérprete ou mensageiro. Mensageiro dos deuses e, em particular, de Júpiter, servia-os com zelo incansável e sem escrúpulo, mesmo em casos pouco honestos. Como ministro ou servidor participava de todos os negócios. Vemo-lo tratando da paz e da guerra, das querelas e dos amores dos deuses, do interior do Olimpo, dos interesses gerais do mundo no céu na terra e no inferno. Presidia os jogos, as assembléias, escutava os pleitos. Respondia por si mesmo ou conforme as ordens recebidas.

Deus da eloquência e da arte de bem falar, era também o deus dos viajantes dos mercadores e até dos ladrões. Embaixador plenipotenciário dos deuses, assiste aos tratados de aliança, sanciona-os, ratifica-os e não permanece estranho às declarações de guerra entre as cidades e os povos. De dia, de noite, não cessa de estar vigilante, atento, alerta. Numa palavra, é o mais ocupado dos deuses e dos homens. Se é precisa proteger Juno lá está ele junto a ela, se é preciso vigiá-la, impedi-la de urdir alguma intriga, lá está ele de novo, sempre disposto a cumprir seu dever. Foi a ele que os deuses confiaram a missão delicada de conduzir diante do pastor Páris as três deusas que disputavam o prêmio da beleza.

Tantos atributos diversos, concedidos a Mercúrio lhe conferiram uma importância considerável nos conselhos dos deuses. Por outro lado, os homens ainda cresciam suas qualidades divinas, atribuindo-lhe mil talentos industriais. Não só contribuía para o desenvolvimento do comércio e das artes, como seria o primeiro que inventou os primeiros caracteres da escrita, ajustou a harmonia das frases, deu nome a uma infinidade de coisas, instituiu práticas religiosas, multiplicou e consolidou as relações sociais, ensinou dever aos esposos, ensinou aos homens a luta, a dança e em geral, todos os exercícios do estágio que

requerem força e graça. Além disso, foi o inventor da lira, em que pôs três cordas e que se tornou o atributo de Apolo.

Suas qualidades não deixavam de ser compensados por alguns defeitos. Seu humor inquieto e capciosa suscitaram-lhe mais de uma querela com os outros deuses. O próprio Júpiter, esquecendo um dia de todos os serviços desse servidor devotado, expulsou-o do céu e reduziu-o a guardar os rebanhos na terra.

Ainda criança, esse deus dos mercadores e dos ladrões roubou o tridente de Netuno, as flechas de Apolo, a espada de Marte, o cinto de Vênus. Também roubou os bois de Apolo. Mas, em virtude de um acordo pacífico, trocou-as por sua lira.

Como divindade tutelar, Mercúrio é ordinariamente representado com uma bolsa na mão. Alguns monumentos representam-no com uma bolsa na mão esquerda e, na outra um ramo de oliveira e uma clava, símbolos respectivos da paz (útil ao comércio) e da força e da virtude (necessárias ao tráfico). Na qualidade de negociador dos deuses, ele leva na mão o caduceu, o bastão mágico ou divino, emblema da paz. O caduceu é entrelaçado por duas serpentes, de sorte que a parte superior forma um arco. Além disso, é encimado por duas asinhas.

Mercúrio têm asas em seu capacete e, às vezes, nos pés, para ressaltar a ligeireza de sua corrida e a rapidez com que executa as ordens. É raro vê-lo sentado, seus diferentes ofícios no céu, na terra e no inferno, mantinham-no em contínua atividade.

Mercúrio, é pai do deus Pã, fruto de seus amores com Penélope. Houve também outras deusas. Como Hermes era o nome grego de Mercúrio, chamavam-se por esse nome certas estátuas feitas de mármore. Os outros povos da Grécia e inclusive, mais tarde, os romanos colocavam Hermes nos cruzamentos das cidades e das grandes estradas, porque Mercúrio presidia as viagens e os caminhos. Quarta-feira é o dia consagrado a Mercúrio.

Para os gregos, Hermes regia as estradas, porque andava com incrível velocidade, pelo fato de usar sandálias de ouro, se não se perdia à noite, era porque “dominando as trevas”, conhecia perfeitamente o roteiro, não se perdendo nas trevas, sobretudo podendo circular nos três níveis, o filho de Maya acabou por ser um *deus psicopompo*, quer dizer, um condutor de almas.

Ele era considerado o protetor dos viajantes, o deus das estradas. Como “guardião” dos caminhos, cada transeunte lançava uma pedra, formando um *hérmaion* (lucro inesperado), descoberta feliz proporcionados por Hermes. Assim, para agradecer ou para obter bons lucros, formavam-se, verdadeiros montes de pedra à beira da estrada em honra do deus.

Segundo Luiz Rohden (1999, p.110), sobre a origem mítico-etimológica da hermenêutica pode-se dizer que a hermenêutica tem uma história que remonta à mitologia grega. Historicamente ela foi apresentada com um sentido, uma metodologia e uma finalidade próprias. O termo hermenêutica tem sua origem na mitologia grega, mais especificamente em Hermes.

Diferentemente dos demais deuses que vivem no Olimpo, Hermes é um deus próximo dos homens. Aristófanes vê nele o mais amigo dos homens. Habitado à terra dos mortais, ele se concebe como um mensageiro, que vem de longe e que tem pressa para partir. Nele não há nada fixo, estável, circunscrito. Ele representa o movimento, a passagem, a mudança de estado, as transições, os contatos entre elementos estranhos. Na casa, o seu lugar é junto da porta, protegendo a soleira, ele é aquele para quem não existe nem fechadura, nem cerca, nem fronteira.

Afirma-se que Hermes nasceu no dia 4, numa caverna do monte Cilene, ao sul da Arcádia. Narra o mito que, apesar de enfaixado e colocado no vão de um salgueiro, árvore sagrada, símbolo da fecundidade e da imortalidade (o que traduz, de saída, um rito iniciático), o menino revelou-se de uma precocidade extraordinária. No mesmo dia em que veio à luz, desligou-se das faixas, demonstração de seu poder de ligar e desligar.

Só Hermes, filho da união de Maya com Zeus, é deus. Os restantes são mortais apesar de serem filhos de deuses, à exceção de Sísifo. Há um princípio geral da mitologia clássica, segundo o qual são deuses os filhos de duas divindades e mortais os filhos de um deus com uma mortal ou de uma deusa com um mortal.

Recém-nascido ainda, Hermes, roubou parte de um rebanho de Apolo. Escondeu-se numa gruta e matou uma tartaruga. Com a carapaça e tripas desta fez a primeira lira.

Mas Apolo descobriu o paradeiro de Hermes e acusou-o perante sua mãe (Maya), que negou, pois ele era apenas um recém-nascido. Apolo acusa o pai de Hermes, que interroga, mas o filho nega o furto. Convencido da mentira pelo pai, é obrigado a prometer que nunca mais faltaria com a verdade. Hermes concordou, acrescentando porém que não estaria obrigado a dizer a verdade por inteiro.

Atribui-se-lhe também a invenção da palavra e das línguas, da lira, do fogo, da flauta, ele era hábil em toda classe de furtos e enganos, protetor dos mentirosos e ladrões, condutor das almas ao inferno.

Hermes é uma divindade complexa, “com múltiplos atributos e funções”, que parece ter sido inicialmente um deus agrário, protetor de pastores, sendo representado também com um carneiro sobre os ombros.

Sem dúvida, a grande tarefa de Hermes consistia em ser o intérprete da vontade dos deuses. Por ordem expressa de Zeus, cumpriu a ingrata missão de levar a Prometeu o *ultimatum*, para que revelasse o grande segredo que tanto preocupava o pai dos deuses e dos homens. A ele coube igualmente a grata tarefa de conduzir Psiquê para o Olimpo, com o fim de se casar com Eros.

É importante salientar a relação que Hermes tem com o mundo dos homens - um mundo por definição “aberto”, que está em permanente construção, isto é, sendo melhorado e superado.

Hermes é inatingível, ele usa o capacete de Hades que o torna invisível, as sandálias aladas, que anulam as distâncias, e uma varinha de mágico que transforma tudo o que toca. É também aquilo que não se pode nem prever, nem reter: o fortuito, a boa ou má sorte, o inesperado. Estabelece relações entre os deuses e entre os deuses e homens, entre as leis universais e as formas de cultura.

Na hermenêutica contemporânea, Hermes é o deus do sentido, porque põe em comunicação os diferentes níveis de uma realidade aberta.

Na hermenêutica percebe-se a circularidade que estava desde sempre presente no modo de agir e proceder de Hermes. Como a hermenêutica não possui uma identidade unívoca, e como o ser expressa-se de diferentes modos e possui inúmeros e distintos atributos, a mobilidade de Hermes constitui um traço fundamental da metodologia hermenêutica.

A hermenêutica surgiu e progrediu como teoria da interpretação sempre que houve necessidade de traduzir literatura autorizada, quando não permitiam acesso direto a ela ou por diferenças da linguagem. A interpretação literária tem a sua origem no sistema educativo grego, no qual auxiliou a interpretação e a crítica de Homero e outros poetas.

Uma segunda fase foi a formulação de uma metodologia para a interpretação de textos profanos, no renascimento e no humanismo, quando momentos literários clássicos voltaram a ser estudados. Este interesse ético-pedagógico foi ainda mais pronunciado na exegese bíblica. Praticamente todas as religiões que se assentam num texto sagrado desenvolveram sistemas de novas interpretações. Se antes a hermenêutica era o compreender de textos, agora para Heidegger (1997), é um compreender que se constitui como totalidade, porque é um compreender no mundo, e este é a própria transcendência: estamos envolvidos com os objetos do mundo e descrevemos o mundo no qual se dão os objetos.

O mito pode ser visto como uma busca de explicação das origens e do funcionamento do universo.

Escudarse en teorías

Las creencias que se defienden con más énfasis suelen ser precisamente aquellas que no son correctas pero encajan en nuestro sistema educativo.¹ La dogmatización de esas afirmaciones falsas protege al individuo de un despertar doloroso (véase A. Miller 1988a, cap. 7). Las teorías freudianas de la sexualidad infantil, del complejo de Edipo y del instinto thanático cumplen también esas funciones. En principio, Freud había descubierto en sus tratamientos -practicados aún en parte con ayuda de la hipnosis- que todos sus pacientes, masculinos y femeninos, habían sido niños maltratados y que los síntomas de sus trastornos eran el lenguaje en el que explicaban su historia (véase s. Freud 1896). En 1896, tras informar de sus hallazgos a la comunidad de los psiquiatras, se vio completamente aislado, a solas con su descubrimiento, que ninguno de sus colegas quiso compartir con él. No soportó por mucho tiempo esa soledad. Pocos meses después, en 1897, calificó los relatos de sus pacientes sobre abusos sexuales como meras fantasías que había

1. El material en que se basan los hechos formulados en este capítulo se halla en mis anteriores libros. El lector comprenderá con más facilidad todo lo referente a Freud y el psicoanálisis si tiene presente la tercera parte de *nu sollst nicht merken*. (N. de A.M.)

que atribuir a sus tempranos deseos instintivos. La humanidad había sido brevemente despertada de su letargo, pero a hora podía volver a sumirse en él.

Toda persona que se halle ante casos de niños maltratados, y observe hasta qué punto algunos individuos reprimen y niegan esas experiencias, ha de sentir necesariamente una fuerte inquietud, pues no podrá evitar preguntarse qué le sucedió a ella misma. En vista de que algunas víctimas de manifiestos malos tratos graves son capaces de negarlos totalmente, ¿cómo puede uno estar seguro de su propia memoria? Freud se cuestionó esto mismo cuando todavía estaba abierto a preguntas y aún no se había parapetado contra ellas con teorías. En esa época manejó varias hipótesis, entre ellas una atribución global de la culpabilidad al padre, como podemos leer en una de sus cartas a Fliess :

Por desgracia mi padre fue uno de esos individuos perversos, y es culpable de la histeria de mi hermano (cuyas actitudes son todas ellas identificaciones) y de las de algunas de las hermanas pequeñas. La frecuencia con que aparece esa situación me da a menudo mucho que pensar (Carta 120, en S. Freud 1986, pág. 245).

Cualquiera puede constatar en sí mismo los temores que le provocarían semejantes reproches al padre. Es fácil imaginarse cuánto más peligrosos debían de resultar tales planteamientos hace cien años. Quizá Freud hubiese sido lo bastante fuerte para investigar su hipótesis acerca del padre si alguna persona le hubiera apoyado. Pero su amigo más íntimo, Wilhelm Fliess, no mostró ningún interés por el hallazgo de Freud. En cambio,

su hijo Robert Fliess, psiquiatra y analista, publicaría tres libros (lamentablemente aún no traducidos del inglés) con material muy interesante acerca de los abusos sexuales practicados por padres y madres en sus propios hijos. Robert Fliess necesitó cuarenta años para averiguar que su propio padre le había sometido a abusos sexuales cuando él tenía dos años, coincidiendo temporalmente con la renuncia de Freud a la verdad. En su libro, Fliess reveló al público su historia personal porque estaba convencido de que su padre, Wilhelm, había hecho desistir a Freud de desarrollar su teoría de los traumas. Tal teoría habría provocado en su padre sentimientos de culpabilidad a causa de lo sucedido (véase R. Fliess 1973). Hasta qué punto es correcta esa suposición, eso es algo que difícilmente podemos juzgar desde fuera.

Aparte de ésta, existe toda una serie de explicaciones para la traición de Freud a la verdad en 1897. Todas tienen en común una cosa: hacen responsable de esa grave decisión a aspectos concretos de la vida de Freud.

Es posible que todos esos factores jugaran un papel más o menos importante, o incluso que se complementen los unos a los otros. Pero, en cualquier caso, deben su efectividad al viejo mandamiento que nos hace cerrar los ojos a la verdad, y que aún hoy en día sigue prohibiéndonos ver lo que los padres les hacen a sus hijos. Pese a la fuerza de ese mandamiento, ha habido ya varios terapeutas aislados que han intentado liberarse de él, como por ejemplo Sandor Ferenczi y Robert Fliess. Pero para alcanzar esa independencia y clarividencia hace falta poner en tela de juicio a los propios padres, afrontar los miedos y dolores que

causa la renuncia a determinadas ilusiones y contar con la ayuda y el apoyo de otros que también quieran superar su ceguera o que ya lo hayan conseguido. Por eso no es, en el fondo, sorprendente -sin dejar de ser funesto- el que Sigmund Freud se doblegara, hace noventa años, a ese mandamiento, a sus miedos y a su represión.

Lo mismo haría más tarde Wilhelm Reich, al desarrollar una teoría que le ayudaría a distanciarse del dolor del niño que fue, víctima de una temprana y duradera explotación sexual. En lugar de sentir lo doloroso que es verse engañado por los adultos en quienes se confía y obligado a someterse a ello sin poder defenderse, Wilhelm Reich afirmó toda su vida, hasta la psicosis: ¡yo lo quise así, lo necesitaba, todos los niños lo necesitan!

Pero nuestra comprensión hacia Reich y Freud no debe impedirnos ver el gran perjuicio que Freud causó a la humanidad con su teoría de los instintos. En lugar de tomar en serio su propia desgracia personal, echó mano de teorías para atrincherarse contra ella. Además, al fundar una escuela y dogmatizar sus tesis, dio lugar a una institucionalización de la falsedad que confirió a las mentiras de la pedagogía una supuesta legitimidad científica, dado que los dogmas de Freud encajan con la creencia, ampliamente difundida, de que el niño es malo y pérfido por naturaleza y, para llegar a ser bueno, debe ser educado por los adultos. Esa perfecta concordancia con la pedagogía confirió a su vez al psicoanálisis un gran prestigio en la sociedad, y la falsedad de sus dogmas ha permanecido largo tiempo encubierta (véase A. Miller 1981, nota pág. 9 y págs. 19-61). El amparo pedagógico que ofrecen esas teorías

es tan grande, que incluso el movimiento feminista no ha sido capaz de detectar el engaño, de manera que incluso mujeres muy comprometidas con la causa han considerado la teoría de los instintos como un avance y no como una negación de los malos tratos sufridos por los niños.

Muchas personas siguen opinando que no puede culparse a Freud de que determinados psicoanalistas ignoren la realidad y sean inexactos y poco dignos de confianza, pues al fin y al cabo Freud fue un genial precursor. Algo parecido sucede con C. G. Jung. Se idealiza al padre a costa de los «hijos» e «hijas». Pero no son éstos quienes han inventado el psicoanálisis; fue el «padre» quien lo inventó, y quien, al dogmatizar su negación de la verdad, tapó los ojos y los oídos de los «hijos» e «hijas». Estos tenían escasas oportunidades de rebatir, con ayuda de sus propias experiencias, las afirmaciones del «padre», pues los dogmas no pueden rebatirse. El dogma se alimenta del miedo de sus partidarios a ser excluidos del grupo. El dogma basa su poder en ese miedo, y es a ese poder a quien hay que atribuirle el que algunas personas «trabajen» treinta o cuarenta años con niños maltratados o adultos que lo fueron sin percibir en absoluto los hechos, de modo que ni siquiera los pacientes tienen acceso a su propia verdad. Dado que el juego con palabras, asociaciones y especulaciones se orienta hacia las «fantasías» del paciente, dejando de lado sus antecedentes reales en la infancia, los resultados no sólo están faltos de la necesaria precisión y garantía, sino que ni siquiera pueden ser revisados (véase A. Miller 1981, págs. 320-325).

En mi opinión, el culpable de la dogmatización de la teoría de los instintos es el propio fun-

dador del psicoanálisis. Cuando una persona califica la renuncia a la verdad como un gran avance científico y funda una escuela que confirma a los discípulos en su ceguera, ya no nos hallamos ante un simple asunto privado. Se trata de un pecado contra los intereses de la humanidad, aunque fuera cometido inconscientemente. Pero ésa es al fin y al cabo la condición previa de toda infracción: si la persona fuera plenamente consciente de su situación, de su historia y de su responsabilidad, no la cometería.

En los últimos años he aprendido más que a lo largo de toda mi vida acerca de la situación del niño en nuestra sociedad y acerca del bloqueo mental y emocional de las personas formadas en el pensamiento psicoanalítico. Como consecuencia de ese bloqueo, se somete con frecuencia a los pacientes a un prolongado tratamiento que consolida la antigua culpabilización del niño, lo cual apenas puede producir otra cosa que depresiones. La manera más eficaz de escapar a tales depresiones es tomar la decisión de convertirse uno mismo en psicoanalista; así se puede, con la ayuda de . teorías que constituyen una barrera contra la verdad, proseguir con la consolidación de la situación, aunque, eso sí, a costa de otras personas. El psicoanálisis se adorna injustificadamente con calificativos como «progresista» o «revolucionario», a los que se aferra igual que a sus dogmas. Pocos jóvenes prestarían oídos a un bisabuelo de noventa años que intentara dictarles su definición de progreso. Pero muchos, en cambio, permiten que su analista se lo dicte en el sagrado nombre de Freud, y no se dan cuenta de que las ideas que se le transmiten tienen por lo menos noventa años de antigüedad y no han sido nunca

modificadas desde entonces, porque los dogmas no se pueden modificar. Y a través de la influencia de los psicoanalistas sobre sus pacientes, la pujanza de esos dogmas se extiende también fuera de los círculos especializados, bloqueando así el acceso a las realidades.

Con frecuencia oigo decir que el descubrimiento de los malos tratos a los niños se debe al psicoanálisis. Semejantes errores me hacen ver en toda su dimensión la confusión reinante en este terreno. Pues el psicoanálisis es y ha sido responsable de que esos hechos queden encubiertos. Ese confusionismo no me sorprende, pues yo misma fui durante largo tiempo incapaz de ver claro.

Aunque no creía en los dogmas, no era consciente de la función que éstos desempeñan: impiden tomar en serio los nuevos hechos y percatarse de las viejas negligencias.

Recibo numerosas cartas que confirman esta aseveración. Entre ellas, la de un conocido psicoanalista que me hacía saber que en sus cuarenta años de práctica psicoanalítica había conocido a muy pocas víctimas de abusos sexuales. Algunas mujeres afirmaban haber sufrido agresiones sexuales, pero a lo largo del tratamiento psicoanalítico «salía a la luz» que se trataba de fantasías atribuibles al deseo infantil de inducir al padre a tales actos y ponerlo en contra de la madre. El autor de la carta afirmaba también, basándose en psicoanalistas como Fenichel y Nunberg, que todo niño disfrutaría teniendo relaciones sexuales con sus padres si no fuera porque el incesto está prohibido. Según él, los sentimientos de culpabilidad y las neurosis se producen porque la sociedad prohíbe esa clase de relaciones; la causa de los problemas sería, pues, esta

prohibición. Esta y otras muchas cartas me muestran con aterradora claridad hasta qué punto ha llegado el psicoanálisis clásico en su negación de la realidad. Pues según los datos del norteamericano Lloyd de Mause, historiador de la psicología, en el año 1986 se estimaba ya que más de la mitad de las mujeres norteamericanas habían sufrido abusos sexuales durante su infancia (L. De Mause 1987).

Viviane Clarac refiere en su libro de 1985 que su padre, un diplomático de alto nivel, la violó cuando tenía cinco años y abusó sexualmente de ella a lo largo de los diez años siguientes. A los veinticinco años se sintió incapaz de seguir a solas. Con su secreto y se dirigió a un centro de asistencia a mujeres violadas. La asesora intentó hacerle comprender que las relaciones «incestuosas» no eran raras y que no tenía por qué avergonzarse de su voluptuosidad. Las esperanzas de comprensión de Viviane se vinieron abajo y, aunque pidió otra cita en el centro de asistencia, no volvió a aparecer por allí. ¿Para qué hacerlo? Pero muchos sí que vuelven y se dejan embarullar aún más, durante toda la vida.

Ignoro por qué aquella terapeuta en concreto se sirvió de argumentos que pretendían disimular un caso grave de abuso sexual y produjeron el desconcierto de la víctima. Ignoro a qué factores personales se deba su ceguera, pero sí sé por qué no era incapaz de ver claro y de dónde procedían sus creencias. Conozco tales creencias gracias a mi propia educación y a mi formación como psicoanalista: los padres siempre son inocentes. Esa visión resulta tan dominante, que muchas personas no son capaces de darse cuenta de lo que significa -y de las consecuencias que aca-

rrea- el que se califique al abuso de poder y al engaño como «relación» incestuosa o como fantasía. Nadie está en condiciones de imaginar se con ayuda de la fantasía el terror al que algunos niños se ven sometidos diariamente y en la pura realidad. Freud cerró a cal y canto las puertas a la percepción de los abusos sexuales y escondió la llave con tal eficacia que a varias generaciones les ha sido imposible encontrarla. Y aún hoy resulta raro oír a un freudiano decir: «¿Cómo fue posible que no viéramos todo eso? Nos hemos pasado noventa años escuchando a adultos que fueron niños maltratados y confirmándolos en la represión de sus sentimientos. Esas personas querían creer que nada les había ocurrido, y los síntomas persistían. ¡Hemos estado aliados con la mentira!». En lugar de ser así, casi todos, en coro, dicen lo mismo: «Freud nunca negó que, aparte de los abusos sexuales imaginarios, puedan existir casos reales (!), pero las víctimas de éstos raramente acuden a la consulta del psicoanalista». Desgraciadamente sí acuden. Acuden durante largo tiempo y pagan una buena cantidad de dinero a cambio de ver cómo se falsea la realidad y se niega la culpabilidad de los padres. Se echan en el diván cuatro veces por semana, cuentan lo que se les ocurre y esperan el milagro que nunca sucede y que nunca puede suceder. Pues lo único que produciría el milagro sería la verdad, y la verdad está proscrita.

Una mujer de setenta y nueve años de edad me escribió desde los Estados Unidos, contándome que a causa de graves depresiones había estado cuarenta años en tratamiento psicoanalítico con ocho especialistas diferentes. Hasta que leyó mis libros no comprendió que había sido objeto de graves malos tratos durante su infancia, hecho

que durante todos sus tratamientos no había podido ver. Los psicoanalistas buscaban las causas de la crueldad de sus padres en la vida instintiva de la paciente, y siempre los defendían. La mujer citaba la última frase de mi libro *por tu propio bien*: «Pues el alma humana es prácticamente indestructible, y su capacidad para resucitar de la muerte seguirá funcionando mientras el cuerpo viva», y continuaba: «Por primera vez me siento verdaderamente viva, desde que me he deshecho de esos sentimientos de culpabilidad, desde que no me esfuerzo en perdonar crueldades inconcebibles».

La teoría de los instintos y las graves consecuencias que resultan de ella no son más que parte de los muchos ejemplos de la negación de la realidad. La sociedad siempre se ha escudado cerrando los ojos a la realidad de los niños maltratados. En el siglo XVIII estuvo de moda durante un tiempo escribir autobiografías. Es terrible lo que esos relatos refieren acerca de la infancia. Pero resulta significativo que esas narraciones pasaran rápidamente de moda, siendo sustituidas por teorías psicológicas, sociológicas y sobre todo desorientadoras y hostiles a la vida. En su interesante libro de 1987, el pedagogo Carl-Heinz Mallet recurre a una larga serie de escritos pedagógicos a fin de revelar las criminales consecuencias de esas teorías. Gran parte del daño que hoy hacemos a los niños sería perfectamente evitable si nuestra sociedad adulta, los padres, los médicos, los maestros, los educadores y otros estuvieran mejor informados acerca de la situación del niño, de las consecuencias de los malos tratos y sobre todo acerca de una serie de hechos concretos.

Un gran punto de inflexión en mi vida fue el momento en que me di cuenta de que las teorías psicoanalíticas *también* imposibilitan la difusión de esas informaciones, contribuyendo así a que los malos tratos a que se somete a los niños no puedan ser reconocidos.

La argumentación de Freud jamás habría tenido tanto éxito de no ser porque la mayoría de las personas se ha educado en la misma tradición. De lo contrario, sus discípulos habrían advertido quizás a no tardar que ese supuesto argumento en realidad no es tal. Freud escribe que es inverosímil la existencia de tantos padres perversos, y por ello califica de fantasías los relatos de sus pacientes femeninas. Eso no es un argumento, sino una pueril negación de la realidad, que culmina en la frase: «Quiero a mi papá, mi papá es grande y bueno y no puede haber hecho nada malo, porque eso sería inconcebible para mí, porque para vivir necesito creer que mi papá me quiere, me protege, no me maltrata y se hace cargo de su responsabilidad».

Quien conozca un poco las familias en las que los niños sufren abusos sexuales, sabrá que el padre responsable de tales abusos no es necesariamente identificable, de puertas afuera, como un individuo pervertido. A menudo su perversión no traspasa los límites de la familia. La sociedad sólo castiga a los paidófilos sin hijos. El hijo es propiedad de los padres, lo cual hace posible que esos comportamientos aberrantes, absurdos y perversos destruyan vidas impunemente sin que nadie se dé cuenta. Si la hija maltratada ingresa esquizofrénica en una clínica y el psiquiatra la atiborra de medicamentos para que sepa todavía menos que hasta entonces, esa mujer jamás lle-

gará a saber que fue básicamente el comportamiento de su padre lo que la llevó a la locura. Pues para salvar la imagen del padre, para poder ver algo bueno en su infancia, debe ignorar la verdad. Antes que eso, prefiere «perder» la razón. Antes de publicar mi primer libro, di una conferencia sobre el conformismo de los psicoanalistas y la presumible historia de sus infancias. Tras la conferencia me preguntaron: «¿No pretenderá usted en serio que todos los psicoanalistas fueron en su día niños maltratados?». Respondí: «No puedo saberlo, sólo presumirlo. Pero yo diría que, si se es consciente de los malos tratos sufridos en la infancia -por cierto, muy habituales- y no se necesita seguir negándolos, no se puede ser psicoanalista. Si se logra eso, las teorías psicoanalíticas dejan de tener sentido».

Mi suposición se reforzó posteriormente, cuando supe que existen psicoanalistas que no recuerdan en absoluto los primeros diecisiete años de su vida y no ven en ello nada de particular. Hay que deducir que quien haya reprimido de manera tan global su propia infancia y pubertad hará todo lo posible para no verse confrontado, a través de sus pacientes, con sus propios sufrimientos personales. Freud puso los medios necesarios para ello, y los psicoanalistas con problemas recurren a esos medios como un adicto a su droga. Esa droga la pagan con su ceguera.

Una periodista me explicó una vez que un psiquiatra jubilado, antiguo jefe médico de una gran clínica, le había dicho: «No se preocupe usted tanto por los niños maltratados; los niños son capaces de sobrevivir sin grandes dificultades a eso que usted llama malos tratos; los niños son artistas de la supervivencia». Ese médico tenía sin

duda razón con esa frase, pero lo trágico es que I evidentemente desconocía el precio de esa supervivencia. Tampoco sabía que él mismo había pagado y hecho pagar a otros ese precio. Pues durante cuarenta años se ocupó de sus pacientes, les recetó medicamentos, les suministró buenas palabras y jamás comprendió que los graves cuadros psicóticos que observaba cada día no eran otra cosa que intentos de hablar de los malos tratos y turbaciones de la infancia utilizando los síntomas como lenguaje.

La médica forense Elisabeth Trube-Becker afirma, basándose en investigaciones recientes (1987), que por cada caso denunciado de abusos sexuales en niños hay que contar con cincuenta casos no denunciados. Si a ello se suman los malos tratos físicos y psíquicos que no son de naturaleza básicamente sexual, se llega a la innegable conclusión de que *los delitos cometidos en niños constituyen el tipo de delito más frecuente*. De esta conclusión se deduce la aterradora revelación de que millones de especialistas (médicos, juristas, psicólogos, psiquiatras y educadores) se ocupan de las consecuencias de esos delitos sin llegar a comprender ni ser capaces de decir qué es lo que tienen entre manos.

Cuando contemplo esta situación con los ojos bien abiertos, me alegro de no estar condenada a convertirme en una estatua de sal y de vivir en la era moderna, lo que me hace posible denunciar una y otra vez esos hechos destructores y causantes de enfermedad, e incluso procurar que otras personas abran también los ojos.

Elisabeth Trube-Becker parece también dispuesta a aprovechar esa posibilidad. No tiene reparo alguno en hablar claro y en llamar por su

nombre a los hechos con los que se ve confrontada diariamente. No hace uso de teorías abstrusas ni de ideologías complacientes cuya finalidad es alzar barreras contra la verdad. Veamos lo que escribe:

En el caso de los abusos sexuales perpetrados en niños, las cifras ocultas son mucho más altas que en otras formas de malos tratos. Por cada caso denunciado de este tipo de delito se producen veinte más que quedan encubiertos. Por lo que respecta a los delitos cometidos en el más estricto ámbito familiar, la cifra aumenta, al parecer, hasta una proporción de un caso denunciado por cada cincuenta encubiertos.

La literatura especializada también se hace raramente eco de la existencia de delitos de abusos deshonrados perpetrados en niños, y cuando informa de ellos califica los hechos de infrecuentes y presenta al niño como inductor. Se hace referencia a la sexualidad y fantasía infantiles, así como a Freud y al llamado complejo de Edipo, que en los últimos tiempos es justamente puesto en cuestión por algunos investigadores.

Se afirma que los niños mienten, apesar de que los niños en la prepubertad - las víctimas más frecuentes de delitos sexuales - no mienten prácticamente nunca, por el simple hecho de que no están en condiciones de fantasear sobre algo que no hayan experimentado.

Los niños, por supuesto, no son seres asexuados. Experimentan sensaciones y deseos. Son curiosos. Desean y necesitan afecto, contacto epitelial y ternura. El niño demanda, de manera natural, calor humano y afecto, y también provechos materiales, pero ningún adulto tiene el menor derecho a abusar de ello con fines sexuales. La responsabilidad sobre lo ocurrido recae siempre en el adulto, y no en el niño, como sostiene recientemente (julio de 1984) incluso una sentencia del tribunal de distrito de Kempton (R.F.A.). El juez adujo en favor del acusado el hecho de que la

iniciativa que condujo al delito «partió, hasta cierto punto, de la víctima, de talante precoz» (y eso tratándose de una niña de siete años).

¿Por qué quedan ocultos tantos de esos delitos?

¿Por qué los abusos sexuales cometidos en niños siguen siendo contemplados como sucesos extraordinariamente raros, que casi no vale la pena mencionar?

Las causas son de diversa naturaleza:

1. Con frecuencia las víctimas son niños de muy corta edad, o bien los abusos sexuales se inician ya en la fase de lactancia o inmediatamente posterior, en una etapa en la que el niño aún no está capacitado para expresarse.

Cuando el padre manipula los genitales de su hijo, o un lactante es utilizado por su madre para fotografías pornográficas (caso del que me ocupé), nos hallamos ante el inicio de una progresiva violencia sexual que puede prolongarse durante años sin ser descubierta. Ninguna persona razonable y dotada de una mínima objetividad aceptará que hechos como la penetración con un dedo de la vagina de una niña de seis meses para comprobar «si la nena ya está madura» -como se mostró en la serie «Sexualidad hoy»- sean casos aislados.

2. El niño algo mayor no se atreve a denunciar el caso, en especial cuando el autor de los abusos es el padre. La autoridad del padre y sus amenazas impiden que el niño se confíe a otras personas en busca de ayuda. Además, ¿a quién puede acudir el niño cuando la persona que debería protegerlo abusa de su confianza de manera tan reprensible?

3. Los niños que logran, pese a todo, revelar los hechos, son acusados de mentir (el 90 por ciento de las víctimas son niñas), considerados culpables de lo ocurrido -ellos mismos se sienten así, o incluso insultados con calificativos como «pequeña puta». Los parientes cercanos los presionan para que retiren sus acusaciones, arguyendo que de lo contrario llevarán a la familia a la ruina y ésta ya no podrá alimentarlos. El niño víctima de abusos sexuales raramente será capaz de efectuar el esfuerzo psíquico necesario para

prestar declaración en semejantes circunstancias, más aún si tenemos en cuenta que en muchos niños se desarrolla un odio al propio cuerpo, al que ven como «culpable» de todo.

«La culpa de todo la tiene mi cuerpo. Si no tuviera cuerpo, papá no podría tocarme» (Charlotte Vale Allen, según Miller 1983).

Incluso algunos colaboradores de centros juveniles, inexpertos en el código de estos problemas, se expresan así: «Seguramente será culpa del niño».

4. También la actitud de la madre, preocupada por la posibilidad de perder al responsable del mantenimiento de la familia, o atenazada por el miedo a su marido, juega un papel en el encubrimiento del delito, en especial porque a menudo ocupa un lugar de segundo orden en la familia o porque desconoce por completo lo que ocurre durante su ausencia.

5. Si se pide consejo a un médico, lo más posible es que éste no incluya las consecuencias del abuso sexual en su diagnóstico. Los médicos muestran una total ignorancia e incredulidad ante los abusos sexuales perpetrados en niños y no reconocen los trastornos del comportamiento de éstos como consecuencia de los abusos sexuales.

Los psicólogos y psicoterapeutas destierran las afirmaciones de los niños al terreno de la fantasía, tal como lo hizo Freud. «A Freud le asustaba la realidad» (Miller 1983).

6. La indiferencia general hacia el más débil, y también el desconcierto de los adultos, que no saben qué actitud adoptar, son otros factores que impiden la revelación del delito.

Los hombres tienen problemas para hablar de los abusos sexuales perpetrados en niños, por temor a ser considerados presuntos culpables. Este es un temor que he advertido en varias entrevistas.

El tema queda de inmediato «bloqueado». Resulta violento admitir siquiera la posibilidad de los abusos sexuales.

7. Si se llega a juicio, suele surgir la impresión de que el incesto es un hecho muy poco frecuente.

Es asombrosa la discreción con que siempre se ha tratado y se sigue tratando a los autores del delito. A la víctima infantil apenas se le presta atención. Se le hace pasar por todas las clases imaginables de exámenes, y finalmente se subraya su falta de credibilidad. En esta tendencia, se llega incluso a justificar especialmente el comportamiento del padre y denigrar el del niño a fin de trivializar el delito.

8. Se suele disfrazar el delito tachándolo de suceso en el que la violencia no juega ningún papel y en el que no hay culpable ni víctima. De hecho, del análisis de la mayoría de los niños víctimas de abusos sexuales se desprende que se trata de sucesos cotidianos y que por regla general no se detectan secuelas negativas (en mi opinión, porque nadie se preocupa de investigarlas).

Es posible que en la mayoría de los casos no se detecten indicios corporales de abuso sexual; pero los trastornos del comportamiento, de mayor o menor gravedad, que pueden afectar al individuo en el posterior transcurso de su vida muestran que los abusos sexuales -en especial cuando el responsable de ellos es el padre- no pasan por la vida de un niño sin dejar secuelas.

Los médicos, tanto clínicos como forenses, sólo se ocupan de los abusos sexuales perpetrados en niños cuando se producen lesiones de los órganos genitales, en casos de embarazo -que hoy en día suelen resolverse mediante aborto-, de contagio de enfermedades venéreas o cuando los malos tratos dejan algún otro tipo de secuela corporal, así como en el caso de la muerte del niño.

9. En opinión de diversos autores -algunos de ellos alemanes- y de numerosos psicoterapeutas, la actitud de las niñas -lo que excluye, supongo, a las lactantes y a las de muy corta edad, a no ser que se aduzca como factor inculpatario sus rollizos muslos o sus pataleos mientras les cambian los pañales- induce con mucha frecuencia a la comisión del delito. Se afirma, entre otras cosas, que las víctimas infantiles de abusos sexuales se muestran extraordinariamente

te interesadas por la sexualidad, y que son a menudo coquetas, atractivas y seductoras.

¡Pobres agresores! Ante semejante cuadro, ¿quién sería tan cruel como para culparles de algo?

Digamos al respecto simplemente que el comportamiento de algunas niñas que quieren poner a prueba, en la seguridad del ambiente familiar, su capacidad de seducción, es completamente normal y no justifica ni el incesto ni los abusos sexuales, ni mucho menos constituye una apelación al adulto a práctica sexual alguna, la cual, por regla general, no es resultado de la iniciativa del niño, sino de la del adulto masculino, sobre el cual recae toda la responsabilidad. De manera totalmente natural, los niños piden ternura, calor humano y afecto, carantoñas o incluso provechos materiales, pero ningún adulto tiene derecho a aprovecharse de eso para realizar actos sexuales. Sin embargo, la culpa de lo ocurrido no se atribuye al adulto, sino que siempre se busca, y por supuesto se halla, en el niño o incluso en su madre.

Son precisamente los psicólogos quienes intentan dar la vuelta a la relación agresor-víctima, convirtiendo al primero en víctima de la seducción ejercida por el segundo, es decir, atribuyendo la responsabilidad de los hechos -la cual, debo subrayarlo, recae siempre en el adulto- a quien no le corresponde.

10. Por último, se afirma que las instituciones estatales no tienen derecho a inmiscuirse en la intimidad de la familia. La familia es tabú. Se la debe preservar en toda circunstancia, aun a costa del niño. El mejor lugar para un niño -se dice- es el seno de la familia. Esto sólo es cierto en caso de que la familia proteja verdaderamente al niño y éste pueda desarrollarse libremente y confiar sin reservas en el resto de los miembros de la familia, y cuando ésta acepte su derecho a la integridad física y psíquica. Pero es falso cuando el adulto ejerce abusivamente su poder y el niño se ve forzado a satisfacer las necesidades sexuales de sus padres o de otras personas.

El incesto es la forma más frecuente de abuso sexual, la que está rodeada de mayor oscuridad, y a la

que contribuyen el imperativo de guardar silencio, la negación de los hechos y también el silencio de los restantes miembros de la familia...

Partiendo de unos pocos casos concretos, los psicólogos concluyen erróneamente que el incesto es un fenómeno infrecuente, y que tiene lugar sólo en ambientes socioeconómicamente menos privilegiados, en las clases bajas, y en conexión con actos de violencia, alcoholismo, desempleo, etc.

Desde el punto de vista de la medicina forense, eso no es exacto. El incesto se produce en todos los niveles sociales, sin distinción de religión o nacionalidad, pero ninguna estadística de criminalidad lo refleja. Las víctimas de más corta edad son niños de ambos sexos...

Según Baurmann (1983), el 90 por ciento de las víctimas de violaciones son mujeres o niñas, dos tercios de ellas en edades que oscilan entre los cinco y los trece años...

Según Kempe (1980), los casos de incesto han aumentado considerablemente, lo cual puede aplicarse también al ámbito europeo. Pero lo más verosímil es que sólo haya aumentado la proporción en que esos casos salen a la luz. La sociedad empieza a preocuparse del tema, y <las hijas ya no se callan> (Miller 1983). Los casos de incesto pueden prolongarse durante muchos años y no ser descubiertos hasta que la muchacha expresa su deseo de abandonar la vivienda paterna y el padre se opone a ello, golpeándola, estrangulándola o incluso matándola.

Con el paso de los años, la hija -en caso de que sienta todavía suficiente aprecio por sí misma como para actuar activamente- logra, por regla general, entablar relaciones fuera del ámbito familiar, hacer amistades y sincerarse con ellas. Esto contribuye a reafirmar su decisión y a insuflarle el valor necesario para abandonar la casa paterna, la cual pone forzosamente fin a las relaciones incestuosas entre padre e hija. No vuelve a hablarse de los hechos, los cuales, por supuesto, no serán recogidos por ninguna estadística, ni mucho menos objeto de persecución judicial.

A veces, tras el abandono del hogar paterno, la muchacha halla el valor necesario para hablar de los abusos sufridos durante años, para romper el impuesto silencio e incluso poner una denuncia.

Pero el deseo de separación puede tener también consecuencias fatales, al igual que la resistencia a los abusos. Un hermano mayor mató a su hermana de dieciséis años porque ésta opuso resistencia; a continuación abusó del cadáver, y estranguló, para acabar, a su hermano de diez años porque éste había sido testigo de los hechos.

No sólo en la antigüedad vivían los niños sus primeros años en un ambiente de abusos sexuales, sino que ello continuó dándose hasta bien entrado el siglo XIX. Besar y succionar el pecho de los más pequeños, tocar los testículos, los pezones y los órganos genitales, lamer la piel con la lengua, sodomizar a criaturas de sexo masculino, vender los niños a burdeles infantiles y muchas otras actividades apenas imaginables estaban a la orden del día. Todas ellas, manipulaciones pedófilas que no debemos favorecer aún más mediante la supresión de las prescripciones penales.

Por lo demás, no sólo es en países asiáticos donde existen en nuestros días burdeles en los que se explota y maltrata sistemáticamente a niñas pequeñas. Numerosas niñas tailandesas están presas en burdeles donde se las fuerza, a golpes y mediante el uso de estimulantes, a ejercer la prostitución. Siete niñas pequeñas que sobrevivieron el 30 de enero de 1984 a un incendio en un burdel relataron que vivían como esclavas. No se les permitía abandonar jamás la casa, y cuando alguna de ellas intentaba fugarse, las encadenaban las unas a las otras. Una de las niñas relató a un médico en el hospital que desde hacía dos años la habían raptado en su pueblo y había sido forzada a tener relaciones sexuales cada día de seis de la tarde a cinco de la mañana con por lo menos doce hombres. Los principales clientes de esos burdeles son turistas europeos, muchos de ellos procedentes de la República Federal Alemana, que satisfacen sus instintos sexuales divirtiéndose con niños forzados a prostituir-

se. En Hong Kong existen incluso prostitutas de cinco años de edad. ¿Qué clase de hombres son éstos que utilizan niños para dar satisfacción a sus apetencias sexuales?

La prostitución infantil también constituye un problema en los países industrializados. Según cálculos de UNICEF, unos dos millones de niños de ambos sexos son víctimas de explotación sexual en todo el mundo. Esos datos no incluyen los abusos sexuales que tienen lugar en el ámbito de la familia (E. Trube-Becker 1987).

Elisabeth Trube-Becker enumera las graves secuelas de los malos tratos sufridos durante la infancia y aporta ejemplos turbadores. Para completar su lista, habría que incluir en ella al imperativo interior que fuerza a las víctimas a repetir en seres indefensos los sufrimientos reprimidos en la infancia, a menos que una persona bien informada les ayude a liberarse de la represión.

Durante mi terapia observé que, cada vez que me enfrentaba interiormente a mis padres, los sentimientos de culpabilidad inculcados por la educación reforzaban mi represión, me obstruían el acceso a la realidad y bloqueaban la vivencia de mis antiguos sufrimientos. Los sentimientos no aparecieron hasta que pude poner en cuestión mi supuesta culpa. Y sólo pude darme cuenta de lo que había ocurrido cuando logré sentir que si mis padres no me habían tenido en consideración, ni tomado en serio, ni percibido, no había sido por culpa mía. Comprendí que no era mi tarea enseñarles a sentirse responsables, que yo, siendo aún una lactante, no había tenido en mis manos el hacer de mis padres personas capaces de amar. Lo único que había podido hacer fue mostrarles que yo era útil, que podían explotarme y que

siempre reaccionaría a ello con una sonrisa. En aquella época, la vida no me ofrecía otra posibilidad.

En cuanto descubri la función bloqueadora de esos sentimientos de culpabilidad, advertí que siempre surgían, impidiéndome dormir, cuando aparecía en mi mente un fragmento de algún recuerdo traumático. Al día siguiente me esforzaba en volver a negar lo que había descubierto la víspera. O bien lo olvidaba, o me veía forzada a negarlo, o bien me sentía terriblemente mal por haber sido capaz de pensar algo tan abominable de mis padres. En mi caso entraba en juego la misma regla invariable que forzó a Freud a traicionar sus hallazgos.

Muchos terapeutas observan a menudo esa resistencia en sus pacientes y la interpretan erróneamente como prueba de que es imposible conocer lo realmente ocurrido. Y el mismo paciente acaba no estando seguro de si describe recuerdos reales o simples fantasías. La lucha interior del niño en favor de la imagen del buen padre o de la buena madre puede llegar a ser tan intensa que no sólo el paciente, sino también todos aquellos que lo rodean sean presa de la confusión. La opinión de Freud, según la cual es posible inventarse algo que sea peor que la realidad vivida, tuvo nefastas consecuencias también en mi caso. Me complacía en creer que todos los signos me engañaban, que no podía ser todo tan terrible, y que lo único malo e injusto eran mis sospechas. Deseaba fervientemente que el psicoanálisis tuviera razón, porque no quería perder la ilusión de haber tenido unos padres que me amaban.

Con el tiempo concebí lo absurdo de la creencia de que los niños se inventan traumas. Nadie

negará la ley natural según la cual el ser humano rehúye el dolor y no lo busca. Busca placer, alegría, sosiego. El masoquismo no es ninguna excepción a la regla, pues obedece al imperativo de acarrear nuevos dolores a fin de que los dolores antiguos permanezcan reprimidos. El masoquista que paga una fuerte suma para que una prostituta lo azote con un látigo, y que se empeña en estar, mientras tanto, sentado sobre un orinal, se halla bajo el imperativo de reproducir el trauma de su educación en la higiene, para mantener reprimido a toda costa el recuerdo de ese trauma. Otra ley de la vida humana consiste en que la idealización de los padres, con la ayuda de la fantasía y de la represión, ayuda al niño a sobrevivir. Atribuir algo malo a la persona a la que se ama y a la que se tiene por modelo iría, pues, en contra de la natural autodefensa y de las leyes de la vida. De esto se deduce que el niño *jamás se inventa traumas*. Al contrario: para poder sobrevivir, debe hacer soportable el dolor con ayuda de la fantasía.

Un instructivo ejemplo de esta afirmación lo tenemos en un caso sobre el que en 1985 informaron durante meses los periódicos americanos: en una escuela de Los Angeles, siete maestros utilizaron para juegos sexuales y sádicos a la mayoría de los más de trescientos alumnos, y ello durante un tiempo relativamente prolongado. Les decían a los niños que sus padres morirían si ellos contaban algo de lo que sucedía. Les mostraban pequeños animales muertos y les decían: mira lo que te puede pasar si cuentas en casa lo que hacemos aquí. Durante largo tiempo, los niños guardaron silencio y soportaron aquel régimen de terror, porque no veían otra salida. Cuando el

asunto salió a la luz en 1985, los siete maestros, incluida la directora, pasaron a manos de la justicia. Los abogados atormentaron a los niños durante meses con sus interrogatorios, hasta que consiguieron la puesta en libertad de la mayoría de los maestros, y a pesar de que las declaraciones de los niños coincidían entre sí. Pese a ello, se logró probar que los niños habían mentado porque nadie entendía el lenguaje de los niños y el papel de la fantasía en sus mentes.

Por ejemplo, algunos niños afirmaron haber matado a un bebé, información "que no pudo ser confirmada. Así que se les calificó de embusteros y se consideró inválidas sus declaraciones. A los jueces no se les ocurrió pensar que los niños habían experimentado su forzosa conformidad con los juegos sexuales como el asesinato del bebé que habían sido un día, y que de aquel modo describían su situación interna. La fantasía del bebé muerto era expresión del suceso real, y por cierto una expresión que se quedaba corta comparada con el verdadero trauma. Pues es más fácil, pese a todo, sentirse autor de un crimen que saber y sentir que uno fue y es víctima inocente que no puede en ningún momento descartar la posibilidad de ser torturada y perseguida. Todo paciente se aferra a fantasías en las que se experimenta a sí mismo en el papel activo para huir del dolor de la indefensión y el desamparo. A cambio de ello se carga de sentimientos de culpabilidad que lo encadenan a la neurosis.

Los hechos recordados y documentados muestran a menudo sólo una pequeña parte del infortunio sufrido por el niño. La mayor parte la forman las experiencias reprimidas que no se pueden explicar. porque nunca han sido vividas de mo-

do consciente. Y un terapeuta a quien asuste la realidad de los niños maltratados jamás logrará dar con ellas. Que el terapeuta asegure: «Siempre creo a mis pacientes», no significa necesariamente que sea capaz de detectar la represión y la negación de los hechos. El terapeuta no puede saber acerca de los hechos concretos del pasado de su paciente más de lo que este mismo se halle en condiciones de averiguar. El paciente debe descubrir los hechos con ayuda de sus sentimientos, debe examinar sus hallazgos y cuestionar sus propias afirmaciones, hasta que esté seguro de que tal cosa y tal otra sucedieron realmente. Pero el terreno de lo posible es infinito, y eso debe saberlo el terapeuta. No hay nada a lo que no se pueda someter a un niño. Esa certidumbre hace al terapeuta capaz de acompañar al paciente durante su viaje, un recorrido que a menudo pasa por infiernos y cámaras de tortura. Hay que perderse una y otra vez por esos lugares hasta que el paciente pueda revivir todos los detalles de la escena traumática, de manera que los efectos del trauma se disipen y la herida pueda por fin cerrarse.

Pero la mayoría de los terapeutas que he conocido no sabían nada de la existencia de esas cámaras de tortura. Se contentaban con admitir que en toda infancia hay momentos difíciles, como por ejemplo separaciones de los padres o el nacimiento de hermanos pequeños, o cualquier clase de «frustraciones inevitables». Cuando no pueden clasificar el comportamiento de los padres en el apartado de las frustraciones inevitables, hablan de una «psicosis latente» de la madre o del padre, y con ello eluden nuevamente el problema de los reales malos tratos. Es muy posible que a veces

el comportamiento de los padres entre en el terreno de las psicosis, pero lo importante es saber que la sociedad hace oídos sordos a ese comportamiento mientras sea el niño quien deba cargar con las consecuencias. Es imprescindible saber eso para poder acompañar y comprender de verdad al paciente, en especial en los momentos en que éste se opone por todos los medios a aceptar la verdad porque esta verdad es inconcebible y hostil a la vida. Pero quien sepa que algunos niños consiguen sobrevivir prácticamente sólo gracias a la represión de las torturas sufridas podrá, con su apoyo, ayudar al paciente a tomar en sus manos la tarea de superar la represión.

Cuando se habla de abusos sexuales, surge siempre la pregunta de por qué la madre de la niña hace caso omiso a sus señales o, con su actitud, impide que la hija le confíe la verdad. Esa actitud de la madre resulta aún más incomprensible cuando se sabe que ella misma, siendo niña, fue víctima de abusos sexuales. Pero la clave para la comprensión del problema se halla precisamente en esa información. Las madres más ciegas y sordas a la situación de sus hijas son precisamente aquellas que durante su infancia se vieron sometidas a malos tratos semejantes y los reprimieron. No soportan que algo les recuerde su propia historia, y por eso dejan a sus hijas en la estacada.

Por desgracia, en este punto el movimiento feminista, que en tan gran medida ha contribuido a llamar la atención de la opinión pública sobre el problema de los niños maltratados, choca también con sus propias fronteras ideológicas. El feminismo localiza el origen del problema en el patriarcado, en el monopolio masculino del poder .

Esta visión simplificadora deja sin respuesta muchas preguntas. Quizás aún no sea posible plantearlas, ya que serían una amenaza para la visión idealizada de la madre. Y, sin embargo, es necesario preguntarse: ¿Cómo puede llegar un hombre a violar a mujeres y niños? ¿Quién lo convirtió en un ser malvado? Según mi experiencia, el responsable no siempre es solamente el padre. Habría que preguntarse también qué posibilidades tiene una mujer oprimida de evitar abusar de sus hijos para satisfacer sus propias necesidades. La sociedad - incluso en las culturas en las que la mujer no cuenta para nada - concede a la madre un poder absoluto sobre sus hijos pequeños. Aparte de esto, cabe preguntarse hasta qué punto una mujer adulta de la que su padre abusó cuando era niña puede asumir sus responsabilidades respecto a su hijo, y, en caso de que mantenga reprimidas sus experiencias infantiles, cómo lo tratará.

Me he dado cuenta de que a algunas feministas no les gusta oír estas preguntas. Sin embargo, les desconcierta constatar una y otra vez que las madres no protegen a sus hijas víctimas de abusos sexuales, sino que las abandonan a su destino o incluso las castigan. Suele darse a este fenómeno una explicación fácil: el miedo al marido. A nadie se le ocurre pensar que una mujer que durante su infancia se sintiera amparada y tuviera una madre protectora aceptara casarse con un hombre al que temiera y que maltratará a sus hijos. Sus antenas la advertirían de ambos peligros.

Con estas reflexiones no pretendo empañar los méritos del movimiento feminista en lo referente al problema de los niños maltratados, sino esti-

mularlo a traspasar las actuales barreras. El empeño de sacar mentiras a la luz no debe verse obstaculizado por nuevas falsedades ideológicas, ilusiones e idealizaciones. La situación de la mujer adulta frente a un hombre brutal no es la misma que la de un niño pequeño. La mujer puede sentirse, a causa de experiencias infantiles, tan impotente como un niño, y debido a ello no ser consciente de sus posibilidades de defenderse; pero la mujer ya no es realmente impotente. Aunque no posea suficientes derechos, y aunque los tribunales se pongan de parte de los hombres, una mujer adulta puede hablar, explicar, buscar aliados, y puede también chillar (si es que no perdió durante su infancia la capacidad de hacerlo). Pero, ante todo, no se ve obligada a reprimir sus sufrimientos, y es capaz de padecer dolores y humillaciones sin que éstos den origen a nuevas heridas. Los traumas sólo producen heridas en el caso del niño, porque dañan a un organismo en fase de crecimiento. Esas heridas pueden curarse si el sujeto se atreve a verlas, o que dar abiertas si sigue sin ser consciente de ellas. Estas ideas quedan ilustradas mediante el ejemplo de una familia en el capítulo 1,6.

El movimiento feminista no se verá debilitado si reconoce por fin que también hay madres que maltratan a sus hijos. Sólo la verdad, por incómoda que sea, confiere a un movimiento la fuerza necesaria para cambiar la sociedad, y no el eludirla o negarla. Tanto la brutalidad de los hombres que maltratan a sus mujeres como la resignación de éstas son consecuencia de malos tratos sufridos en la infancia. Por ello los pequeños, sean niños o niñas, pueden ser víctimas de adultos de *ambos* sexos. El que algunas mujeres

(u hombres) sensibles y no brutales sean incapaces de proteger a sus hijos de la brutalidad de su pareja debe atribuirse a la ceguera y la intimidación sufridas durante su propia infancia. Esa es la verdad pura y simple. Sólo cuando se logre sacar a la luz las raíces de toda violencia se podrá investigar esos fenómenos tal como son, sin adornos ni retoques.

La terapeuta que haya aprendido que todos los males del mundo son culpa de los hombres podrá ciertamente prestar apoyo a sus pacientes femeninas cuando éstas descubran por fin que sus padres, abuelos o hermanos abusaron sexualmente de ellas. La terapeuta no intentará hacerles renunciar a esa verdad, como hacen los partidarios de la teoría de los instintos. Pero mientras siga oculta la verdad acerca de la madre que consintió los malos tratos, que no protegió a su hija y pasó por alto sus sufrimientos, no se percibirá, no se considerará verdadera la plena realidad de la infancia. Y mientras la mujer no reviva sus sentimientos de niña, el rencor hacia los hombres, que a hora ya puede sentir, quedará impotente. Es posible incluso que permanezca asociada a la fidelidad y dependencia no superadas hacia el padre o hacia otros hombres que hayan maltratado a la paciente (véase A. Miller 1981, págs. 94-102). Si se defiende a las madres como a víctimas inocentes, la paciente no podrá tampoco descubrir que, de haber tenido una madre amante, protectora, atenta y valiente, el padre o el hermano jamás podrían haberla maltratado. La niña a quien su madre haya enseñado que es digna de ser protegida sabrá hallar amparo también en personas desconocidas y será capaz de defenderse por sí misma. Si ha aprendido lo que es amor,

no caerá en la trampa de un amor fingido. Pero la niña que sólo recibió rechazo y educación, que nunca recibió un afecto tranquilizador, no sabe que también puede existir un afecto tras el que no se oculte la explotación. Para no sucumbir, se ve obligada a aceptar todas las ofertas de afecto. En determinadas circunstancias, permitirá que se abuse sexualmente de ella con tal de hallar algo de cariño y calor humano. Más tarde, de adulta, se dará cuenta de que se le negó engañosamente el amor que necesitaba, y quizá se avergonzará de sus antiguas necesidades y se sentirá culpable por ello. Se culpabilizará a sí misma porque no se atreverá a culpabilizar a la madre que dejó insatisfechas sus necesidades infantiles o quizás incluso las desaprobó.

Los psicoanalistas toman al padre bajo su protección trivializando los abusos sexuales sufridos por el niño mediante el complejo de Edipo o de Electra, mientras que algunas terapeutas feministas idealizan a la madre, dificultando con ello el acceso a las primeras experiencias traumáticas que tienen origen en ella. Ambas cosas pueden conducir a un callejón sin salida, pues la disipación de los dolores sólo es posible cuando se es capaz de ver y aceptar la plena realidad de los hechos. Pero hay también otras terapias en las que la exclusión de la verdad no obedece a motivos ideológicos, sino al hecho de que no se pone a disposición del paciente los instrumentos necesarios para la investigación de sus sentimientos y la comprobación de sus hipótesis. Ni siquiera los más intensos reproches contra los padres le ayudarán a liberarse mientras la verdad permanezca oculta. Eso es lo que ocurrirá en el caso de que el niño, por ejemplo, tuviera un padre en cuya pre-

sencia no le estaba permitido abrir la boca sin ser interrumpido y atropellado. En determinadas circunstancias, a ese paciente le será durante largo tiempo imposible enfrentarse al padre y formular sus reproches. Los sentimientos liberados se orientan en primer lugar hacia la madre, que ejerció sobre el niño una violencia menos intensa. También puede suceder al revés, es decir, que el padre aterrorizara al niño en menor medida que la madre, y que el paciente reproche al padre cosas que hizo la madre, sin darse cuenta de este error, porque las vivencias primeras permanecen inaccesibles. Así se produce, por miedo, por un reflejo de autodefensa, una imagen *desfigurada* del pasado. En el transcurso de la terapia será posible corregir esas desfiguraciones si la terapia está enfocada hacia el descubrimiento de la realidad. En tal caso, el terapeuta sabrá que su paciente sólo puede hacerle reproches a aquel de sus progenitores en el que tenía un mínimo de confianza, y no a aquel ante el que se sentía paralizado por el terror. Le hará descubrir su verdadera historia, para que *no culpe a quien no es culpable*, sino a quien realmente lo merece, y por hechos que *realmente sucedieron*. Pues nadie se hace libre culpabilizando a personas que en realidad no le hicieron ningún daño. Con acusaciones difusas e imprecisas contra personas sustitutivas, el paciente no logrará una mejoría de su situación, sino que muy posiblemente seguirá prisionero de una funesta confusión (véase A. Miller 1988a, págs. 9-78). En cambio, se liberará si es capaz de defenderse en los casos en que ello sea necesario y adecuado. Cuanto más realista sea una persona, cuanto más libre esté de manipulaciones ideológicas y teóricas, tanto más fácilmente lo logrará.